

EDILSON TARGINO DE MELO FILHO

(Re) visitando a teoria de valor:
análise da produção acadêmica sobre a teoria do valor na base de dados
Scopus

Tese de Doutorado
Agosto 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - PPGCI

EDILSON TARGINO DE MELO FILHO

(Re) visitando a teoria de valor:
análise da produção acadêmica sobre a teoria do valor na base de dados Scopus

RIO DE JANEIRO

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - PPGCI

EDILSON TARGINO DE MELO FILHO

(Re) visitando a teoria de valor:
análise da produção acadêmica sobre a teoria do valor na base de dados Scopus

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Marco André Feldman Schneider

Coorientador: Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves

RIO DE JANEIRO
2019

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M528e Melo Filho, Edilson Targino de.
(Re) visitando a teoria de valor: análise da produção acadêmica sobre a teoria do valor na base de dados Scopus / Edilson Targino de Melo Filho. — Rio de Janeiro, 2019. 177f.: il. color.

Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2019.
Orientador: Marco André Feldman Schneider.
Coorientador: Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves.
Referências: p. 161-166.

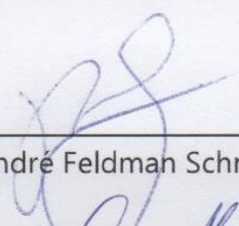
1. Ciência da Informação. 2. Teoria do valor. 3. Karl Marx. 4. Estudos bibliométricos. I. Título. II. Schneider, Marco André Feldman. III. Alves, Edvaldo Carvalho.

EDILSON TARGINO DE MELO FILHO

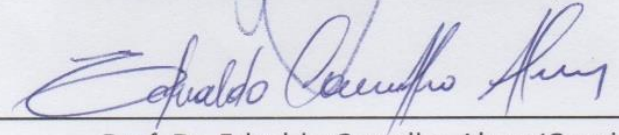
(Re) visitando a teoria de valor: análise da produção acadêmica sobre a teoria do valor na base de dados Scopus

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

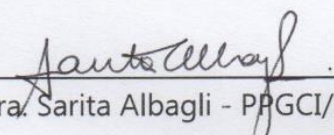
Aprovado em: 23/08/2019.



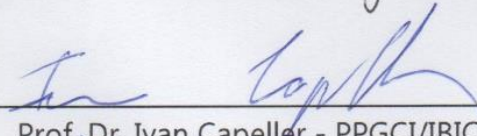
Prof. Dr. Marco André Feldman Schneider (Orientador) - PPGCI/IBICT – ECO/UFRJ



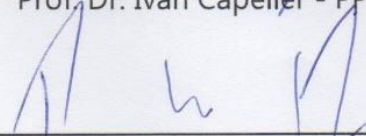
Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves (Coorientador) - PPGCI/UFPB



Profa. Dra. Sarita Albagli - PPGCI/IBICT – ECO/UFRJ



Prof. Dr. Ivan Capeller - PPGCI/IBICT – ECO/UFRJ



Prof. Dr. Pablo Nabarrete Bastos - PPGMC-UFF



Prof. Dra. Bruna Silva do Nascimento – PPGB/UNIRIO

Aos meus pais os maiores incentivadores dessa
empreitada.

Ao meu pai Edilson Targino de Melo (*in memoriam*).

À minha mãe Maria Silva de Melo.

Às minhas irmãs Raquel Melo e Rute Melo.

Às sobrinhas e afilhadas Sophia Melo e Ayla Valentini.

Ao sobrinho Sanderli Enarê,

AGRADECIMENTOS

Recordar das pessoas que nos ajudaram durante a jornada é um exercício válido, mas nem sempre feito com as devidas honras. Destacar nessas poucas linhas os gestos de carinho não representa a totalidade da gratidão que sentimos pelos momentos vividos, mas sobretudo pelas ausências sentidas. Aqui as lágrimas descem, simbolizando todo o afago e reconhecimento por todos/as que estiveram comigo nesta jornada.

Apesar de correr o risco de esquecer de citar alguns nomes, debruçar sobre essas lembranças me faz perceber que nunca estamos sozinhos, mesmo com a solidão desse processo. Aos que por ventura esqueci, peço que me perdoem.

Agradeço:

Ao meu pai, **Edilson Targino de Melo** (*in memoriam*), o principal incentivador desta jornada, ressoa aos ouvidos sua voz dizendo que o melhor caminho eram os estudos, mesmo passado 21 anos da sua partida, de forma trágica e abrupta, suas memórias permanecem vivas até hoje.

À minha mãe, **Maria Silva de Melo**, entre tantas marias a mais guerreira que conheço, soube educar seus filhos ensinando amor e respeito ao próximo.

À minha irmã, **Raquel Maria Silva de Melo**, também bibliotecária, certamente o principal motivo de ter escolhido esta profissão. Obrigado por compreender as ausências, o estresse, o desânimo, mas ainda obrigado pelo incentivo. Aos meus sobrinhos **Sophia Melo** e **Sanderli Enarê** que apesar não compreenderem as tamanhas dificuldades desta jornada, inclusive as faltas como tio, compreenderão algum dia o que foi feito. Agradeço ao cunhado, **José Francisco**, apesar das divergências políticas também torceu para o sucesso desta jornada.

À minha irmã, **Rute Silva de Melo**, obrigado pelo apoio e incentivo de sempre, pelas conversas e até pelas ligações que poderiam ter sido evitadas e enviadas como mensagens (kkk). À minha sobrinha, **Ayla Valentini**, o abraço e o sorriso a cada

chegada sempre motivaram a continuar. Ao cunhado, **Francisco Guilherme**, obrigado pela torcida.

Encerrando a parte com os familiares gostaria de ressaltar e agradecer a todos tias e primos que torceram para que tudo desse certo, sempre acreditaram nesse membro da família que encerra mais uma etapa da vida acadêmica.

Ao meu orientador, **Marco Schneider**, obrigado por me aceitar e acreditar que era possível, mesmo quando tinha perdido todas as esperanças.

Ao coorientador, **Edvaldo Carvalho**, agradeço a parceria que vem desde os tempos da graduação.

Aos membros da banca que gentilmente aceitaram o convite para participar deste momento, Profa. Dra. **Sarita Albagli**, Prof. Dr. **Ivan Capeller**, Prof. Dr. **Pablo Nabarrete Bastos**, Prof. Dra. **Bruna Silva do Nascimento** obrigado pela disponibilidade e por contribuírem para o aperfeiçoamento da pesquisa. Agradeço igualmente aos professores que participaram da qualificação e puderam contribuir com o desenvolvimento desta Profa. **Sarita Albagli**, Prof. **Ivan Capeller** e Prof. **Rodrigo Moreno Marques**.

À **Leyde Klébica**, sua generosidade com quem está próximo é incrível. Aprendi muito contigo, obrigado por estar sempre comigo, pelos passeios, pelas risadas, pela vida compartilhada e partilhada.

Ao **Jobson Minduim**, obrigado por acreditar sempre, incentivando a cada mensagem, na alegria e no bom humor aprendi que os amigos são a força do seu sucesso.

À **Dayana Pessoa**, agradeço a irmandade, a compreensão e o incentivo. As palavras honestas, duras e carinhosas me fizeram entender ao longo desse tempo de amizade que somos mais que amigos, somos presentes, somos irmãos.

À minha grande amiga e agora cumadre, **Robéria Andrade**, as longas conversas e jornadas à procura de emprego público só fizeram reforçar ainda mais esse laço de fraternidade. Conquistado nosso lugar à sombra, podemos então desfrutar de todas as vitórias que as batalhas nos renderam. Ao pequeno, **Heitor**, meu afilhado mais novo,

a quem amo com todo carinho e gratidão. Ao cumpadre, **Wellington Campos**, obrigado pela torcida.

Às amigas desde o tempo da graduação sempre torcem e mandam energias **Helloyse Villar** e **Estela Santos** somos um grupo que partilha a vida e as partes de cada trabalho acadêmico.

À **Tatiana Fernandes**, a capivara manauara mais legal de todas. Agradeço a abertura da oca para recepção dos semestres, foram muitas risadas, momentos de pura diversão que tornaram essa jornada mais leve. Obrigado pelos áudios de 6 minutos explicando sobre o software, muito me ajudaram no desenvolvimento desta pesquisa.

À **Iara Vidal**, que muito me honra com essa amizade deliciosa e cheia de conhecimentos. Agora está registrado para posteridade que sou amigo de Iara Vidal que faz qualquer coisa melhor que todo mundo, até mesmo ser pega no gemidão do whatsapp.

À **Nádia Santos**, a carioca mais paulista do paraná que você conhece e respeita, até a segunda página. Obrigado pelo carinho e pela diversão, pela companhia e partilha, por todos os momentos que causaram inveja e indignação no grupo (rsss).

A **Erinaldo Dias**, o doutorado me proporcionou a alegria de conviver e conhecer mais de perto esse meu amigo que trouxe diversão para os momentos que estivemos juntos, mesmo que o convívio tenha sido rápido demais, apenas algumas horas por semana, me rendeu o carinhoso apelido de ouvinte.

À **Ilaydiany Silva**, a esposa acadêmica que essa jornada me reservou. Obrigado pela alegria do convívio, da serenidade no olhar e dos conhecimentos partilhados.

À **Andrea Doyle**, umas das pessoas mais generosas que conheci nessa trajetória. Agradeço por abrir as portas de sua casa, por me receber no Natal com a família, por me acolher como amigo (ehhh).

A todos e todas amigos e amigas que fiz durante esse processo, gratidão e sucesso a todos: **André Appel, Priscila Corbo, Dayo Corbo, Bruna Cajé, Thayron Rangel, Larriza Thurler, Bianca Rihan, Cláudia Veras.**

Aos amigos e amigas que fiz no IFPE que aturaram minhas lamentações no início dessa jornada: **Arabelly Ascoli, Petrônio Pereira, Jaqueline Alves, Adna Sena, Andrea Cardoso, Jane Miranda, Alane Dantas, Priscylla Bezerra, Álvaro Duarte, Romerito Arcoverde.**

Aos amigos e amigas da UFPB, instituição que voltei a frequentar, dessa vez como bibliotecário, sobretudo os que fazem parte da Biblioteca Setorial Francisco Tancredo Torres em especial **Juccia Oliveira e Mayara Virginia.**

À Direção do CCA/UFPB que permitiu o afastamento nos últimos meses para conclusão do doutorado.

Agradeço também a oportunidade de sempre estudar em escola pública, universidade pública. Os investimentos que foram feitos em educação nos últimos anos foram fundamentais para permitir não somente o meu acesso a esses espaços, mas de uma grande parcela da população, filhos e filhas da classe trabalhadora que tiveram a oportunidade de ter e lutar por um ensino público, gratuito e de qualidade.

Enfim, agradeço inclusive àqueles que nos enxergam como medíocres ou incapazes de buscar um sonho, de alcançar um objetivo a todas e todos meu muito obrigado. Certamente, a energia dos que torciam favorável foi superior e determinante para tornar realidade essa pesquisa.

Todo começo é difícil: isso vale para qualquer ciência. (KARL MARX, 1867, O Capital, p. 124)

RESUMO

MELO FILHO, Edilson Targino de. **(Re) visitando a teoria de valor de Marx:** análise da produção acadêmica sobre a teoria do valor na base de dados Scopus. 2019. 169f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2019.

Esta pesquisa estuda a produção científica sobre a teoria do valor de Karl Marx publicada na base de dados Scopus. Apresenta as principais categorias da teoria do valor, abordando seus conceitos e definições, traçando a interlocução com a Ciência da Informação. Traz uma exposição dos conceitos de trabalho imaterial, capitalismo cognitivo e trabalho informacional. De maneira geral, analisa a produção científica sobre a teoria do valor, em termos dos artigos publicados em periódicos, representada na base de dados Scopus, objetivando, especificamente, conhecer o mapa dessa produção e configuração da rede de palavras. Parte da hipótese de que as categorias básicas da teoria do valor são amplamente utilizadas e reforçam a conjectura de que são utilizadas para confrontar as ideias de geração, acumulação, apropriação de riqueza e valor. É uma pesquisa quali-quantitativa, com abordagem descritiva. Utiliza como instrumento de coleta de dados protocolos de busca e recuperação de informações. Adota como metodologia de análise dos dados o método bibliométrico de análise de coocorrência de palavras. Os resultados sinalizam para uma concentração da produção científica em países desenvolvidos. O principal periódico de compartilhamento desse conhecimento foi *Cambridge Journal of Economics*, vinculado à Universidade de Oxford. Os mapas de coocorrência de palavras registram um alto índice dos termos Marx, marxismo, teoria econômica, valor. Conclui-se que este estudo permitiu conhecer o panorama da produção científica sobre a teoria do valor de Karl Marx e suas nuances de pesquisas a partir da produção indexada na base de dados Scopus.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Teoria do valor. Karl Marx. Estudos bibliométricos.

ABSTRACT

MELO FILHO, Edilson Targino de. **(Re) visiting Marx's theory of value**: analysis of academic production on the theory of value in the Scopus database. 169f. 2019. Thesis (Doctorate in Information Science) - Post-graduation Program in Information Science, Federal University of Rio de Janeiro - Brazilian Institute of Information in Science and Technology, Rio de Janeiro, 2019.

This research studies the scientific production on the value theory of Karl Marx's published indexed in Scopus database. It presents the main categories theory of value, approaching its concepts and definitions and tracing the interlocution with Information Science. It presents an exposition of the concepts of immaterial labor, cognitive capitalism and informational work. In general, it analyzes the scientific production on the theory of value, in terms of the articles published in journals, indexed in Scopus database specifically aiming to map this production and the words network. Based on the hypothesis that the basic categories of theory of value are widely used and reinforce the conjecture that this theory is used is to confront ideas of generation, accumulation, appropriation of wealth and value. It is a qualiquantitative research, with a descriptive approach. It uses information retrieval and retrieval protocols as an instrument for collecting data. It adopts as methodology of data analysis the bibliometric method of word co-occurrence. The results signal to a concentration of scientific production in developed countries, the main journal for sharing this knowledge is Cambridge Journal of Economics, linked to Oxford University. The maps of co-occurrence of words register a high presence of the terms Marx, Marxism, economic theory, value. It is concluded that this study allowed to know the panorama of the scientific production on Karl Marx's theory of value and its nuances of research from the production indexed in Scopus database.

Keywords: Information Science. Theory of value. Karl Marx. Bibliometric studies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Filtro para palavras-chave da Base Scopus sobre teoria do valor	31
Figura 2 - Formato e conteúdo de exportação dos dados	34
Figura 3 - Visualização do mapa de densidade	37
Figura 4 - Exemplo de tesauro para desambiguação de termos.....	40
Figura 5 - Demonstração das especificidades do tipo de análise e método de contagem no VOSviewer	40
Figura 6 – Filtro por área de conhecimento	79
Figura 7 – Rede de coocorrência de palavras-chaves indexadas pelos autores, 1998- 2002	92
Figura 8 - Rede de coocorrência de palavras-chaves indexadas pela base Scopus, 1998-2002	93
Figura 9 - Temporalidade da rede de coocorrência de palavras, baseada na indexação dos autores, 1998-2002.....	95
Figura 10 - Temporalidade da rede de coocorrência de palavras, baseada na indexação da base Scopus, 1998-2002.....	96
Figura 11 – Densidade dos termos de acordo com a coocorrência de palavras indexadas pelos autores, 1998-2002	97
Figura 12 - Densidade dos termos de acordo com a coocorrência de palavras indexadas pela base Scopus, 1998-2002	98
Figura 13 – Rede de coocorrência de palavras-chaves indexadas pelos autores, 2003- 2007	104
Figura 14 - Rede de coocorrência de palavras-chaves indexadas pela base Scopus, 2003-2007	105
Figura 15 - Temporalidade da rede de coocorrência de palavras, baseada na indexação dos autores, 2003-2007	107
Figura 16 - Temporalidade da rede de coocorrência de palavras, baseada na indexação da base Scopus, 2003-2007.....	108

Figura 17 - Densidade dos termos de acordo com a coocorrência de palavras indexadas pelos autores, 2003-2007	109
Figura 18 - Densidade dos termos de acordo com a coocorrência de palavras indexadas pela base Scopus, 2003-2007	110
Figura 19 - Rede de coocorrência de palavras-chaves indexadas pelos autores, 2008-2012	115
Figura 20 - Rede de coocorrência de palavras-chaves indexadas pela base Scopus, 2008-2012	117
Figura 21 - Temporalidade da rede de coocorrência de palavras, baseada na indexação dos autores, 2008-2012	118
Figura 22 - Temporalidade da rede de coocorrência de palavras, baseada na indexação da base Scopus, 2008-2012.....	119
Figura 23 - Densidade dos termos de acordo com a coocorrência de palavras indexadas pelos autores, 2008-2012.....	121
Figura 24 - Densidade dos termos de acordo com a coocorrência de palavras indexadas pela base Scopus, 2008-2012	122
Figura 25 - Rede de coocorrência de palavras-chaves indexadas pelos autores, 2013-2017	128
Figura 26 - Rede de coocorrência de palavras-chaves indexadas pela base Scopus, 2013-2017	131
Figura 27 - Temporalidade da rede de coocorrência de palavras, baseada na indexação dos autores, 2013-2017	133
Figura 28 - Temporalidade da rede de coocorrência de palavras, baseada na indexação da base Scopus, 2013-2017.....	134
Figura 29 - Densidade dos termos de acordo com a coocorrência de palavras indexadas pelos autores, 2013-2017	135
Figura 30 - Densidade dos termos de acordo com a coocorrência de palavras indexadas pela base Scopus, 2013-2017	136

Figura 31 - Coocorrência de Palavras-chave (Author Index) – 1998-2017	143
Figura 32 - Coocorrência de Palavras-chave (Author Index) Overlay – 1998-2017	144
Figura 33 - Origem das citações.....	145
Figura 34 - Cocitação Authors (1998-2017) min. Strength 4	146

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tipologia das publicações sobre a temática teoria do valor no período de 1998-2017.....	78
Gráfico 2 – Distribuição de artigos por ano e periódico, 1998-2002.....	88
Gráfico 3 – Filiação institucional dos autores, 1998-2002.....	89
Gráfico 4 – Documentos por país, 1998-2002.....	90
Gráfico 5 – Documentos por autor, 1998-2002	90
Gráfico 6 – Distribuição de artigos por ano e periódicos, 2003-2007	99
Gráfico 7 – Filiação institucional dos autores, 2003-2007.....	100
Gráfico 8 – Documentos por país, 2003-2007	101
Gráfico 9 – Documentos por autor, 2003-2007	101
Gráfico 10 – Distribuição de artigos por ano e periódico, 2008-2012	111
Gráfico 11 - Filiação institucional dos autores, 2008-2012.....	112
Gráfico 12 - Documentos por país, 2008-2012.....	112
Gráfico 13 - Documentos por autor, 2008-2012	113
Gráfico 14 - Distribuição de artigos por ano e periódico, 2013-2017.....	123
Gráfico 15 - Filiação institucional dos autores, 2013-2017.....	124
Gráfico 16 – Documentos por país, 2013-2017	125
Gráfico 17 - Documentos por autor, 2013-2017	125
Gráfico 18 - Documentos por autor, 1998-2017	138
Gráfico 19 - Relação autores x artigos, 1998-2017.....	139
Gráfico 20 - Países mais produtivos, 1998-2017	140
Gráfico 21 - Filiação institucional dos autores, 1998-2017.....	141
Gráfico 22 - Relação Instituição x artigos, 1998-2017.....	142

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Termos utilizados na estratégia de busca.....	30
Quadro 2 - Protocolo de busca para levantamento de dados na Scopus sobre a teoria do valor (1998-2017)	32
Quadro 3 - Protocolo de busca para levantamento de dados na Scopus sobre teoria do valor, trabalho imaterial, capitalismo cognitivo e capitalismo informacional (1998-2017)	33
Quadro 4 - Matriz de conceitos sobre do trabalho imaterial	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Total de publicações e de artigos por ano e quinquênio sobre a Teoria do valor, indexados na base de dados Scopus, 1998 a 2017.....	80
Tabela 2 – Periódicos que apresentaram maior número de artigos indexados no período 1998 a 2017	81
Tabela 3 – Total de periódicos por quinquênio e periódicos com maior número de trabalhos publicados, indexados na base de dados Scopus, 1998-2017....	83
Tabela 4 - Relação dos autores mais produtivos.....	137

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	28
2.1	A BASE DE DADOS SELECIONADA	29
2.2	PROCEDIMENTO PARA COLETA DOS DADOS	29
2.2.1	Software utilizado: VOSviewer	34
2.3	PLANO DE ANÁLISE DOS DADOS	37
2.3.1	Análise de coocorrência de palavras-chave	38
3	(RE) VISITANDO A TEORIA DO VALOR DE KARL MARX	42
3.1	FETICHISMO DA MERCADORIA E INFORMAÇÃO	46
3.2	CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DA TEORIA DO VALOR	48
4	TEORIAS DA INFORMAÇÃO COMO VALOR	63
5	MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE TEORIA DO VALOR NA BASE DE DADOS SCOPUS	77
5.1	EVOLUÇÃO TEMPORAL DAS PUBLICAÇÕES E ARTIGOS	77
5.2	MAPAS DA PRODUÇÃO SOBRE A TEORIA DO VALOR POR QUINQUÊNIO	86
5.2.1	Análise da produção científica sobre teoria do valor no período 1998-2002	88
5.2.2	Análise da produção científica sobre teoria do valor no período 2003-2007	99
5.2.3	Análise da produção científica sobre a teoria do valor no período 2008-2012	110
5.2.4	Análise da produção científica sobre teoria do valor no período 2013-2017	122
5.2.5	Análise do quadro geral da produção científica sobre teoria do valor no período 1998-2017	136
5.3	DISCUSSÃO DOS DADOS	147
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
	REFERÊNCIAS	161

APÊNDICE A – LISTA DOS PRINCIPAIS PERIÓDICOS QUE APRESENTARAM MAIOR PRODUÇÃO	167
APÊNDICE B – TERMOS QUE FORAM EXCLUÍDOS DO TESAURO	169

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa científica livre, no domínio da economia política, não encontra apenas adversários da natureza daqueles que se encontram também em outros domínios. A natureza peculiar da matéria que versa levanta contra ela as mais violentas, as mais mesquinhas e as mais odiosas paixões, as fúrias do interesse privado. (MARX, 2014, p. 18).

O desenvolvimento das ciências requer a análise de um corpo teórico que está ligado, entre convergências e divergências, a diferentes métodos, hipóteses e procedimentos de pesquisas. Evidencia-se, nesses momentos, o fato das posições teóricas estarem relacionadas a determinados interesses de classes e grupos sociais.

A Economia Política surge com uma abordagem de questões ligadas a interesses materiais, econômicos e sociais, e nesse sentido, as suas teses e conclusões estão sempre conectadas a interesses de grupos e classes sociais (PAULO NETTO; BRAZ, 2012). Embora a Economia Política tenha se constituído e sistematizado enquanto campo teórico a partir, principalmente, do século XIX, ela se desenvolveu ao longo dos séculos XVII e XVIII, do pioneirismo de Antoine Montchrétien (1575-1621), com sua obra *Traité de l'Économie Politique*, passando por pensadores como Willaim Petty (1623-1687), na Inglaterra, e Pierre de Boisguillebert (1646-1714), na França.

Os maiores representantes da Economia Política clássica, Adam Smith (1723-1790) e David Ricardo (1772-1823), apresentam duas características centrais da teoria que indicam o compromisso sociopolítico da Economia Política clássica.

A primeira delas refere-se ao interesse pela compreensão do conjunto das relações sociais que emergiam da crise das instituições da feudalidade ocidental (Antigo Regime), almejando abarcar o modo de funcionamento da sociedade que estava surgindo a partir dessa crise. Assim, erguia-se uma teoria social que buscava oferecer uma visão de conjunto da vida social.

A segunda característica está relacionada à forma como eram tratadas as principais categorias e instituições econômicas (dinheiro, capital, lucro, salário,

mercado, propriedade privada etc.). Essas categorias e instituições eram naturalizadas, ou seja, uma vez descobertas pela razão humana e instauradas na vida social, eram tratadas como se fossem eternas e invariáveis na sua estrutura fundamental (PAULO NETTO; BRAZ, 2012).

A crise da Economia Política clássica altera profundamente a relação da burguesia com a cultura ilustrada. O modo como a economia burguesa enfrentava o problema da riqueza social (ou da criação de valores), ou seja, considerando o valor como produto do trabalho, é suficiente para indicar essa alteração. Os pensadores voltados ao proletário começaram a retirar, dessa relação, perspectivas socialistas.

Assim, a teoria do valor-trabalho, que fora uma arma da burguesia contra o Antigo Regime, torna-se uma crítica ao regime burguês e serve para demonstrar o caráter exploratório do capital.

Nesta perspectiva, entendemos que a Economia Política analisa o processo de produção capitalista na sua forma social, na totalidade das relações de produção que constituem a estrutura econômica do capitalismo, como destaca Rubin (1987). Do nosso ponto de vista histórico atual, podemos perceber que a informação e o conhecimento que sempre foram basilares para as revoluções sociais, políticas e científicas vão ganhando cada vez mais centralidade na dinâmica da sociedade capitalista.

É inegável que tal afirmação seja uma realidade concreta da sociedade hodierna e suas implicações trouxeram ao cerne do debate sobre a teoria do valor argumentos que por um lado descaracterizam os conceitos da teoria, sobretudo no que concerne ao discurso da validade desses conceitos para explicar a subsunção do trabalho pelo capital e, por conseguinte, a exploração e precarização do trabalho. Por outro lado, reforçam a ideia de que as discussões travadas nas diversas áreas do conhecimento sobre o surgimento e consolidação das tecnologias de informação e comunicação sugere uma mutação nos padrões de geração, acumulação, apropriação de riqueza e valor.

Essas transformações pressupõem uma transfiguração do ambiente cultural, um novo relacionamento entre informação e conhecimento, marcado pela presença crescente das tecnologias de informação e comunicação na sociedade. Temos então uma economia política voltada para a produção e circulação de saberes, além de uma aproximação do trabalho de pesquisa com a inovação tecnoindustrial (JEANNERET, 2012).

É relevante destacar o processo de apropriação de conhecimentos e informações a partir das redes simbólicas de informação que permite trocas comunicacionais e cognitivas entre os sujeitos. Com as significativas inovações produtivas, sociais e organizacionais as relações sociais de produção têm sido ressignificadas.

Para Albagli e Maciel (2011) a centralidade que a informação, o conhecimento e as tecnologias desempenham nesse processo favorece novas formas de produção, uso e circulação de bens intangíveis. As autoras destacam que não há um consenso sobre a direção que essas inovações representam nas mudanças estruturais dos padrões de geração, acumulação e apropriação de riqueza e valor.

O desenvolvimento da economia capitalista caracteriza-se, desde sua gênese, pela mercantilização das atividades sociais (HERSCOVICI; BOLÃO; MASTRINI, 2000). A informação e a comunicação representam, do ponto de vista teórico, a condição de existência do mercado. Neste sentido, o processo de globalização da sociedade acarretou fortes mudanças nos processos sociais de produção, que vão desde as relações mercantis à atuação dos profissionais no mercado.

Com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação o mercado passou a valorizar um capital dito imaterial que está centralizado no ser humano, na capacidade cognitiva que o ser humano tem de produzir bens e serviços. No atual modelo de produção, o conhecimento é visto como a principal força produtiva. A crise preconizada por Marx já admitia que a riqueza (capital econômico) iria depender cada vez mais da ciência e do avanço das tecnologias. André Gorz (2005,

p. 16) afirma que “não importa a ciência ou conhecimento, mas a inteligência, a imaginação e o saber que, juntos, constituem o ‘capital humano’”.

Destacado o contexto histórico-social, a pesquisa parte da hipótese de que as categorias básicas da teoria do valor ainda são amplamente utilizadas seja para confrontar as ideias de geração, acumulação, apropriação de riqueza e valor diante das novas configurações do capitalismo, seja para abordar essas configurações ressignificando as novas formas de exploração e precarização do trabalho. Assim, a presença da teoria do valor na produção acadêmica indicaria que esse arcabouço teórico ainda é válido para alicerçar os fundamentos das discussões sobre a Economia Política.

A forma como surgem os novos desenhos geopolíticos, a definição de novas forças produtivas, as novas relações de trabalho aliadas à redefinição de paradigmas societários têm conduzido parte da academia para uma atualização das teorias marxistas. Apresentar esse conjunto da produção científica torna-se um desafio ao passo que se observa uma multiplicação de conceitos que não garante uma compreensão mais consistente da dinamicidade socioeconômica diante do papel desempenhado pela informação e pelo conhecimento.

Diante dos argumentos apresentados nos deparamos com a seguinte problematização **como está configurada a produção científica sobre a teoria do valor, em termos dos artigos de periódicos?**

A Economia Política da Informação e do Comunicação, campo que advém da Economia Política clássica, inclui diversas abordagens teóricas que inserem a informação e o conhecimento no centro das dinâmicas socioeconômicas. Especificamente, a Ciência da Informação (CI), tem se interessado cada vez mais pelo tema desde que ganhou novos contornos, que a transformaram epistemologicamente e modificaram o seu papel político, educacional, social e cultural (PINHEIRO, 2013, p. 25).

Dada a crescente ubiquidade e centralidade da informação tecnologicamente mediada em todas as esferas da vida contemporânea, bem como a obrigação por si só

evidente da Ciência da Informação de investigar esse fenômeno, em suas diversas nuances, entendemos que a pesquisa se justifica, de um lado, pela necessidade de amadurecimento do debate teórico crítico em torno da relação entre informação, valor e trabalho, e, de outro, na medida em que o amadurecimento do debate deve contribuir para uma compreensão mais acurada do processo histórico em curso. Esta base pode sustentar a formulação de políticas de informação mais eficazes no sentido emancipatório, ou seja, políticas voltadas para o fortalecimento da cidadania.

Essa nova configuração da Ciência da Informação abriu o leque de possibilidades para novos temas de investigação, entre os quais a própria Economia Política da Informação e do Comunicação. A articulação com as ciências sociais e a ciência política demonstra que a interdisciplinaridade é transformadora e essencial para compreender as fronteiras epistêmicas da Ciência da Informação (PINHEIRO, 2013, p. 25).

Destarte, em concordância com o percurso teórico que orienta esta pesquisa, referencia-se como objetivo geral: **analisar a produção científica sobre a teoria do valor de Marx indexada na base de dados Scopus entre 1998 e 2017**. E como desmembramento e encadeamentos os objetivos específicos:

- a) extrair os principais conceitos e fundamentos da teoria do valor de Marx;
- b) apontar as principais correntes teóricas que tratam a informação como valor;
- c) identificar os autores mais produtivos;
- d) mapear os periódicos mais devotadas ao tema;
- e) avaliar a colaboração científica empreendida a partir do tema;
- f) apreciar séries temporais e o quadro geral da produção científica sobre a teoria do valor.

Os espaços de produção cognitiva e informacional podem também ser considerados os meios pelos quais os sujeitos desenvolvem seu trabalho imaterial. As relações (inter)subjetivas, as energias intelectuais dispensadas ao trabalho, a organização produtiva como fluxo de informações constituem, dentre outros, os aspectos intangíveis da produção imaterial do trabalho.

Nesse sentido, esses aspectos se tornam engrenagem que move as discussões em torno da valorização do trabalho, apesar do seu caráter imaterial. Ampliando, assim, as perspectivas de pesquisas e estudos voltados para desenvolvimento de teorias que tenham como objeto a natureza capitalista do processo de produção da informação.

As atuais configurações da sociedade capitalista indicam a emergência de novos desenhos sociais, políticos e econômicos. Do ponto de vista da informação, analisar o pensamento marxista na área é perceber que, apesar da tradição tecnicista e operacional da Ciência da Informação e das áreas mais relacionadas como a Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, houve um espaço para construções e problematizações de natureza crítica.

Como destaca Araújo (2014, p. 191), "é possível identificar a presença de estudos e teorizações fundamentadas em ideias marxistas". Essas perspectivas contemporâneas de pesquisa evidenciam que, apesar de ainda existir uma grande quantidade de estudos voltados exclusivamente para questões técnicas, os quadros teóricos mais complexos presentes nas teorias recentes têm conduzido à necessidade de se contemplar a historicidade das técnicas, o pertencimento sociocultural dos sujeitos. (ARAÚJO, 2014, p. 211).

Abordagens como os estudos hermenêuticos de Capurro (2003) e de Cornelius (1996), os estudos em "análise de domínio" (HJORLAND; ALBRECHTSEN, 1995), os estudos sobre "regimes de informação" (FROHMANN, 2008) e a perspectiva realista-dialética da informação (RENDÓN ROJAS, 2005) destacam a ideia de intersubjetividade construída em torno de um paradigma "social" de estudo da informação. Outros estudos mais recentes como trabalho informacional e capital-Informação (ORMAY,

2018), ou sobre a polarização do conhecimento e intelecto geral (MARQUES, 2014), demonstram o esforço da área em constituir um campo científico que inclui uma reflexão crítica a partir da perspectiva marxista.

Esta pesquisa, portanto, é mais um esforço, uma vontade de exercer e praticar um pensamento marxista na Ciência Informação abordando as questões das categorias clássicas da teoria do valor, relacionando-as com a área. Sobretudo, a partir de um estudo bibliométrico, ou seja, por meio de um método que constitui o núcleo duro da Ciência da Informação, identificar a presença dessas categorias na produção científica na base de dados Scopus.

Por fim, considerando que toda ciência social tem seu caráter intelectual político e moral (WALLERSTEIN, 2007), esta pesquisa pretendeu navegar por esses aspectos. Exercitamos um esforço ético e científico na abordagem teórico-metodológica que tem a pretensão de colocar em destaque o conhecimento produzido, a partir de uma perspectiva crítica na ótica do pensamento marxista.

Ademais, alguns conceitos emergem da discussão sobre a teoria do valor, sobretudo porque têm como objetivo explicar dar conta da nova configuração contraditória de desenvolvimento do capitalismo, algumas dessas categorias seguem descritas aqui e aparecem nos resultados da pesquisa. São elas:

- I. Capital-informação (Information-capital) - É o valor da mercadoria considerado a partir do conteúdo "estético" ou informacional, ou seja, para o trabalho concreto semiótico de produção do conteúdo. Uma produção de valor direcionada mais para atender a necessidades humanas simbólicas do que instrumentais. (DANTAS, 1999; 2011).
- II. Capitalismo cognitivo (Cognitive capitalismo) - De acordo com Moulier-Boutang (2011b), é um sistema de acumulação de riquezas que está apoiado em transformações que afetam a forma do valor, sua substância e a mais-valia.

A acumulação estaria vinculada ao conhecimento, à criatividade e às formas de investimento imaterial.

- III. Capitalismo informacional (Information capitalism) - Período pós-fordista, denominado por Dantas (1994), em que a economia capitalista voltada para o trabalho simples reconfigurou a produção conferindo centralidade ao trabalho informacional de recuperar, processar, registrar, e comunicar informação. Apesar da denominação, o autor demonstra que o que está em questão continua sendo a exploração do trabalho, que, por sua vez, ainda é explicada pela teoria do mais-valor formulada por Karl Marx.
- IV. Trabalho imaterial (Immaterial labor) - Deve ser percebido como um pressuposto da criatividade, como um processo social de criação e de inovação, que não está dissociado do capital, mas que está profundamente enraizado no modelo de produção baseado nas subjetividades (LAZZARATO; NEGRI, 2001). São atividades que dependem essencialmente das energias intelectuais e científicas dos sujeitos que as produzem.
- V. Trabalho informacional (Information work) – é o trabalho semiótico, exclusivo da espécie humana. É o trabalho que busca, seleciona, processa para então registrar e comunicar informação sígnica. É o trabalho concreto, do artista, do cientista, do operário especializado que não se reduz (ou dificilmente pode ser reduzido) a trabalho abstrato (DANTAS, 2016).
- VI. Trabalho intelectual (Intellectual labor) - É a extração do conhecimento do trabalhador e sua incorporação ao capital. É assim denominado, dadas as novas configurações do desenvolvimento capitalista, uma vez que, diante da chamada economia do conhecimento, a produção do valor passa necessariamente, por um momento de criação intelectual, momento este subsumido ao processo global de acumulação do capital (BOLAÑO, 2002).

O estudo está dividido em seis seções, nas quais são discorridos toda a estrutura teórico-metodológica e os resultados da pesquisa.

A parte introdutória contém uma breve contextualização do estudo, a justificativa, problematização e objetivos. Na Seção 2, é apresentada a fundamentação metodológica da pesquisa: a escolha da base de dados, os procedimentos para coleta de dados, uma apresentação do software que foi utilizado para elaboração dos mapas, o plano de análise dos dados e uma explanação sobre a coocorrência de palavras-chave (método utilizado para análise dos dados).

Na Seção 3, chamada (Re)visitando a teoria do valor de Karl Marx, é feita uma discussão sobre a teoria do valor, abordando suas principais categorias e características, relacionando o fetiche da mercadoria com a informação. Já na seguinte, Teorias da informação como valor, são abordados os principais conceitos das teorias do trabalho imaterial, do capitalismo cognitivo e do trabalho informacional.

Na Seção 5, intitulada Mapeamento da produção científica sobre a teoria do valor na base de dados Scopus, são apresentados todos os dados da pesquisa por quinquênio, além da discussão desses dados.

Por fim, na Seção 6, são feitas considerações finais desse estudo, abordando as questões suscitadas durante a pesquisa e trazendo perspectivas de estudos futuros. Em seguida, são apresentadas as referências citadas nesta pesquisa e os apêndices construídos para fundamentar a análise dos dados.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

Não há entrada já aberta para a ciência e só aqueles que não temem a fadiga de galgar suas escarpas abruptas é que têm a chance de chegar a seus cimos luminosos. (MARX, 1872, p. 137).

Nesta seção são apresentados detalhes sobre o percurso metodológico adotado para alcançar o objetivo geral desta pesquisa: analisar a produção científica sobre a teoria do valor, a partir de artigos publicados e indexados na base de dados Scopus, no período de 1998 a 2017.

Mostraremos o conjunto de técnicas bibliométricas que abordam as referências bibliográficas dos itens citados como base para sua análise. As particularidades técnicas aqui descritas são necessárias para a compreensão das análises que serão apresentadas na seção Mapeamento da produção científica sobre a Teoria do valor.

Metodologicamente, esta pesquisa consiste estritamente em levantamento bibliográfico de caráter descritivo, já que se baseia na literatura existente. Ela busca levantar informações de natureza qualitativa sobre a teoria do valor, tendo nas técnicas bibliométricas seu maior alicerce.

A descrição dos procedimentos metodológicos consiste no detalhamento dos métodos selecionados assim como das etapas para o desenvolvimento da parte empírica de uma pesquisa. A primeira definição, a do campo de estudos, tem como resposta, nesta pesquisa, o universo das ciências sociais. Uma vez definido o campo, passamos à extensão a ser estudada: investigar o arcabouço científico acerca de um tema que, entre convergências e divergências, serviu de base teórica para a compreensão das condições de exploração do capital, a teoria do valor.

A partir do campo e do recorte temático, mostramos, a seguir, o detalhamento da coleta de dados, realizada em junho de 2019, que incluiu a seleção da base de dados e do protocolo de busca dos registros que compõem a população de estudo, neste

caso todos os artigos de periódicos científicos publicados e indexados na base de dados.

2.1 A BASE DE DADOS SELECIONADA

A fonte de informação utilizada para a coleta dos dados foi a base Scopus (Elsevier). A Scopus é uma base de dados bibliográfica que abrange várias áreas do conhecimento: artes e humanidades, ciências sociais, engenharia, tecnologia, saúde, matemática, física, química. A base conta com mais de 70 milhões de registros de mais de 5.000 editoras internacionais, incluindo a *Cambridge University Press*, o Instituto de Engenheiros Elétricos e Eletrônicos (IEEE), *Nature Publishing Group*, *Springer*, *Wiley-Blackwell*, *Elsevier*, entre outros; além de diversos *preprints* e artigos no prelo (ou seja, artigos que foram aceitos para publicação, mas ainda não estão disponíveis).

A Scopus é reconhecida pela sua cobertura e sua capacidade de combinações múltiplas possíveis para realizar uma estratégia de busca mais completa e específica. Ademais, é uma base que está disponível no Portal de Periódicos da CAPES, portanto, todas as instituições de pesquisa e ensino no Brasil têm acesso ao seu conteúdo. A Scopus é uma fonte de dados bastante utilizada nos estudos bibliométricos justamente por sua amplitude, oferecendo a facilidade de migrar os dados diretamente para diferentes *softwares*, inclusive o VOSviewer, utilizado neste estudo.

2.2 PROCEDIMENTO PARA COLETA DOS DADOS

A coleta de dados foi realizada na base de dados Scopus da Elsevier, no mês de junho de 2019. A seleção dos termos para o protocolo de busca tomou como ponto de referência a própria revisão de literatura realizada nesta pesquisa sobre a teoria do valor, trabalho imaterial, capitalismo cognitivo e capitalismo informacional, por

entendermos que estes termos, independentemente dos pontos convergentes e divergentes das correntes teóricas que os empregam, estão correlacionados.

Para o levantamento dos dados desta pesquisa realizou-se uma estratégia de busca inicial utilizando os termos em inglês conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Termos utilizados na estratégia de busca

TERMO	TRADUÇÃO
Teoria do valor	Theory of value
Capitalismo cognitivo	Cognitive capitalism
Trabalho imaterial	Immaterial work Immaterial Labor Immaterial Labour
Capitalismo informacional	Information Capitalism

Fonte: elaboração do autor, 2019.

A primeira estratégia de busca foi utilizando apenas o termo "*Theory of value*" nos títulos, resumos e palavras-chave [TITLE-ABS-KEY ("theory of value")].

A partir dessa busca inicial, foram utilizados outros termos que pudessem retornar as informações desejadas dentro do escopo da pesquisa. Considerando que as bases levam em torno de dois anos para consolidar as publicações dos periódicos em seus catálogos a coleta compreendeu um período de 20 anos, entre 1998 e 2017.

Considerando, ainda, o volume e a diversidade de documentos indexados na base, aplicou-se o filtro para o tipo de documento especificado, tipologia artigo. Como a nossa intenção era identificar a produção científica sobre a teoria do valor, ao protocolo de busca foi incorporado o filtro das subáreas: ciências sociais; economia, econometria e finanças; e negócios, gestão e contabilidade¹.

¹ Considerando que essas áreas fazem parte das Ciências Sociais Aplicadas de acordo com a tabela de áreas do conhecimento do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/documents/11871/24930/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf/d192ff6b-3e0a-4074-a74d-c280521bd5f7>.

Por fim, para o protocolo de busca sobre a teoria do valor, aplicou-se o filtro das palavras chaves indicadas pela base, conforme Figura 1.

Figura 1 - Filtro para palavras-chave da Base Scopus sobre teoria do valor

The screenshot shows the Scopus search filter interface. On the left, there is a 'Filter by keyword' section with a list of keywords and their corresponding result counts. The keywords are organized into columns. The first column lists keywords like 'Value', 'Economic Theory', 'Labor Theory Of Value', 'Marx', 'Marxism', 'Theoretical Study', 'Capitalism', 'Theory Of Value', 'Labour Theory Of Value', 'Political Economy', 'Value Creation', 'Value Theory', 'Values', 'Economics', 'Sraffa', 'Labor', 'Transformation Problem', 'Classical Economics', 'Ethics', 'Exploitation', 'Information', and 'Karl Marx'. The second column lists keywords like 'Valuation', 'Adam Smith', 'Alienation', 'Commodification', 'Communication', 'David Ricardo', 'Ecological Economics', 'Economic Analysis', 'Environmental Values', 'Finance', 'Ideology', 'Labor Relations', 'Labour', 'Macroeconomics', 'Market Conditions', 'Marxian Economics', 'Nature', 'Price Determination', 'Productivity', 'Realism', 'Socialism', and 'Theory Of Values'. The third column lists keywords like 'Ecosystem Service', 'Ecosystem Services', 'Energy', 'Environment', 'Environmental Economics', 'Fictitious Capital', 'Globalization', 'Happiness', 'History', 'Income Distribution', 'Information Economy', 'Marxist Economics', 'Menger', 'North America', 'Perception', 'Philosophical Aspects', 'Price', 'Prices Of Production', 'Profit Rate', 'Stakeholders', 'User-generated Content', and 'Utility'. The fourth column lists keywords like 'Competition (economics)', 'Competitiveness', 'Composition Of Capital', 'Contingent Valuation', 'Correlation', 'Critical Theory', 'Crowdsourcing', 'Cultural Influence', 'Cultural Values', 'Dallas Smythe', 'Decision Making', 'Design', 'Development', 'Development Theory', 'Dialectics', 'Distribution', 'Econometrics', 'Economic System', 'Economy', 'Education', 'Emotion', and 'Employment'. On the right, there is a '# of results' section with a dropdown menu and a 'Limit to' button. At the bottom right, there is an 'Exclude' button.

Fonte: Scopus, 2019.

No Quadro 2 é possível observar o protocolo de busca utilizado para o levantamento de dados na Scopus.

Quadro 2 - Protocolo de busca para levantamento de dados na Scopus sobre a teoria do valor (1998-2017)

Estratégia de busca para a teoria do valor
1º momento - tópico: " <i>theory of value</i> " -> campos: " <i>Article, Abstract, Keywords</i> "
2º momento – tipo de documento: " <i>Article</i> "
3º momento – período: 1998-2017
4º momento – palavras-chave: " <i>theory of value</i> ", " <i>Labor Theory of Value</i> ", " <i>Labour Theory of value</i> " e " <i>Value Theory</i> "
TITLE-ABS-KEY ("theory of value") AND (LIMIT-TO (DOCTYPE , "ar")) AND (LIMIT-TO (SUBJAREA , "SOCI") OR LIMIT-TO (SUBJAREA , "ECON") OR LIMIT-TO (SUBJAREA , "BUSI")) AND (LIMIT-TO (PUBYEAR , 2017) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2016) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2015) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2014) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2013) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2012) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2011) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2010) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2009) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2008) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2007) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2006) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2005) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2004) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2003) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2002) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2001) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2000) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 1999) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 1998)) AND (LIMIT-TO (EXACTKEYWORD , "Labor Theory Of Value") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD , "Theory Of Value") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD , "Labour Theory Of Value") OR LIMIT-TO (EXACTKEYWORD , "Value Theory"))
RESULTADO: 77 ARTIGOS RECUPERADOS

Fonte: elaboração do autor, 2019.

O quadro 3 apresenta a estratégia de busca combinando os termos teoria do valor, trabalho imaterial, capitalismo cognitivo e capitalismo informacional. Foi utilizado nesse momento o operador booleano "OR" que permite ampliar a busca, equivalendo a 'qualquer um dos termos', assim os resultados recuperados devem conter um termo OU o outro.

Quadro 3 - Protocolo de busca para levantamento de dados na Scopus sobre teoria do valor, trabalho imaterial, capitalismo cognitivo e capitalismo informacional (1998-2017)

Estratégia de busca para a teoria do valor, trabalho imaterial, capitalismo cognitivo e capitalismo informacional
<u>1º momento</u> - tópico: "<i>theory of value</i>", "<i>cognitive capitalism</i>", "<i>imaterial work</i>", "<i>imaterial labor</i>", "<i>imaterial labour</i>", "<i>information capitalism</i>" -> campos: "<i>Article, Abstract, Keywords</i>" <u>2º momento</u> – tipo de documento: "<i>Article</i>" <u>3º momento</u> – subáreas: "<i>Social Sciences</i>", "<i>Economics, Econometrics and Finance</i>", "<i>Business, Management and Accounting</i>" <u>4º momento</u> - período: 1998-2017 TITLE-ABS-KEY ("Theory of value" OR "cognitive capitalism" OR "Immaterial work" OR "Immaterial labor" OR "Immaterial labour" OR "information capitalism") AND (LIMIT-TO (DOCTYPE , "ar")) AND (LIMIT-TO (SUBJAREA , "SOCI") OR LIMIT-TO (SUBJAREA , "ECON") OR LIMIT-TO (SUBJAREA , "BUSI")) AND (LIMIT-TO (PUBYEAR , 2017) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2016) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2015) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2014) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2013) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2012) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2011) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2010) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2009) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2008) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2007) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2006) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2005) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2004) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2003) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2002) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2001) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 2000) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 1999) OR LIMIT-TO (PUBYEAR , 1998))
RESULTADO: 684 ARTIGOS RECUPERADOS

Fonte: elaboração do autor, 2019.

Todos os registros foram exportados em formato *CSV Excel, tendo como saída o formato registro completo, informação de citação, bibliográfica, resumo e palavras-chave, detalhes de financiamento e outras informações, conforme pode ser observado na Figura 2.

Figura 2 - Formato e conteúdo de exportação dos dados

Export document settings ⓘ

You have chosen to export 684 documents

Select your method of export:

☐ Mendeley
☐ RefWorks
☐ RIS Format
☒ CSV
☐ BibTeX
☐ Plain Text

EndNote, Reference Manager
Excel
ASCII in HTML

What information do you want to export?

Citation information	Bibliographical information	Abstract & keywords	Funding details	Other information
☒ Author(s)	☒ Affiliations	☒ Abstract	☒ Number	☒ Tradenames & manufacturers
☒ Author(s) ID	☒ Serial identifiers (e.g. ISSN)	☒ Author keywords	☒ Acronym	☒ Accession numbers & chemicals
☒ Document title	☒ PubMed ID	☒ Index keywords	☒ Sponsor	☒ Conference information
☒ Year	☒ Publisher		☒ Funding text	☒ Include references
☒ EID	☒ Editor(s)			
☒ Source title	☒ Language of original document			
☒ volume, issue, pages	☒ Correspondence address			
☒ Citation count	☒ Abbreviated source title			
☒ Source & document type				
☒ Publication Stage				
☒ DOI				
☒ Access Type				

Fonte: Scopus, 2019.

Com o objetivo de melhorar a apresentação dos dados, optou-se por dividir o período da coleta em quatro quinquênios, a saber: quinquênio 1, de 1998 a 2002; quinquênio 2, de 2003 a 2007; quinquênio 3, de 2008 a 2012; quinquênio 4, de 2013 a 2017. Dessa forma, para cada período de 5 anos foi necessário fazer a exportação dos dados no formato *CSV excel, gerando um total de 6 arquivos, um para cada quinquênio e outro para o período completo, 1998 a 2017.

2.2.1 Software utilizado: VOSviewer

Para este estudo foram utilizados os *softwares* VOSviewer, versão 1.6.11, em conjunto com o Microsoft Excel, versão 16.0.4266.1001.

O VOSviewer² é utilizado para construção e visualização de redes bibliométricas. É um software de livre acesso, *freeware*, desenvolvido por Nees Jan Van Eck e Ludo Waltman. Seu principal objetivo é representar graficamente mapas bibliométricos. Utiliza a linguagem de programação *Java*, facilitando a sua operacionalização (VAN ECK; WALTMAN, 2010).

² Disponível em: <http://www.vosviewer.com/>.

O *software* possibilita cinco tipos de análise: acoplamento bibliográfico, cocitação, coocorrência de palavras, colaboração (autores, instituições e países) e citação (documentos, fontes, autores e instituições). Sua base é a coocorrência de termos. Para isso, as variáveis podem ser documentos, periódicos, autores ou palavras. Os dados são migrados diretamente da Scopus ou da *Web of Science*.

A escolha do programa se deu pelas funcionalidades de análises que ele oferece: coautoria, coocorrência, citação, acoplamento bibliográfico e cocitação. A análise de coautoria se detém sobre os autores e suas afiliações institucionais para estudar as redes de colaboração. A análise de coocorrência pode se estabelecer utilizando como base as referências, citações e/ou palavras. Nesse sentido, o acoplamento bibliográfico, que pode se deter sobre os autores ou os periódicos, analisa os documentos citantes e a cocitação os documentos citados a partir das referências bibliográficas com fins de compreender a base teórico-metodológica utilizada pela área de pesquisa ou mesmo analisar os documentos que citam as mesmas referências.

Vale salientar que para atingirmos os objetivos desta pesquisa foi utilizada a análise de coocorrência de palavras-chave. Tendo em vista a necessidade de compreender a configuração da produção científica sobre a teoria do valor.

O VOSviewer produz uma matriz de coocorrência (ou matriz de dados brutos) pela qual é possível calcular a similaridade e elaborar uma nova matriz. Com essa nova matriz, o *software* faz um processamento de mapeamento VOS, dando origem aos mapas bibliométricos denominados de *label view*, *density view*, *cluster density view* e *scatter view*.

A fim de normalizar os dados, o *software* transforma a matriz de coocorrência em uma matriz de similaridade, com o objetivo de detectar semelhanças entre os termos (VAN ECK; WALTMAN, 2009). O VOSviewer aplica um grau de similaridade chamada de força de associação (*association strength*) (VAN ECK *et al.*, 2006), também denominada como índice de aproximação (*proximity index*) ou medida de similaridade (*similarity measure*).

A força de associação é uma medida de similaridade probabilística (*probabilistic affinity index*) (VAN ECK *et al.*, 2006) que busca calcular a associação entre os itens coocorridos, que pode se referir à associação entre dois autores, documentos, periódicos ou palavras, sendo calculada pela fórmula:

$$S_{ij} = (C_{ij}) / (W_i W_j)$$

onde:

S_{ij} = compreende o número de vezes que os itens W_i e W_j foram coocorridos;

C_{ij} = denota o número de coocorrências dos itens, i e j ;

W_i = denota a ocorrência do item i ;

W_j = denota a ocorrência do item j , sendo W_i e W_j estatisticamente independentes.

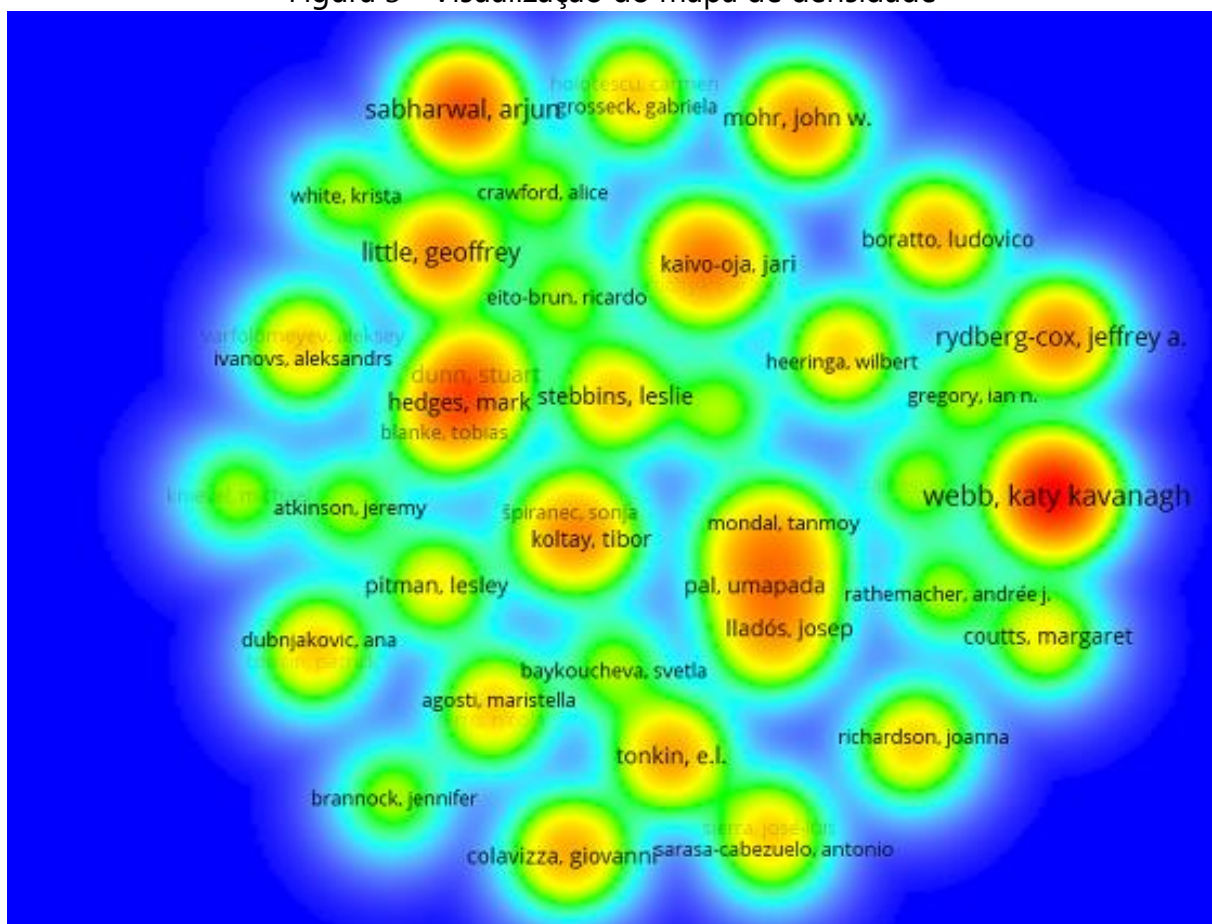
De posse da matriz de similaridade, o programa executa um algoritmo que Van Eck e Waltman (2010) denominam de técnica de mapeamento VOS (*VOS mapping technique*), o qual mapeia todos os itens que constam na matriz de similaridade, esquematizando, assim, o mapa bidimensional. Aqui a distância entre os pares de itens (W_i e W_j) reflete a similaridade entre eles, isto é, quando mais próximo maior similaridade (VAN ECK; WALTMAN, 2016).

O algoritmo *VOS clustering technique* executa a elaboração do mapa bibliométrico no qual cada agrupamento é representado por uma cor distinta. Em seguida, cada item é representado por uma esfera diferenciada pelo volume. Desta forma, quanto maior a esfera, maior será a frequência de coocorrência, acrescido de etiquetas em negrito. O VOSviewer evita a sobreposição de etiquetas: quando isso ocorre, só é visível a esfera.

Para calcular a densidade no VOSviewer é utilizada uma equação definida por uma função de núcleo gaussiano (VAN ECK; WALTMAN, 2010). A densidade é representada por um esquema de cores: vermelha, amarela e azul, de modo que os termos localizados na região vermelha significam alta densidade e são aqueles que

tiveram maior volume de cocitação; na região amarela estão os de densidade moderada; e na azul, os itens com um menor volume de citação, conforme pode ser observado na Figura 3.

Figura 3 - Visualização do mapa de densidade



Fonte: <http://www.larhud.ibict.br/index.php?title=VosViewer>

2.3 PLANO DE ANÁLISE DOS DADOS

A análise exploratória dos dados é o momento de organização, apresentação e sistematização dos dados coletados, levando a uma melhor compreensão das variáveis. Portanto, foi utilizado um conjunto de técnicas gráficas e quantitativas que fazem parte da estatística descritiva.

De posse dos dados gerados pela Scopus, foi realizada a análise da produção científica ao longo de 20 anos, comparando os quinquênios e destacando os principais eventos que podem ter influenciado para a produção científica na área.

2.3.1 Análise de coocorrência de palavras-chave

A análise de coocorrência de palavras é utilizada para identificar associações entre áreas de pesquisas e entre temáticas que estão sendo desenvolvidas em uma determinada área. Ela revela laços significativos que poderiam ser difíceis de detectar (HE, 1999, p. 137).

Segundo Machado (2015, p. 139), com a análise da coocorrência de palavras é possível conhecer o estágio dos estudos e pesquisas de um determinado campo científico.

Mapeando por um período de tempo pré-determinado os conteúdos de um corpus da literatura científica por meio da co-palavra, podemos, então, visualizar o estágio de desenvolvimento das pesquisas de um determinado campo, identificando temas com altas demandas de pesquisas e os emergentes, bem como aqueles que estão em decréscimo de interesse por parte dos pesquisadores. (MACHADO, 2015, p. 139).

Os dados dos 684 artigos científicos, extraídos da base de dados Scopus, foram analisados a partir da descrição dos elementos tendo como base tabelas e gráficos, ora gerados pelo autor, ora coletados dos dados métricos que a própria base fornece. Foi possível ainda ponderar os dados pela análise de rede, ou seja, a partir dos mapas gerados pelo VosViewer.

Para a análise descritiva foi realizado um diagnóstico estatístico simples, considerando a totalidade de publicações e de artigos por ano e por quinquênio, além de destacar os principais periódicos de cada período e os autores com maior número de publicações.

Na análise de rede levou-se em consideração a coocorrência de palavras, com duas variáveis: as palavras-chave indexadas pelo autor e as palavras-chave indexadas pela base.

Foram apresentados três tipos diferentes de mapas para cada grupo de palavras-chave: *network visualization*, *overlay visualization* e *density visualization*, que são os mapas que permitem visualizar a rede, a sobreposição (relacionada à temporalidade dos termos) e a densidade dos termos, respectivamente.

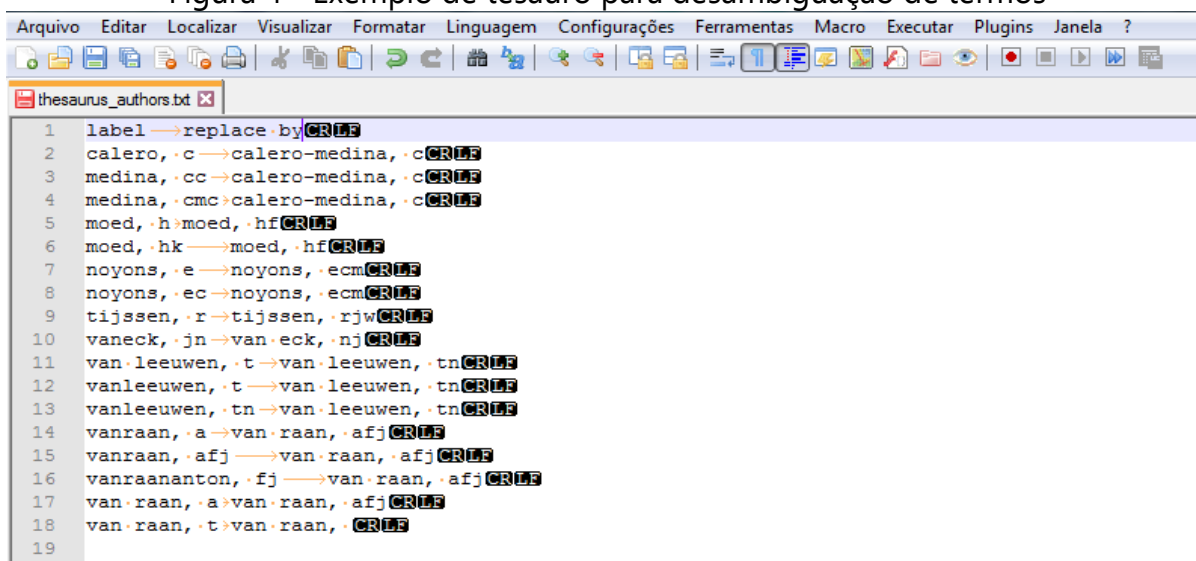
Os mapas apresentam os itens (nós) que são as palavras-chave. Os nós podem variar de acordo com seu peso ou frequência de ocorrência. A cor de cada nó é definida pelo *cluster*. Foram utilizadas as cores padrão que o próprio software determina. O cálculo do peso de cada nó dentro da rede leva em consideração o número de *links*, ou ligações, bem como a força total das ligações. Quanto mais próximos os nós, mais forte é sua relação (VAN ECK; WALTMAN, 2016).

Ao gerar os mapas é possível extrair informações do *software* sobre elementos que constituem os grafos, como medidas específicas de rede: centralidade de grau, peso de cada nó, *cluster*, força dos *links* e frequência, entre outras.

Foi observado durante os testes preliminares que a frequência de alguns termos que poderia causar confusão no momento da análise. A fim de sanar ou diminuir esse problema, foi criado um tesouro para desambiguação e padronização destas informações. Para cada quinquênio e para cada grupo de palavras indexadas (autores e base) foi criado um tesouro³, somando um total de 8 tesouros de palavras-chave em formato ".txt". O VOSviewer oferece um modelo de tesouro, o que favoreceu a criação da padronização utilizada na confecção dos mapas.

³ Os termos que foram excluídos por quinquênio estão disponíveis no Apêndice A deste trabalho.

Figura 4 - Exemplo de tesauro para desambiguação de termos

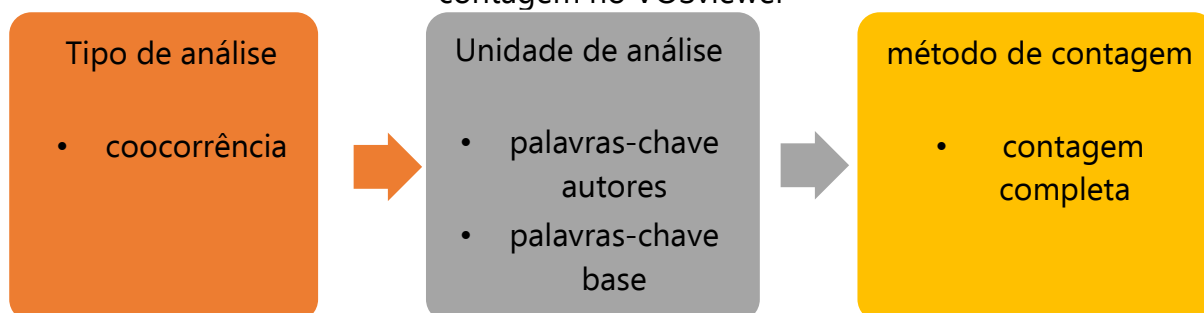


Fonte: elaborado pelo autor, com dados do VOSviewer, 2019.

A Figura 4 apresenta um modelo de tesauro fornecido pelo VOSviewer. O campo "*label*" refere-se aos termos originais e o campo "*replace by*" diz respeito aos termos que substituirão os originais. Nesse processo foram utilizadas outras ferramentas, como o Microsoft Excel, Bloco de Notas e Notepad++, para auxiliar o processo de produção do tesauro a fim de confrontar se as tabulações exigidas pelo VOSviewer estavam todas contabilizadas.

No que se refere ao gerenciamento dos mapas, foi utilizada a contagem completa dos artigos por quinquênio e o padrão de corte estabelecido pelo VOSviewer, conforme pode ser observado na Figura 5.

Figura 5 - Demonstração das especificidades do tipo de análise e método de contagem no VOSviewer



Fonte: elaboração do autor, 2019.

Assim, utilizamos como tipo de análise a coocorrência de palavras, como unidade os termos indexados pelos autores e pela base e o método de contagem completa. Estas especificidades nos permitiram elaborar os mapas.

A análise dos dados recai sobre os gráficos, planilhas e mapas utilizados para melhor ilustrar a composição da produção científica no período estudado nesta pesquisa, 1998-2017.

3 (RE) VISITANDO A TEORIA DO VALOR DE KARL MARX

O trabalho é constitutivo do ser social, mas o ser social não se reduz ou esgota no trabalho. Quanto mais se desenvolve o ser social, mas as suas objetivações transcendem o espaço ligado diretamente ao trabalho (PAULO NETTO; BRAZ, 2012, p. 55)

Parece-nos que o termo “valor” gera muitas desarmonias entre os economistas. Desde o surgimento da Economia Política, no final do século XVIII, diversos argumentos disputavam a consolidação do termo dentro do campo.

As transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas na Europa Ocidental que resultaram na Revolução Industrial, na Inglaterra, e na Revolução Francesa, no continente, ocasionaram o nascimento da Economia Política ao produzirem a necessidade de se desvendar a ‘lei natural’ das trocas de mercadorias. À Economia Política cabia enunciar a ‘lei invisível’ que conduzia os interesses particulares em direção ao interesse geral.

Nesse sentido, o conceito de valor aparece como um elemento fundamental na investigação clássica. Quando Adam Smith e David Ricardo sustentaram que o trabalho é a medida real do valor de troca de todas as classes de bens, na verdade, eles estavam afirmando que o trabalho é o conteúdo natural das relações sociais fundadas na troca. Já em Marx, a noção de valor (econômico) é uma expressão de uma sociedade na qual o indivíduo só existe enquanto produtor de valor de troca, ou seja, a atividade particular de cada indivíduo produtor só existe quando ratificada pela forma geral do valor de troca, o dinheiro.

A relação da Economia Política com a teoria econômica de Marx está imbricada nas relações de produção entre os indivíduos. Para Rubin (1987, p. 15), a primeira analisa a forma social do processo de produção capitalista, ou seja, “a totalidade das relações de produção que constituem a estrutura econômica do capitalismo”, enquanto que a última se preocupa com as “relações de produção da sociedade capitalista e seu processo de modificação, provocado pelas modificações das forças

produtivas, e o crescimento das contradições, que geralmente se expressam nas crises”.

Os principais conceitos da Economia Política expressam relações sociais de produção entre as pessoas. Não podemos partir para uma análise das características da teoria marxista de valor sem demonstrar como esses conceitos se relacionam e como eles aparecem nessas relações de produção.

A teoria marxista do valor apresenta as características gerais das relações de produção, na economia mercantil capitalista, a partir do que Marx vai denominar de fetichismo da mercadoria, ou seja, nas relações humanas por trás das relações entre as coisas. Essas relações revelam “a ilusão da consciência humana que se origina da economia mercantil e atribui às coisas características que têm sua origem nas relações sociais entre as pessoas no processo de produção” (RUBIN, 1987, p. 19).

A teoria do fetichismo da mercadoria é base de toda teoria econômica de Marx. É por meio do conceito de fetichismo que entendemos as relações entre as pessoas que aparecem como uma relação entre as coisas. Para Marx, as coisas contêm em si o trabalho humano que foi colocado na produção daquela coisa, assim como todas as relações necessárias para aquela produção. O que ele chama de fetichismo da mercadoria é a igualização às coisas por meio do seu valor em dinheiro, o que invisibiliza seu elemento humano e social, suas características fundamentais, ou seja, a origem de seu valor. Assim, “a teoria do fetichismo elimina da mente dos homens a ilusão, o grandioso engano originado pela aparência dos fenômenos, na economia mercantil, e a aceitação dessa aparência como essência dos fenômenos econômicos” (RUBIN, 1987, p.19).

Percebemos aqui, como Marx, um contexto determinado pela estrutura produtiva, ou seja, um ambiente social em que as relações entre as pessoas adquirem necessariamente a forma de uma relação entre coisas. Este é o ponto de partida da teoria valor-trabalho e partiremos deste ambiente social para analisar as suas características, entendendo que o trabalho, como resultado das relações de produção

entre as pessoas, cria valor e aparece não só como produto das relações capitalistas, mas como forma social de organização.

O conceito de valor assume três atributos básicos na teoria marxista: deriva de uma relação social entre pessoas; assume uma forma material; e está relacionado ao processo de produção. A relação social entre as pessoas à qual estamos nos referindo é a relação enquanto produtores de mercadorias isolados e formalmente independentes uns dos outros. Segundo Rubin (1987, p. 79), "o valor representa o nível médio em torno do qual flutuam os preços do mercado, e com o qual coincidiriam se o trabalho social estivesse proporcionalmente distribuído entre os diversos ramos de produção".

Nesse sentido, o produto do trabalho aparece como resultado do trabalho total da sociedade.

O trabalho que cria valor aparece não só como trabalho quantitativamente distribuído, mas também como trabalho socialmente igualado (ou igual), [ou simplesmente] como trabalho social, entendido como a massa total de trabalho homogêneo, igual, de toda a sociedade. (RUBIN, 1987, p.81).

Aqui se destaca que o trabalho não aparece como trabalho social, apenas se converte em social quando é igualado a algum outro trabalho. Esta igualação é plenamente realizada através da troca.

Os valores de uso concretos e as formas concretas de trabalho são inteiramente abstraídos. Assim, o trabalho, que consideramos anteriormente como trabalho social, como socialmente igualado e quantitativamente distribuído, adquire agora uma característica qualitativa e quantitativa particular, a qual só é inerente a uma economia mercantil: o trabalho aparece como trabalho abstrato e socialmente necessário. (RUBIN, 1987, p. 81).

A lei do valor, então, analisa as leis de troca, as leis de igualação das coisas do mercado quando estas leis estão relacionadas às leis de produção e distribuição do

trabalho na economia capitalista, ou seja, a lei do valor é a lei do equilíbrio e do desequilíbrio nesta economia.

Neste sentido, o valor é uma forma social derivada das relações de produção entre as pessoas, ele é a expressão das relações sociais de produção entre as pessoas no regime capitalista.

Se o produto do trabalho só adquire valor numa determinada forma social de organização do trabalho, então o valor não representa uma propriedade do produto do trabalho, mas uma determinada forma social ou função social que o produto do trabalho desempenha como elo entre produtores mercantis isolados, como um intermediário ou um portador das relações de produção entre as pessoas. (RUBIN, 1987, p. 84).

O valor pode, no primeiro momento, parecer apenas uma propriedade das coisas. No entanto, o valor não caracteriza as coisas, mas as relações humanas sob as quais as coisas são produzidas. É “uma forma social adquirida pelas coisas, devido ao fato de as pessoas manterem determinadas relações de produção umas com as outras através das coisas” (RUBIN, 1987, p. 85). Assim, a relação social tomada como uma coisa e que reproduz o valor das coisas é, contudo, determinada pelas relações de trabalho realizadas entre os produtores de mercadoria.

A teoria de valor de Marx é desenvolvida sobre dois fundamentos básicos: “a teoria da forma do valor”, como uma expressão do trabalho abstrato que exprime uma igualação social de diferentes formas de trabalho e implica na existência de relações sociais de produção entre produtores independentes; e a “teoria da distribuição do trabalho social e a dependência da magnitude do valor”, que depende do nível de produtividade do trabalho (RUBIN, 1987, p. 89). Esses dois fundamentos fazem parte do mesmo processo que analisa a forma social do valor, ou seja, a forma em que o processo de distribuição do trabalho é considerado na economia capitalista.

Sendo Marx um materialista, ele está preocupado que tudo tenha um caráter material para ser considerado real. Ele recusa, porém, a ideia de que a materialidade

das mercadorias seja capaz de mensurar o seu valor, e introduz o binômio valor de uso (para que serve o produto, atributo qualitativo) e valor de troca (quanto vale o produto no mercado, atributo quantitativo). "Como valores de uso, as mercadorias são, antes de mais nada, de qualidade diferente, como valores de troca, só podem diferir na quantidade, não contendo, portanto, nenhum átomo de valor de uso" (MARX, 2014, p. 59). A comensurabilidade das mercadorias não é estabelecida por seus valores de uso.

Rubin (1987) destaca dois grandes equívocos dos críticos da teoria de Marx, que consistem na incompreensão do aspecto qualitativo, sociológico da teoria de valor, e na limitação do aspecto quantitativo no que se refere ao exame de relações de troca. O autor afirma que os críticos "ignoraram as inter-relações quantitativas entre as quantidades de trabalho social distribuído pelos diferentes ramos de produção e diferentes empresas, inter-relações que estão na base da determinação quantitativa do valor" (RUBIN, 1987, p. 89). Assim, o valor precisa ser analisado como um regulador da distribuição quantitativa do trabalho social, como expressão das relações sociais de produção entre as pessoas e como uma expressão do trabalho abstrato.

A principal tarefa da teoria de valor de Marx é analisar a causalidade dos processos de igualação das diversas mercadorias e diversas formas de trabalho. Essa análise parte do princípio de valoração das mercadorias através do fetichismo que cada mercadoria gera, surgindo espontaneamente um padrão de valor, o dinheiro (RUBIN, 1987). A teoria do valor explica, de maneira inteiramente adequada, a causa do elevado valor do trabalho altamente qualificado bem como as modificações desses valores, visto que os diferentes tipos de trabalhos são resultados de tarefas diferentes que requerem esforços e formações diferentes.

3.1 FETICHISMO DA MERCADORIA E INFORMAÇÃO

Ao nos debruçarmos sobre a teoria valor-trabalho de Marx faz-se necessário compreendermos os fatores que determinam o valor da mercadoria, assim como as

propriedades que compõe essa mercadoria. Para Marx (2014, p. 57), nas sociedades regidas pela produção capitalista, a riqueza das sociedades é “configurada como uma grande acumulação de mercadorias”.

A mercadoria é, por sua vez, entendida como algo que satisfaz as necessidades humanas, seja de natureza física ou psicológica. A mercadoria é uma coisa que, ao ser produzida, não é consumida por quem a produz, mas, antes, está destinada à troca, à venda. Todas as coisas úteis podem ser consideradas sob dois aspectos: qualitativo e quantitativo. Cada uma dessas coisas possui um conjunto de propriedades que as tornam úteis de diferentes modos. A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso que é determinado pelas propriedades materialmente inerentes à mercadoria. (MARX, 2014, p. 58).

O caráter material, ou seja, o valor de uso, da mercadoria, não depende da quantidade de trabalho despendido para obter suas qualidades úteis. O valor de uso só se realiza com a utilização ou consumo (MARX, 2014, p. 58). Esses valores de uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social dela.

O valor de troca está relacionado quantitativamente aos valores de uso de naturezas diferentes, na proporção em que se trocam. Essa relação muda constantemente no tempo e no espaço. Ou seja, o valor incide na relação de troca que é estabelecida entre uma coisa e outra. Quando uma determinada quantidade de mercadoria é trocada por outra determinada quantidade de outra mercadoria, esses valores, expressos nas quantidades das mercadorias, são permutáveis e iguais entre si. Portanto, uma mercadoria é tão boa quanto qualquer outra, se o valor de troca entre elas for igual. Entretanto, “como valores de uso, as mercadorias são, antes de mais nada, de qualidade diferente” (MARX, 2014, p. 59).

É preciso, porém, abrir um parêntese aqui para falar sobre força de trabalho no conjunto da sociedade e, para tanto, compreender um mercado mundial de trocas de mercadorias que foi introduzido pelo modo de produção capitalista. Esse conjunto global de relações não está limitado às fronteiras, mas, antes, faz parte de um mundo

inteiro de trabalho humano. Marx e Engels (2005, p. 43) descrevem um fenômeno que hoje chamamos de globalização:

Pela exploração do mercado mundial a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países [...] ela retirou da indústria sua base nacional. As velhas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a sê-lo diariamente. São suplantadas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão vital para todas as nações civilizadas – indústrias que não empregam mais matérias-primas nacionais, mas sim matérias-primas vindas das regiões mais distantes, e cujos produtos se consomem não somente no próprio país, mas em todas as partes do globo. Em lugar das antigas necessidades, satisfeitas pelos produtos nacionais, nascem novas necessidades, que reclamam para sua satisfação os produtos das regiões mais longínquas e dos climas mais diversos. Em lugar do antigo isolamento de regiões e nações que se bastavam a si próprias, desenvolvem-se um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações. E isto se refere tanto à produção material como à produção intelectual.

É neste cenário que o valor das mercadorias é determinado constantemente. À época que Marx e Engels escreveram, eles estavam em um contexto histórico em que o mundo se abria rapidamente para o mercado global pela navegação a vapor e pelas estradas de ferro. Mal sabiam eles que, passados 170 anos, o mercado global estaria muito mais acirrado, sobretudo com o advento das tecnologias de informação e comunicação, no final do século XX.

3.2 CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DA TEORIA DO VALOR

Adiante apresentaremos uma reflexão dos conceitos do trabalho (criador de valor) em termos dos aspectos que compõem a forma, o conteúdo e a magnitude do valor.

A afirmação de Marx, de que o trabalho é a substância e a medida imanente dos valores, deve ser entendida no sentido de que as modificações quantitativas do

trabalho necessário⁴ à produção do produto provocam modificações quantitativas no valor das mercadorias. Inicialmente, Marx caracteriza o trabalho como uma interação da pessoa humana com a natureza, de modo que, a partir desta interação, os elementos do mundo natural são conscientemente modificados para atingir um determinado objetivo: “O trabalho é um processo de que participam o homem [sic] e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza” (MARX, 2014, p. 211).

Nesse processo, a atividade produtiva humana, em intercâmbio com a natureza, é convertida em valores de uso.

O processo de trabalho é atividade dirigida com o fim de criar valores de uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas; é condição necessária do intercâmbio material entre o homem [sic] e a natureza; é condição natural eterna da vida humana, sem depender, portanto, de qualquer forma dessa vida, sendo antes comum a todas as formas sociais. (MARX, 2014, p. 218)

No processo de trabalho, o ser humano intervém nos elementos do mundo natural, transformando-os em objetos dotados de valor de uso e, por essa razão, potencialmente intercambiáveis. A troca de mercadorias é muito antiga, mas só na sociedade capitalista a produção voltada para a troca de mercadorias passa a ocupar o centro das atividades econômicas, subordinando-as a si.

Do ponto de vista do resultado do processo de trabalho observa-se que “os meios e objetos de trabalho são meios de produção e o trabalho é trabalho produtivo” (MARX, 2014, p. 215).

Quando um valor-de-uso sai do processo de trabalho como produto, participaram da sua feitura, como meios de produção, outros valores-de-uso, produtos de anteriores processos de trabalho. Valor-de-uso que é produto de um trabalho torna-se assim meio de produção de outro. Os produtos destinados a servir de meio de produção não são

⁴ Esse trabalho necessário ao qual nos referimos é o trabalho médio socialmente necessário em determinado recorte espaço temporal.

apenas resultado, mas também condição do processo de trabalho (MARX, 2014, p. 215).

As modificações a que o produto do trabalho está submetido, no processo de troca, podem ser caracterizadas da seguinte maneira:

1) o produto adquire a capacidade de ser trocado diretamente por qualquer outro produto do trabalho social, ou seja, mostra seu caráter de produto social;

2) o produto adquire este caráter social, de forma que é igualado a um determinado produto (ouro) que possui a qualidade de ser trocável por todos os demais produtos;

3) a igualação de todos os produtos entre si, que se realiza pela comparação com o ouro ou outras formas de dinheiro, a partir de determinado momento histórico, compreende também a igualação das várias formas de trabalhos, abstraídas suas especificidades concretas, que diferem pelos distintos níveis de qualificação, isto é, pela extensão da aprendizagem. No âmbito das relações de produção, esse momento histórico é o da passagem do trabalho escravo ou servil para o trabalho assalariado livre; nesse momento, o trabalho, ou melhor, a força de trabalho converte-se em mercadoria;

4) a igualação de produtos de um dado tipo e qualidade ou de produtos diferentes, produzidos sob diferentes condições técnicas, isto é, com um dispêndio de diferentes quantidades individuais de trabalho, tem como substância de valor, logicamente mensurável, o trabalho médio socialmente necessário em dado contexto para a produção desses produtos.

O trabalho só se torna social em uma economia mercantil quando adquire a forma de trabalho social igualado, trabalho abstrato; ou seja, "o trabalho de cada produtor mercantil só se torna social porque seu produto é igualado aos produtos de todos os outros produtores" (RUBIN, 1987, p. 111). Por meio do processo de troca, o trabalho privado adquire uma característica complementar na forma de trabalho social, o trabalho concreto na forma de trabalho abstrato, o trabalho complexo é reduzido a

trabalho simples, e o trabalho individual a trabalho socialmente necessário (RUBIN, 1987).

O processo de igualação e distribuição do trabalho está intimamente relacionado à igualação de valores. Modificações na magnitude de valor das mercadorias dependem do trabalho socialmente necessário despendido nessas mercadorias, não porque a igualação de coisas não seja possível sem a igualação do trabalho nelas despendido, mas porque a igualação social do trabalho só é levada a cabo, em uma economia mercantil, sob a forma de uma igualação de mercadorias. (RUBIN, 1987, p. 115)

O trabalho do produtor mercantil, que no processo de produção assume diretamente a forma de trabalho privado, concreto, qualificado e individual, adquire propriedades sociais no processo de troca, que o caracterizam como trabalho social, abstrato, simples e socialmente necessário. Não se trata de quatro processos distintos de transformação do trabalho, mas do processo de igualação do trabalho que se realiza pela igualação das formas de trabalho e dos produtos do trabalho como valores.

Este processo pressupõe uma inter-relação de todos os processos de trabalho (trabalho social), uma igualação de esferas individuais da produção ou esferas de trabalho (trabalho abstrato), uma igualação de formas de trabalho com diferentes qualificações (trabalho simples), e uma igualação do trabalho aplicado nas empresas individuais de uma dada esfera de produção (trabalho médio socialmente necessário).

É preciso compreender que o uso e o emprego da força de trabalho são o próprio trabalho. E para que o processo de produção se realize, o comprador da força de trabalho faz trabalhar o que a vende. Neste sentido, para que o trabalhador produza mercadorias, o seu trabalho precisa ser útil, ou seja, realizar-se em valores de uso (MARX, 2016).

Os elementos que compõem todo o processo de trabalho são 1) atividade pessoal do ser humano propriamente dito, o próprio trabalho; 2) o objeto em que se exerce o trabalho, a matéria do trabalho; e 3) o meio pelo qual se exerce, o instrumental de trabalho.

A atividade da pessoa é o gasto das forças de que seu corpo está dotado, incluindo as criativas, intelectuais. A consequência desse processo é a aplicação da sabedoria humana à sua vontade. Marx (2014, p. 212) afirma: “no fim do processo de trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador”, assim ele não transforma apenas a matéria sobre a qual atua, mas imprime o projeto que tinha conscientemente na sua imaginação. Observando o esforço da ação dos órgãos que trabalham, fica evidente que a vontade tenha que se adequar durante todo o curso do trabalho, esse processo exige mais da pessoa quando o trabalho lhe parece menos atrativo.

O objeto universal do trabalho é a natureza, que existe antes do ser humano. Marx (2016, p. 84) explica que “todas as coisas em que o trabalho se limita a romper a união imediata com a terra são objetos de trabalho por graça da Natureza”. Assim, podemos chamar de matéria-prima todo o objeto no qual se exerceu trabalho. “Toda matéria-prima é objeto de trabalho, mas nem todo objeto de trabalho é matéria-prima” (MARX, 2014, p. 212).

O instrumental do trabalho é uma coisa ou um conjunto de coisas que o trabalhador põe entre si e o objeto de trabalho e que servem para dirigir sua ação. De maneira geral, os meios de trabalho compreendem todas as condições materiais que são indispensáveis para a realização do trabalho, conforme demonstra Marx (2014, p. 214):

Além das coisas que permitem ao trabalho aplicar-se a seu objeto e servem, de qualquer modo, para conduzir a atividade, consideramos meios de trabalho, em sentido lato, todas as condições materiais, seja como for, necessárias à realização do processo de trabalho. Elas não participam diretamente do processo, mas este fica, sem elas, total ou parcialmente impossibilitado de concretizar-se.

Podemos considerar o trabalho como um ato de consumo, pois ele gasta os seus elementos materiais, objeto do trabalho e o meio de trabalho. Assim, o processo

de trabalho é um ato de consumo cujo resultado é a produção de uma mercadoria que detém valor de uso.

No processo de trabalho, a atividade do homem [sic] opera uma transformação, subordinada a um determinado fim, no objeto sobre que atua por meio do instrumental de trabalho. O processo extingue-se ao concluir-se o produto. O produto é um valor de uso, um material da natureza adaptado às necessidades humanas através da mudança de forma. O trabalho está incorporado ao objeto sobre que atuou. Concretizou-se, e a matéria está trabalhada. O que se manifestava em movimento, do lado do trabalhador, se revela agora qualidade fixa, na forma de ser, do lado do produto. (MARX, 2014, p. 214)

O trabalho em geral é, portanto, a atividade que tem por objeto a produção de valores de uso, a adaptação dos meios exteriores às nossas necessidades. É uma exigência física da vida humana, comum a todas as formas sociais.

O trabalho simples é o emprego da simples força de trabalho que toda pessoa comum e corrente, em média, possui em seu organismo corporal, sem necessidade de educação especial; possui um caráter unilateral e natureza indiferenciada. O trabalho simples é, ao mesmo tempo, produção de valor de uso e produção de valor.

O trabalho concreto é o trabalho simples enquanto produtor de valor de uso em sua especificidade material, sua característica está voltada para o coletivo, seu elemento quantitativo está subordinado ao qualitativo, se expressa em valor de uso.

O trabalho abstrato é o trabalho simples enquanto produtor de valor e ao contrário do trabalho concreto, o elemento qualitativo está subordinado ao quantitativo, é trabalho humano indiferenciado, é gasto de força de trabalho independente da forma concreta, específica, útil do trabalho, capaz de gerar valor. É uma abstração da concretude de cada trabalho particular (MARX, 2014).

Não pode haver trabalho abstrato sem trabalho concreto, embora o contrário possa acontecer, no caso de algo não ser produzido para a troca (SCHNEIDER, 2015). Neste sentido, afirma Schneider (2015, p. 226), "não são as propriedades concretas do

trabalho e do produto que diferenciam as noções de trabalho concreto e abstrato, mas sua função social”.

O trabalho complexo requer um aprendizado especial, ou seja, uma aprendizagem mais longa ou profissional e uma educação geral mais importante que a média dos trabalhos. Ele possui, assim, características mais qualitativas (MARX, 2014).

O trabalho médio socialmente necessário é o trabalho resultante da média de diferentes níveis de produtividade do trabalho em diferentes empresas. Determina o valor de mercado das mercadorias apenas na medida em que o mercado reúne todos os produtores de dado ramo de produção e os coloca em iguais condições de troca no mercado. Sua magnitude do tempo é determinada pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas, compreendidas, num sentido amplo, como a totalidade de elementos de produção materiais e humanos.

Há que se ressaltar que a produção capitalista não é apenas produção de mercadorias, porém, substancialmente, produção de mais-valia, ou, conforme afirma Marx (2014, p. 341), “a produção de mais-valia ou a extração de mais-trabalho constitui o conteúdo e o objetivo específico da produção capitalista, abstraídas as transformações do próprio modo de produção que possam surgir da subordinação do trabalho ao capital”.

A fim de realizar uma breve explanação sobre a produção de mais-valia e o conceito de trabalho produtivo e improdutivo, Rubin (1987, p. 277) destaca: “dentro do capitalismo, só é produtivo o operário que produz mais-valia para o capitalista, ou que trabalha para tornar rentável o capital”. Marx detém seu olhar sobre a questão de qual trabalho é produtivo do ponto de vista do capital e como este sistema de produção converte o operário em um instrumento de valorização do capital.

No sistema de produção capitalista, trabalho produtivo é, pois, trabalho que produz mais-valia para seu empregador, trabalho que transforma as condições objetivas de trabalho em capital, e o dono destas em capitalista, ou seja, trabalho que cria seu próprio produto como capital. Ou seja, trabalho produtivo é aquele que se

troca diretamente com capital. Como reforça Rubin (1987, p. 278), "trabalho que o capitalista compra como seu capital variável com a finalidade de utilizar esse trabalho na criação de valores de troca e de mais-valia".

Marx trata o trabalho do ponto de vista da sua forma social, ele abstrai do conceito de trabalho produtivo o conteúdo, o caráter e o resultado concreto do seu conceito de trabalho. Conforme destaca Rubin (1987, 283), "o conceito de produtivo [...] possui um caráter histórico e social. Por isso, seria profundamente incorreto atribuir um caráter materialista à teoria de Marx sobre o trabalho produtivo".⁵

Aqui vale um destaque sobre o trabalho intelectual, que será produtivo apenas se estiver organizado sob princípios capitalistas, produzindo mais-valia, e nesse sentido não difere em nada do trabalho físico. A diferença entre o trabalho qualificado e o simples se manifesta no maior valor dos produtos produzidos pelo trabalho qualificado, e no maior valor da força de trabalho qualificada, ou seja, no salário maior do trabalhador assalariado qualificado. Assim, "o trabalho qualificado é, de fato, trabalho potencial condensado, multiplicado; não fisiologicamente, mas socialmente condensado". (RUBIN, 1987, p. 186). Nesse contexto, o conceito de trabalho abstrato é essencial na teoria de Marx sobre o valor. O trabalho abstrato é trabalho indiferenciado, é gasto de força de trabalho da pessoa independente da forma útil do trabalho, capaz de gerar valor.

O trabalho em geral não é em si mesmo trabalho abstrato, embora seja um pressuposto do trabalho abstrato. O trabalho igual que se expressa na igualdade do valor é o trabalho socialmente igual, trabalho igual em sentido social e não natural, já que o valor é uma categoria social e não natural. Por outro lado, "a igualdade fisiológica do trabalho é uma condição necessária para a igualação e distribuição sociais do trabalho em geral" (RUBIN, 1987, p. 153).

⁵ Rubin não pretende com isso recusar o caráter materialista da visão geral de Marx, mas destacar o fato de que a noção de trabalho produtivo não é derivada do fato de se tratar de trabalho material, ou melhor, da materialidade do processo produtivo, mas das relações sociais em meio às quais o trabalho se dá.

Para os fins desta pesquisa, cabe aqui destacar que o elemento fisiológico envolve o dispêndio de energia cerebral, desde as primeiras formulações de Marx, que definem o dispêndio da força de trabalho como dispêndio de “nervos, músculos e cérebro” (MARX, 2014, p. 93). Ou seja, embora na época de Marx as mercadorias intangíveis não ocupassem o centro das atividades econômicas (embora já existissem, no mercado editorial, de patentes, artístico etc., e Marx as tenha mencionado de passagem), o elemento intelectual das forças produtivas sempre esteve presente na teoria do valor de Marx.

Lembramos que a determinação do valor depende também de alguns fatores presentes no mercado como: a amplitude deste mercado, a oferta e a demanda das mercadorias, em especial da mercadoria força de trabalho. Entretanto, o trabalho médio socialmente necessário coloca todos os produtores de mercadoria em iguais condições de troca.

O trabalho socialmente necessário, que determina o valor de mercado, é resultante de diferentes níveis de produtividade do trabalho em diferentes empresas. O trabalho socialmente necessário determina o valor de mercado das mercadorias apenas na medida que o mercado reúne todos os produtores de dado ramo de produção e os coloca em iguais condições de troca no mercado (RUBIN, 1987, p. 192).

Uma análise superficial ou menos compromissada sobre o conceito de trabalho socialmente necessário pode levar a alguns equívocos ou erros metodológicos que prejudicaria uma melhor compreensão da teoria do valor trabalho de Marx.

Rubin (1987, p. 201) alerta para quatro equívocos pontuais: confusão entre um estado normal de negócios no mercado e um estado anormal, as leis de equilíbrio entre os diferentes ramos de produção com casos de rompimento do equilíbrio que podem ser apenas temporários; anulação do conceito de trabalho socialmente necessário, que pressupõe o equilíbrio entre dado ramo de produção e outros ramos; marginalização do mecanismo de desvio dos preços de mercado com relação aos valores, ou o entendimento inexato da venda de bens a qualquer preço sob quaisquer

condições anormais no mercado, como uma venda que corresponde ao valor, o que pode levar a uma confusão entre os conceitos de preço e valor; e por fim, rompimento da estreita relação entre o conceito de trabalho socialmente necessário e o conceito de força produtiva do trabalho, permitindo assim que o primeiro se modifique sem mudanças correspondentes no segundo.

Schneider (2015, p. 223) define fetiche de valor “como um conceito que busca explicar de modo crítico um fenômeno específico do capitalismo, [...] uma expressão que possui ao mesmo tempo um valor explicativo e descritivo”. O valor aparece como um princípio abstrato que norteia a forma como os seres humanos produzem e reproduzem sua vida em sociedade sob o modo de produção capitalista (SCHNEIDER, 2015). Ou seja, o valor é a expressão da mercadoria que permite abstrair as suas propriedades materiais a partir da transformação da força de trabalho em mercadoria e das pessoas em máquinas de trabalho abstrato.

O valor, portanto, não se torna um fetiche somente por ser um princípio abstrato, mas na medida em que organiza o conjunto das relações sociais, subordinando o homem [sic] ao imperativo de sua expansão contínua, a despeito de tudo e de todos. É o coração e a alma do capital, encarnado ora em dinheiro, ora em meios de produção, ora em mercadorias (SCHNEIDER, 2015, p. 227).

A procura por mercadorias tem influência direta nos preços e não nos valores. Para entender a teoria econômica de Marx é preciso compreender a diferença teórico-conceitual entre preço e valor.

A forma preço manifesta simplesmente que as mercadorias são alienáveis e em que condições o seu possuidor quer aliená-las. Os preços são como olhares amorosos que as mercadorias lançam ao dinheiro; para que o dinheiro se deixe atrair pelas mercadorias é preciso que o seu valor útil esteja reconhecido (MARX, 2016, p. 65)

O valor é um princípio de comensurabilidade, uma referência para a troca. O dinheiro, os meios de produção e as mercadorias enquanto encarnações do capital, são formas materiais do valor (SCHNEIDER, 2015).

Dizer que há uma completa identidade entre trabalho e valor é um engano, pois trabalho não produz necessariamente valor. Valor é uma representação ou expressão social do trabalho, a substância do valor é o trabalho abstrato, conforme destaca Rubin (1987, p. 126): “o trabalho não pode ser identificado com valor. O trabalho é apenas a substância do valor e, para chegar ao valor no sentido pleno da palavra, o trabalho como substância do valor deve ser tratado em seu vínculo inseparável com a forma de valor social”.

Ao analisar o valor como um fenômeno social, percebemos que o trabalho que o gera também o é. “O trabalho abstrato, que cria valor, deve ser entendido como uma categoria social na qual não se pode encontrar um único átomo de matéria” (RUBIN, 1987, p. 150).

Se o trabalho abstrato é um dispêndio de energia humana em forma fisiológica, então o valor possui também um caráter material reificado; ou então, o valor é um fenômeno social, e o trabalho abstrato deve ser entendido também como um fenômeno social, relacionado a uma determinada forma social de produção (RUBIN, 1987, p. 151).

Portanto, não há outra maneira de entender os conceitos de trabalho e valor na teoria de Marx que não seja identificando o caráter social e histórico dessas categorias. Para Marx, o conceito de trabalho abstrato é inseparável do conceito de valor e sua tarefa, conseqüentemente, era deduzir dialeticamente o valor a partir do trabalho abstrato.

Colmán e Pola (2009) afirmam que o trabalho abstrato assume na sociedade capitalista uma forma social onde os seus produtos são vistos como possuidores de valor e, por isso, não se pode entender as propriedades da teoria marxista sobre valor sem abstrair os atributos técnicos e estudá-los enquanto categoria social. Argumentamos aqui que o mesmo se aplica a qualquer trabalho, material ou ‘imaterial’.

tangível ou 'intangível'. Como vimos, o trabalho traz na sua essência uma substância social que é comum a todas as mercadorias.

O trabalho que cria valores de uso é uma condição natural da existência humana, que existe independente das formas de organização social, enquanto o trabalho que cria valores de troca é uma forma social. O trabalho concreto é a fonte das riquezas materiais, assim é o trabalho produtor de valores de uso, enquanto o trabalho abstrato é o produtor do valor de troca, que é a forma social que o trabalho assume no capitalismo (COLMÁN; POLA, 2009, p. 12)

O trabalho que é capaz de produzir valor de troca possui um caráter estritamente social e não é produzido senão para relacionar-se com os demais produtores de mercadorias. Evidentemente que no processo de produção de mercadorias, onde a criação de valor está também relacionada à exploração da força de trabalho, esse valor é determinado pelo trabalho médio socialmente necessário, não importando, nesse nível de análise, antes lógico do que sociológico, se o trabalho é mais propriamente braçal ou intelectual, simples ou complexo, tampouco a proporção relativa de um ou outro tipo de trabalho na reprodução ampliada do capital. Ou seja, o fato dessa reprodução se dar de modo mais intensivo, em dado período histórico, no ramo da produção de tecidos ou de softwares, de metalurgia ou de metadados, não altera em nada a lógica interna da teoria do valor trabalho de Marx.

Se isso está correto, a teoria do valor permanece atual enquanto vivemos em uma sociedade cuja economia é regida pela produção de mercadorias, cuja essência reside na perpetuação da força de trabalho, seja ele simples ou complexo, braçal ou intelectual, como mercadoria. Resta então desdobrar o nível lógico da análise em novas análises empíricas, ao invés de refutá-lo com base não em uma desconstrução consistente de sua logicidade interna, mas de análises empíricas de mercadorias – força de trabalho ou produtos – mais valorizadas ou não em dado contexto. O último movimento simplesmente confunde níveis de abstração e análise.

O trabalho materializado na mercadoria, que é a substância do valor de troca, é trabalho médio executado dentro do tempo de trabalho socialmente necessário. E

assim, o capital promove o desenvolvimento necessário às forças produtivas sociais, de modo a tornar possível a produção de um trabalho excedente sem precedentes na história da humanidade, o que pode criar as condições necessárias para o fim da exploração da força de trabalho, porque cada vez uma quantidade menor de trabalho é necessária para promover a reprodução da sociedade (COLMÁN, POLA, 2009). Ao mesmo tempo, sob o regime da mercadoria, isso gera uma concentração de renda, diminuição de salários e exclusão, sem precedentes, daqueles que vivem do trabalho, do mercado produtor e consumidor, que tomou o mundo.

Destacam Colmán e Pola (2009, p. 19): “o capital é um sistema de exploração geral das propriedades da natureza e do homem, como podemos observar nas formas de ampliação da extração da mais-valia, que tanto na sua forma relativa quanto na absoluta⁶, pode ser aplicada a todo e qualquer trabalho assalariado sob o jugo do capital.” Acrescentamos: isso vale tanto para a produção de mercadorias tangíveis quanto intangíveis, tanto para o trabalho braçal mais simples quanto para o trabalho intelectual ou criativo mais complexo.

Uma das principais características do modo de produção capitalista é que a sociedade não organiza conscientemente, isto é, politicamente, a produção e a circulação de mercadorias. Não se determina o que vai ser produzido, nem as quantidades, com base em uma análise criteriosa, sensata, dos recursos (incluindo seus limites) e demandas efetivos.

O parco planejamento que há é determinado pelos produtores de mercadorias isolados, em permanente competição, com grau variável de intervenção das diversas instâncias do Estado, mas com a mediação predominante do mercado. As mercadorias aparecem de forma despersonalizada, através do processo de troca, que estabelece o

⁶ A definição de mais-valia está relacionada à exploração da classe trabalhadora, pela qual o capitalista recolhe o excedente da produção do trabalhador como lucro. A mais-valia absoluta é resultado do aumento do tempo de trabalho excedente em relação ao necessário (tempo de trabalho necessário é aquele que produz valor equivalente ao do salário, ou do mínimo necessário para a reprodução da força de trabalho num dado contexto sócio cultural), pela extensão da jornada de trabalho, enquanto a mais-valia relativa resulta da diminuição do tempo de trabalho necessário em relação ao excedente, mediante a intensificação da produtividade.

vínculo entre os produtores em um sistema unificado, mais ou menos politicamente regulado, cujas partes se relacionam e se condicionam mutuamente.

É pelas trocas de mercadorias que as atividades produtivas de um determinado membro da sociedade influenciam a atividade produtiva do outro e essas relações sociais de produção assumem uma forma reificada. A reificação é um termo que significa, literalmente, em alemão, transformar uma ideia em uma coisa. É o que acontece quando os atributos das relações sociais são transferidos para as mercadorias, como se elas tivessem um valor intrínseco independente. Como destaca Rubin (1987, p.24): “As relações sociais de produção assumem, inevitavelmente, uma forma reificada e, na medida em que falamos das relações entre produtores mercantis individuais e não de relações dentro de firmas privadas isoladas, elas só existem e se realizam dessa forma”.

Nesse sentido, as mercadorias adquirem as propriedades de valor, dinheiro, capital, em função das relações sociais de produção às quais estão vinculadas na economia mercantil. Nosso ponto é que a informação mercantil também vai assumir propriedades de valor, dinheiro, capital, na medida em que se torna insumo crescentemente central nas relações capitalistas.

O processo de produção material das coisas é reflexo das relações de produção social realizadas no cerne do mercado capitalista, que produz condições materiais para realização das trocas, ou seja, da relação mercantil. Rubin (1987, p. 27) destaca que o processo de produção capitalista “é um processo de produção das condições materiais de sobrevivência do homem [sic] e se desenvolve através das relações específicas, históricas e econômicas, de produção”.

Assim, é preciso entender que a troca de mercadorias estabelece uma relação de produção direta entre indivíduos determinados. Essa relação tem um significado social, não apenas técnico. Marx (2014) percebeu que o processo de produção e circulação de mercadorias é um processo que move o mercado capitalista e este processo é dotado de relações sociais que são essencialmente marcadas por um

metabolismo social compreendendo as diferentes relações de produção entre as pessoas.

Esse processo, ao longo do tempo, gera mudanças nas relações. Podemos observar que a evolução dos meios técnicos e materiais de produção, o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, configurou um acentuado avanço no processo de produção capitalista e, por conseguinte, nas relações sociais de produção.

Desta forma, tendo desenvolvido a trama teórica em torno da teoria do valor de Marx buscamos elucidar o pensamento marxiano sobre o modo de produção capitalista configurado a partir das relações sociais de produção em torno das mercadorias. A defesa da relevância e do caráter explicativo da teoria do valor permeia este estudo por apresentar os elementos que favorecem o entendimento de que o capital aprendeu a controlar as formas de trabalho que têm como núcleo comum a informação e o conhecimento, como demonstrado no próximo capítulo.

Ademais, destaca Amorim (2009, p. 148) o capital “aprofundou sua dominação política e econômica na produção quando passou a utilizar mais adequadamente as capacidades intelectuais do trabalhador”. Tendo estabelecido seus próprios limites de dominação e exploração dos trabalhadores o capital passou a depender do saber-fazer do trabalhador.

4 TEORIAS DA INFORMAÇÃO COMO VALOR

A relação de capital que subsiste impávida nas novas configurações da produção capitalista é ainda uma relação de subordinação, de exploração e mesmo de violência da burguesia contra os trabalhadores (PRADO, 2014, p. 32)

A Ciência da Informação (CI), entendida como “a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, das forças que governam seu fluxo, e dos meios para processá-la a fim de aperfeiçoar o acesso a ela e seu uso” (BORKO, 1968, tradução nossa⁷), pode trazer para o campo da Economia Política (EP) um olhar sobre forças, fluxos e meios de produção considerando a informação como elemento essencial no processo de produção.

Nesta seção, discorreremos sobre os conceitos de trabalho imaterial, capitalismo cognitivo e trabalho informacional em uma apresentação geral dos conceitos. Do ponto de vista da análise da produção científica, ter acesso a um arcabouço de dados e informações sobre determinada área possibilita, além de conhecer o desenho teórico da área, compreender os caminhos pelos quais a pesquisa se desenvolveu ao longo do tempo. Esta discussão irá evidenciar a relação entre a Ciência da Informação e a Economia Política, o que solidifica a necessidade da análise, feita nos próximos capítulos, da produção da EP a partir do olhar da CI.

Para André Gorz (2005, p. 9), “os fatores que determinam a criação de valor são o componente comportamental e a motivação”. As empresas passam a entender esses fatores como “capital humano” e dão maior importância para as relações geradas a partir do modo como o capital exerce influência sobre as pessoas.

Gorz (2005) afirma que o conhecimento se tornou a maior força produtiva do capitalismo, defendendo uma redefinição para as categorias clássicas marxistas: trabalho, valor e capital. Na percepção deste autor, o conhecimento converteu-se em

⁷ Citação original: discipline that investigates the properties and behavior of information, the forces governing the flow of information, and the means of processing information for optimum accessibility and usability.

uma nova força produtiva, em uma inteligência geral que não tem valor de troca, podendo ser partilhada livremente a baixos custos nas redes sociotécnicas.

O debate acerca da ciência, da técnica, do conhecimento como força produtiva não é novo nas teorias marxistas, alertam-nos Marques e Raslan (2014). Já Rubin (1987) destaca que a materialização das relações sociais, na perspectiva marxista, depende da forma social das coisas, enquanto mercadorias, e das condições históricas nas quais elas são desenvolvidas. Essas coisas podem tanto ser materiais quanto 'imateriais'. Assim, reafirmamos que a maior centralidade relativa do segundo tipo na economia atual, em relação à época de Marx, em nada altera a lógica interna de sua teoria.

Para esquematizar uma explicação, por material, entendemos um produto que tenha corporeidade física e por imaterial aquilo que é pensamento, ação ou emoção, ou seja, algo (inter)subjetivo que não se materializa em uma fisicalidade objetiva externa. Já o trabalho imaterial é visto aqui como "o conjunto das atividades intelectuais, comunicativas, afetivas, expressas pelos sujeitos e pelos movimentos sociais" (NEGRI, 2003, p. 92).

As atividades relacionadas ao trabalho imaterial levam à recomposição do trabalho material. Para Amorim (2009), essa recomposição do trabalho que gera valor não está dissociada das condições de exploração dos trabalhadores, de modo que a informação, mesmo que considerada como subproduto do trabalho imaterial, não está livre de exploração do trabalho.

Mesmo se considerássemos a informação o subproduto do trabalho dito imaterial, ainda assim ela é constituída por tempo de trabalho explorado e não pago, o que, portanto, fundamenta e reproduz o capital como relação social hegemônica no capitalismo contemporâneo. (AMORIM, 2009, p. 135)

Se, por um lado, é verdade que o capitalismo se adapta e incorpora o trabalho imaterial, percebe-se, por outro, que "a mudança técnica e a inovação não derivam somente de estratégias de acumulação do capital" (ALBAGLI, 2013, p. 107). Mudanças

e inovações, como forças produtivas do trabalho imaterial, corroboram para o resgate das lutas e conflitos entre trabalho e capital na perspectiva da ressignificação dos meios e espaços de produção cognitiva e informacional.

Uma consequência de todo esse processo foi a nova acepção dos modos de produção a partir do trabalho imaterial. O capital social passa a ser valorizado como uma rede de conexões que favorece a diversidade e promove processos cooperativos capazes de mobilizar ações que partem do trabalho informacional (ALBAGLI, 2013). O trabalho imaterial deve ser encarado como um pressuposto da criatividade, como um processo social de criação e de inovação, que não está dissociado do capital (LAZZARATO; NEGRI, 2001), mas que está profundamente enraizado no modelo de produção baseado nas subjetividades.

O trabalho imaterial é entendido como um conjunto de atividades que dependem essencialmente das energias intelectuais e científicas dos sujeitos que o produzem. Informação, comunicação e linguagem são elementos-chave no processo produtivo do trabalho imaterial (ALBAGLI, 2013), pois estão diretamente relacionados à produção, disseminação, organização, acesso e uso da informação.

Os espaços de produção cognitiva e informacional podem ser considerados os meios pelos quais os sujeitos desenvolvem seu trabalho imaterial. Sejam eles as relações (inter)subjetivas, as energias intelectuais dispensadas ao trabalho ou, por exemplo, a organização produtiva como fluxo de informações, inúmeros são os aspectos intangíveis da produção imaterial do trabalho.

A teoria do capitalismo cognitivo traz a informação e o conhecimento como elementos centrais das relações de produção. A interface entre trabalho imaterial e capitalismo cognitivo é constituída de um paradoxo: a derrota do operário fordista e o reconhecimento da centralidade de um trabalho vivo mais intelectualizado, como característica do modelo pós-fordista (LAZZARATO; NEGRI, 2001, p. 25). O trabalho então passa por uma reestruturação em meio à qual as atividades desenvolvidas são

integradas à capacidade de tomada de decisão de cada trabalhador, e não mais apenas de poucos membros de uma hierarquia piramidal bem definida.

Ao discutir as hipóteses do desenvolvimento do capitalismo cognitivo, Corsani (2003, p. 15) afirma que “a passagem do fordismo ao pós-fordismo pode ser lida com a passagem de uma lógica da reprodução a uma lógica da inovação”. A transformação do trabalho operário em trabalho de controle, de gestão da informação, de capacidades de decisão exige uma subjetividade diferente de outrora (LAZZARATO; NEGRI, 2001).

Esta forma de atividade produtiva [trabalho imaterial] não pertence somente aos operários mais qualificados: trata-se também do valor do uso da força de trabalho, e mais genericamente da forma de atividade de cada sujeito produtivo na sociedade pós-industrial. [...] A virtualidade desta capacidade não é vazia nem a-histórica (LAZZARATO; NEGRI, 2001, p. 26).

Lazzarato e Negri (2001) tentam evitar um mal-entendido, porque se pode cair na falácia de supor que, apenas em um nível mais elevado da organização, há essa mudança. A abertura de uma potencialidade como essa tem como hipóteses e gêneses a luta contra o trabalho fordista, bem como os processos de socialização, formação e autovalorização.

Neste modelo de produção pós-fordista, o conhecimento é considerado a principal força produtiva. A crise, preconizada por Marx, já admitia que a riqueza (capital econômico) iria depender cada vez mais da ciência e do avanço das tecnologias. E, portanto, o trabalho imaterial ocupa um papel estratégico na organização global da produção (LAZZARATO; NEGRI, 2001).

Esse trabalho pressupõe uma organização capaz de perceber a capacidade produtiva dos sujeitos a partir da subjetividade. Isto significa um novo despertar para as forças produtivas, ampliação da visão fordista e abertura para horizonte de possibilidades econômicas e científicas.

Por esse aspecto, o trabalho imaterial é uma forma de apropriação socializada dos meios técnico-científicos, informacionais. Assim “o ciclo do trabalho imaterial é pré-constituído por uma força de trabalho social e autônoma, capaz de organizar o próprio trabalho e as próprias relações com a empresa” (LAZZARATO; NEGRI, 2001, p. 27), isto é, nenhuma organização científica do trabalho pode predeterminar esta capacidade, que é socialmente produzida.

Essa nova conjuntura se deu pelo declínio do fordismo e a transição para um capitalismo baseado nas relações informacionais, inovativas e criativas que alguns autores vão denominar de capitalismo cognitivo, onde o processo de comunicação e organização do fluxo de informações é inerente ao desenvolvimento das forças produtivas (MARAZZI, 2009).

Diante desse contexto, Lazzarato e Negri (2001, p. 28) afirmam que:

Nessa transformação não é nem o trabalho imediato, executado pelo próprio homem [sic], nem é o tempo que ele trabalha, mas a apropriação de sua produtividade geral, a sua compreensão da natureza e o domínio sobre esta através da sua existência enquanto corpo social – em uma palavra, é o desenvolvimento do indivíduo social que se apresenta como o grande pilar de sustentação da produção e riqueza.

O público como consumidor passa a ter, segundo Larazzato e Negri (2001), duas funções produtivas. Em vista que os produtos ideológicos são a ele dirigidos como parte constitutiva, além da promoção de um envolvimento na recepção desses produtos, essas funções produtivas garantem ou deveriam garantir o controle e a submissão do público aos seus valores.

Os autores ainda destacam duas consequências desse processo: “a transformação do produto ideológico em mercadoria [que] desvia o imaginário social e se produz nas formas de vida” e “as formas de vida que constituem a fonte de inovação” (LARAZZATO; NEGRI, 2001, p. 51). Assim os elementos criativos, de inovação, estão diretamente ligados aos valores que as formas de vida produzem. Isto porque “a

criatividade e produtividade na sociedade pós-industrial residem, de um lado, na dialética entre as formas de vida e os valores que elas produzem; e de outro, na atividade dos sujeitos que as constituem" (LAZZARATO; NEGRI, 2001, p. 52).

Essas formas de vida e valores estão presentes no cerne da sociedade e são reproduzidas dadas as transformações sociais que levam a uma constatação de que uma "verdadeira sociedade do saber seria um comunismo do saber no qual a criação de riqueza equivaleria ao desenvolvimento livre em todos os sentidos das aptidões humanas, incluindo a aptidão ao lazer e ao prazer" (GORZ, 2005, p. 77). As relações sociais contidas nesse processo econômico são consideradas relações com sentido coletivo.

É importante então distinguir conhecimento e informação ainda que ambos sejam considerados aliados no desenvolvimento de políticas voltadas para a ciência e a tecnologia. Conforme Albagli e Maciel (2012, p. 52), "o conhecimento consiste numa capacidade derivada do aprendizado, a partir de interações intelectuais, sociais, culturais, tecnológicas e até afetivas. A informação é parte do conhecimento externalizada, codificada e transmitida ou comunicada".

Albagli e Maciel (2012) afirmam que considerando a atual conjuntura do papel do conhecimento na sociedade como forma de acumulação de saberes, ele pode levar a uma desestabilização das relações sociais inerentes a formas de propriedade e do exercício da autoridade na produção, acesso e uso desse conhecimento. O trabalho imaterial em si é uma forma sinérgica de produção que obriga a colocar em discussão as definições clássicas de trabalho, porque faz parte de uma nova configuração de diferentes tipos de atividades relacionadas à informação e à cultura.

Qualidade e quantidade de trabalho são reorganizadas em torno da sua imaterialidade. Para Lazzarato e Negri (2001, p. 25) "embora a transformação do trabalho operário em trabalho de controle, de gestão da informação, de capacidades de decisão que pedem o investimento da subjetividade, toque os operários de maneira diferente, ela apresenta-se como um processo irreversível".

Os autores apresentam as características da subjetividade produtiva pós-industrial como elementos inerentes à capacidade de produção do operário. Isso não significa, porém, como já mencionado anteriormente, que essa forma de atividade produtiva pertença apenas aos operários mais qualificados. Ela está presente também no jovem operário como uma capacidade ainda indeterminada, uma virtualidade.

Há, para Lazzarato e Negri (2001), uma integração do trabalho imaterial no trabalho industrial e terciário a partir das principais fontes de produção que perpassam os ciclos de produção. Eles apresentam o ciclo do trabalho imaterial, apresentado em forma de matriz conceitual no Quadro 4, em relação às formas clássicas de reprodução do capital. Os autores deixam evidente que “aquilo que é ‘produtivo’ é o conjunto das relações sociais” (2001, p. 51), o que evidencia a importância destas relações na engenharia produtiva do capital.

Quadro 4 - Matriz de conceitos sobre do trabalho imaterial

CICLO	CONCEITO	FORMA DE EXPOSIÇÃO
Trabalho imaterial em si	Autonomia das sinergias produtivas. Constitui-se em formas imediatamente coletivas.	Forma de rede e fluxo. Abre antagonismos e contradições.
Produtos ideológicos	Tornam-se mercadoria. São internos aos processos de formação da comunicação social.	Produzem novas estratificações da realidade. Constituem o ambiente mental da pessoa.
Público consumidor	Torna-se o próprio modelo consumidor. Possui uma dupla função produtiva: ele é o destinatário do produto ideológico e recebe o produto que o faz viver e envolver-se.	É integrado na comunicação social. Assume um ato criativo e é parte integrante do produto.
Valores e a genealogia da inovação	Processo aberto de criação que se instaura entre o trabalho imaterial e o público.	Pressupõem modos de ser, modos de existir, formas de vida que funcionam como o princípio e o fundamento dos próprios valores.

Fonte: Elaborado a partir de Lazzarato e Negri (2001)

Deste ciclo do trabalho imaterial, os autores apontam duas consequências: a transformação do produto ideológico em mercadoria que desvia o imaginário social e se produz nas formas de vida; e essas formas de vida, que são expressões coletivas e cooperativas, constituem a fonte de inovação (LAZZARATO; NEGRI, 2001).

Os elementos criativos, de inovação, são estritamente ligados aos valores que somente as formas de vida produzem. A criatividade e a produtividade na sociedade pós-industrial residem, de um lado, na dialética entre as formas de vida e os valores que elas produzem; e de outro, na atividade dos sujeitos que as constituem. (LAZZARATO; NEGRI, 2001, p. 52).

Os conceitos de trabalho imaterial e intelectualidade de massa definem, para Lazzarato e Negri (2001), uma nova qualidade do trabalho, novas relações de poder e, por conseguinte, novos processos de subjetivação. Corroboramos com o pensamento de Amorim (2009), que destaca a reorganização da exploração do trabalho pelo capital diante das configurações das forças produtivas.

O capital hoje reorganizou a exploração do trabalho aos seus interesses. Às técnicas de produção Taylor-fordista foram somadas novas formas de persuasão que difundem, por exemplo, a ideia de que o trabalhador é parceiro e, como tal, deveria incorporar o "espírito" da empresa capitalista. A "subjetividade" do trabalhador é assim reconfigurada e outra vez reclamada pelo capital (AMORIM, 2009, p. 146).

Apesar das novas configurações das forças de trabalho, da produção voltada para o trabalho intelectual, a ideia de superação da teoria do valor não se sustenta. Comprovadamente temos o crescimento do trabalho industrial na China e na Índia, a consequente proletarianização de milhões, em moldes, por assim dizer, clássicos; mas sobretudo pelo fato da teoria do valor trabalho de Marx não se referir essencialmente à produção industrial, mas a qualquer forma de subsunção do trabalho ao capital. Se isso estiver correto, as novas relações entre informação, capital e trabalho não apontam para uma superação da teoria marxista do valor, configurando antes novos desafios

para ela. Assim, como destaca Marques (2016), a nova configuração da sociedade na era das tecnologias de informação e comunicação suscita novas discussões e reflexões sobre o papel da informação e do conhecimento.

[...] o arcabouço teórico de Marx fomenta ricas discussões e ilumina diferentes aspectos das dinâmicas socioeconômicas da era da informação e do conhecimento, quando as tecnologias da informação e da comunicação se tornam cada vez mais entranhadas na esfera do trabalho e do tecido social (MARQUES, 2016, p. 48)

Segundo Dantas (2014a), o capital mobiliza principalmente o trabalho informacional, capaz de gerar valor de uso, mas não valor de troca. A apropriação do valor obtido por esse trabalho exige do capital a instituição do monopólio do conhecimento científico ou artístico, por meio do qual é instituída a extração da renda informacional⁸.

As relações sociais de produção reforçam a identidade e o reconhecimento do indivíduo como membro de um determinado grupo. Essas relações garantem um suporte emocional, porque os sujeitos coletivos mobilizam redes sociais de conhecimento a fim de que seu capital cognitivo, produzido nos dispositivos infocomunicacionais⁹, seja aproveitado como recurso para o mercado. Assim, a comunicação que perpassa esses relacionamentos pode e deve ser entendida como um fato social que coopera para a circulação da informação e produz uma abordagem comunicacional a partir dos dispositivos infocomunicacionais entendidos como dispositivos materiais de comunicação (MARTELETO, 2010).

A suposição é de que há no cerne do capitalismo uma mudança estrutural e radical do sistema de produção (MOULIER-BOUTANG, 2003), isto é, a sociedade capitalista industrial passa de uma produção pós-fordista para o capitalismo cognitivo.

⁸ Para Dantas (2008, p. 8) renda informacional é a renda "a ser obtida do monopólio juridicamente assegurado sobre algum conhecimento submetido a um direito de propriedade.

⁹ Utilizaremos o conceito de dispositivo infocomunicacional definido por Jeanneret (2012) como redes sociais, em uma perspectiva extensa e a partir de várias dinâmicas sociais.

O capitalismo cognitivo é definido por Moulier-Boutang (2011a, p. 89) como “um novo sistema de acumulação que se apoia na transformação da forma e da substância do valor e da mais-valia”. Nesse novo sistema, o conhecimento e a inovação são questões centrais para acumulação e formação do lucro, onde a acumulação estaria vinculada ao conhecimento, à criatividade e às formas de investimento material. Mas, não somente, vincula-se à percepção de valor daquele produto e ao status que confere à pessoa. É o que poderia ser chamado de fetiche do fetiche em que as pessoas agora são percebidas pelo valor das coisas que elas usam/tem.

Para Marques (2014, p. 46) o aspecto principal desse sistema estaria ligado “ao estabelecimento de uma nova base do valor, de novos critérios de avaliação da performance do capital, de novos modos de validação da moeda, de novas formas de subsunção real do trabalho dependente”.

Os autores que defendem esta corrente alegam que a profunda mutação na maneira como é atribuído valor ao capital torna difícil a mensuração do valor. No capitalismo cognitivo, a inovação e a criatividade tornam-se os principais fatores de valorização do capital, assim a criação de valor passa a depender do tempo subjetivo da criação nos processos de trabalho e não mais do tempo objetivo da repetição (CORSANI, 2003; LAZZARATO, 2003; MOULIER-BOUTANG, 2003; GORZ, 2005).

[O capitalismo cognitivo] Vive a se apropriar da inteligência coletiva presente na interação entre muitos e, para acumular o capital intelectual, é obrigado a permitir a atividade polinizadora humana por meio do acesso aos bens comuns, da gratuidade, da atividade não comercial. Ele necessita dessas novas terras comuns para se beneficiar de parte dos frutos da polinização humana da noosfera (linguagem, cultura, imagens, afetos, emoções), mesmo que este requisito entre cada vez mais em rota de colisão com o imperativo de fechamento pelos direitos de propriedade intelectual das indústrias culturais vindas do capitalismo industrial. (MOULIER-BOUTANG, 2011a, p. 93)

O modelo de capital cognitivo define o trabalho como imaterial e produz uma relação social, intrínseca às atividades de trabalho, baseada em elementos

comunicativos, afetivos, informacionais, criativos, inovativos. Estas atividades têm valor econômico, pois apresentam uma realidade que o trabalho material ocultava.

Como destacam Lazzarato e Negri (2001, p.46), “o trabalho imaterial não produz somente as mercadorias, mas acima de tudo a relação de capital”. Esta relação é de inovação, produção e consumo, e é somente nesta relação que a atividade produtiva possui um valor econômico. Embora a inovação já existisse no período fordista, Corsani (2003, p. 17) alega que sua valorização baseava-se sobre o “domínio do tempo de reprodução de mercadorias padronizadas, produzidas com tecnologias mecânicas”.

Para Albagli (2014, p. 220), o capitalismo cognitivo em suas dimensões cognitivas e inovativas é marcado pela ressocialização do processo de trabalho. Nesse sentido, ele busca explorar não os conhecimentos reificados em mercadorias e vendidos como bens e serviços clássicos, mas os bens imateriais ou intangíveis de segunda ordem¹⁰ (MOULIER-BOUTANG, 2011b).

No capitalismo cognitivo, a dimensão cognitiva e inovativa do trabalho torna-se dominante e central na valorização do capital. Nele, importa menos a quantidade de trabalho e mais a qualidade do trabalho – ou seja, a capacidade de criar e inovar -, que é mobilizado em todas as suas dimensões: subjetivas, afetivas, comunicativas, criativas, inovativas. Menos a inovação como produto e mais a inovatividade como atributo, como capacidade, como processo. O capitalismo cognitivo é marcado pela ressocialização do processo de trabalho e a afirmação de uma intelectualidade difusa (o intelecto geral, de Marx), configurando um verdadeiro processo de polinização social, ou apieconomia ou uma sociedade pólen. (ALBAGLI, 2014, p. 220).

O capital carece, portanto, capturar a produção do comum, entendido em sua dupla condição: o comum é ao mesmo tempo a forma da produção e o horizonte de

¹⁰ Para abordar o que considera como o diferencial do capitalismo cognitivo o autor, Moulier-Boutang (2011, 2012) concebe uma classificação dos bens intangíveis em imateriais do tipo 1 e de tipo 2. Os imateriais do tipo um estão relacionados aos conhecimentos codificáveis sob a forma de linguagem oral, escrita e suportes digitais. Os imateriais do tipo dois relacionam-se aos intangíveis não codificáveis, em que estão incluídos o conhecimento tácito não externalizável, a capacidade de interpretação de dados e símbolos, a confiança, cooperação, o cuidado e a técnica.

uma nova relação social, aquilo que o saber vivo produz e que o capital explora. É nessa tensão entre a autonomia do saber vivo e a captura capitalista que se determina o plano do antagonismo hoje (ROGGERO, 2012, p. 63).

Por outro lado, Antunes (1999) alertava, anos antes, para o fato de não se confundir a tendência do capital a reduzir o trabalho vivo¹¹ em detrimento da ampliação do trabalho morto¹² com a extinção do trabalho. Ele também se opõe à tese de Habermas que via a ciência como principal força produtiva em substituição ao valor-trabalho, pois a tese habermasiana ignora a complexa e contraditória unidade entre trabalho vivo, ciência e tecnologia.

Neste sentido, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia é determinado pela lógica do capital e não pela lógica das necessidades humanas, nem por qualquer impulso imanente (ANTUNES, 1999). Ou seja, "a ciência não pode converter-se em principal força produtiva, em ciência e tecnologia independentes, pois isso explodiria, faria saltar pelos ares a base material do sistema capitalista" (ANTUNES, 2009, p. 122). Para Marx (2011) a relação entre valor-trabalho e ciência tem extrema importância e, apesar da ciência ter seu reconhecimento no mundo contemporâneo seus objetivos são restringidos pela lógica de reprodução do capital.

Nessa linha de raciocínio, a ampliação das formas de trabalho intelectual não indica de forma alguma que a teoria do valor-trabalho esteja obsoleta, pelo contrário.

Em vez da substituição do trabalho pela ciência, ou ainda da substituição da produção de valores pela esfera comunicacional, da substituição da produção pela informação, o que vem ocorrendo no mundo contemporâneo é uma maior inter-relação, maior interpenetração, entre as atividades produtivas e as improdutivas, entre as atividades fabris e de serviços, entre as atividades laborativas

¹¹ Pode ser considerado com ação transformadora da natureza, enquanto atividade humana, material e social. Ou como Marx costuma conceituar "é o ato que se passa entre o homem e a natureza". É trabalho vivo que produz valor, é esse trabalho que produz mais-valia e garante ao capitalista o excedente como capital acumulado.

¹² É o valor despendido em meios de produção como maquinário, infraestrutura e matérias-primas, pode ser entendido também como trabalho cristalizado. Cristalizado em determinada mercadoria, é, portando, o trabalho finalizado e que aparece na forma de uma determinada mercadoria.

e as atividades de concepção, que se expandem no contexto da reestruturação produtiva do capital, possibilitando a emergência de processos produtivos pós-tayloristas e pós-fordistas (ANTUNES, 2009, p. 219).

Fato é que o conhecimento e a informação nem sempre foram tomados como elementos pressupostos nas teorias econômicas clássicas e neoclássicas. Isso não significa que, ao longo do desenvolvimento do capitalismo, essas 'forças produtivas' não tenham tomado novas e amplas dimensões econômicas. O que não necessariamente torna obsoleta a teoria do valor trabalho de Marx, tal qual a compreendemos.

É preciso compreender que o capital sempre se adapta às novas configurações do mercado e, apesar das crises, ele sempre aprende a controlar as formas de trabalho, seja ele cognitivo, informacional ou imaterial. O capital aprofunda "sua dominação política e econômica na produção [...] quando passa a utilizar mais adequadamente as capacidades intelectuais do trabalhador" (AMORIM, 2009, p. 146).

Ademais, o papel que estas teorias desempenham frente as pesquisas que buscam compreender o modo de produção capitalista e sua relação com a informação e o conhecimento é percebido pela Ciência da Informação como elo relaciona a abordagem técnica da CI e seu campo social.

A partir do início dos anos 1990, a Ciência da Informação experimentou uma verdadeira ebulição teórica, sobretudo após o *Internacional Conference on Conceptions of Library and Information Science*, realizado na Finlândia, em 1991. Desde então começou a tomar forma um paradigma 'social' de estudo da informação, percebendo a informação como elemento principal da sociedade, construída por grupos de usuários, revelando a ideia de intersubjetividade (ARAÚJO, 2014).

As abordagens teóricas da Ciência da Informação têm levado em consideração este paradigma destacando-se os estudos hermenêuticos de Capurro (2003) e de Cornelius (1996), os estudos em 'análise de domínio' (HJORLAND; ALBRECHTSEN, 1995), os estudos sobre os 'regimes de informação' (FROHMAN, 2008), os desenhos

da perspectiva realista-dialética da informação (RENDÓN ROJAS, 2005). Esses enfoques remetem para “um entendimento mais complexo do papel ativo dos sujeitos nas relações com a informação, para a inserção dos fenômenos e processos informacionais nos contextos sócio-históricos concretos e no caráter reciprocamente referenciado da construção da informação e de suas representações e processamentos técnicos” (ARAÚJO, 2014, p. 211).

Neste sentido, há que se considerar o exercício dialético neste estudo para compreender a configuração da produção científica sobre a teoria do valor a partir da elaboração dos mapas de redes, levando em consideração a coocorrência de palavras-chave.

Temos como alicerce a própria teoria do valor de Marx apresentada anteriormente e as teorias que levam em consideração as novas configurações das relações de trabalho no mundo contemporâneo.

Desta forma, podemos afirmar que a teoria do valor é válida para explicar os fenômenos atuais do capitalismo, pois o caráter imaterial do trabalho não significa que ele deixou de estar subsumido ao capital. Para além da validade desta afirmação, a Ciência da Informação tem se interessado pelas questões da Economia Política, esse exercício interdisciplinar debruça o olhar para perceber que o valor do trabalho está atrelado também às questões informacionais e cognitivas. Sendo assim, a CI que se propõe a compreender o fenômeno informacional e ampliar ao máximo o acesso à informação, utilizando seus métodos e técnicas, tem demonstrado uma vontade de exercer e praticar o pensamento marxista.

Aqui utilizamos métodos e técnicas, consideradas o núcleo ‘duro’ da Ciência da Informação, para desenvolver o estudo que tem como pano de fundo a teoria do valor de Marx. As análises métricas funcionam, a exemplo da Revisão Sistemática de Literatura, como um medidor para tomada de decisão, porque conseguem sinalizar as lacunas em grande *corpus* de literatura.

5 MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE TEORIA DO VALOR NA BASE DE DADOS SCOPUS

A produção capitalista, que essencialmente é produção de mais-valia, absorção de trabalho excedente, ao prolongar o dia de trabalho não causa apenas a atrofia da força humana de trabalho, à qual rouba suas condições normais, morais e físicas de atividade e de desenvolvimento. Ela ocasiona o esgotamento prematuro e a morte da própria força de trabalho. Aumenta o tempo de produção do trabalhador num período determinado, encurtando a duração da sua vida (MARX, 2014, p. 307).

Nesta seção apresentamos os resultados das análises dos artigos científicos coletados na base Scopus sobre a teoria do valor, publicados entre os anos de 1998 a 2017. Com o objetivo de melhor visualizar os dados e as possíveis alterações na rede de coocorrências, os resultados serão apresentados em quatro quinquênios: 1998-2002; 2003-2007; 2008-2012; 2013-2017.

Os resultados estão divididos em duas seções: a primeira apresenta a evolução temporal, na qual se destaca os pontos de inflexão de cada período e alguns eventos macroeconômicos que podem ter influenciado na variação da produção científica; a segunda seção apresenta as análises de rede.

5.1 EVOLUÇÃO TEMPORAL DAS PUBLICAÇÕES E ARTIGOS

Ao aplicar o protocolo de busca levando em consideração os termos: teoria do valor, trabalho imaterial, capitalismo cognitivo e capitalismo informacional foram encontradas 1.798 publicações, considerando a data da primeira publicação na base, 1892, até 2019. No período proposto para estudo, 1998 a 2017, foram encontradas 1.333 publicações, levando em consideração todos os tipos de documentos que a base indexa: artigos, revisões, capítulos de livros, notas, livros, editoriais), o que representa 74,1% em relação total de publicações.

O Gráfico 1 apresenta a tipologia das publicações no período proposto para análise.

Gráfico 1 - Tipologia das publicações sobre a temática teoria do valor no período de 1998-2017



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

São apresentadas no Gráfico 1 as tipologias das publicações distribuídas em oito categorias, sendo elas artigo (*article*) ou relatórios de pesquisas originais; crítica (*review*), que constitui um novo estudo sobre um tema estudado anteriormente; capítulo de livro (*book chapter*) ou partes de um livro; artigos de congresso (*conference paper*) ou publicações apresentadas em encontros científicos; livros (*book*); notas (*note*) ou seja, artigo com comentário a um artigo publicado anteriormente; e editorial (*editorial*), opinião sobre um tema específico.

Na oitava categoria, *outros*, estão as tipologias com frequência igual a 1, sendo elas artigos de revisão apresentados em congresso (*conference review*), carta (*letter*), uma publicação não categorizada pela base (*undefined*).

Quanto aos artigos de periódicos, foram encontrados 1.311, o que significa que 73% do total de documentos sobre a temática estão publicadas em artigos de periódicos. Considerando o período proposto para estudo, 1998 a 2017, foram encontrados 895 artigos, ou seja, 68,3% do total de artigos de periódicos sobre a temática foram publicados no período estudado.

A base traz a indexação dos documentos em várias áreas do conhecimento, como pode ser observado na Figura 6. Assim, visualizando a Tabela de Áreas do Conhecimento¹³ do CNPq, foram selecionadas as áreas que fazem parte do grupo das Ciências Sociais Aplicadas, a saber: Ciências Sociais; Economia, Econometria e Finanças; e Negócios, Gestão e Contabilidade.

Figura 6 – Filtro por área de conhecimento

Filter by subject area

☒ Social Sciences	(693) >	☐ Decision Sciences	(22) >	☐ Health Professions	(1) >
☐ Arts and Humanities	(444) >	☐ Earth and Planetary Sciences	(21) >	☐ Materials Science	(1) >
☒ Economics, Econometrics and Finance	(408) >	☐ Agricultural and Biological Sciences	(17) >	☐ Undefined	(1) >
☒ Business, Management and Accounting	(147) >	☐ Energy	(16) >		
☐ Psychology	(82) >	☐ Neuroscience	(8) >		
☐ Environmental Science	(73) >	☐ Multidisciplinary	(6) >		
☐ Computer Science	(56) >	☐ Nursing	(6) >		
☐ Mathematics	(41) >	☐ Physics and Astronomy	(6) >		
☐ Engineering	(40) >	☐ Biochemistry, Genetics and Molecular Biology	(5) >		
☐ Medicine	(30) >	☐ Chemical Engineering	(1) >		

Fonte: Scopus, 2019.

Considerando o filtro por área de conhecimento, foram encontrados 684 artigos de periódicos sobre a temática, no período estudado, o que representa 76% em relação ao total de artigos (895) no período.

A Tabela 1 apresenta o total de publicações, assim como o total de artigos, dividido por ano e por quinquênio. Pode-se observar que, de maneira geral, houve um crescimento no número de publicações e, por conseguinte, no número de artigos de periódicos indexados na base.

Vale salientar que estes dados representam apenas uma parcela das publicações sobre a temática, pois estão restritos somente ao conteúdo indexado na base de dados

¹³ A Tabela de Áreas do Conhecimento tem por objetivo agregar informações de maneira ágil e funcional, colaborando com as instituições que atuam em ciência e tecnologia na sistematização das informações sobre o desenvolvimento científico e tecnológico. Disponível em: <http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>

Scopus. A amplitude da base e outras justificativas para sua escolha foram apresentadas na seção de procedimentos metodológicos.

Tabela 1 – Total de publicações e de artigos por ano e quinquênio sobre a Teoria do valor, indexados na base de dados Scopus, 1998 a 2017

Quinquênio	Ano	Total de Publicações	Total de Artigos
1	1998	19	11
	1999	15	11
	2000	20	9
	2001	19	15
	2002	25	13
	Total	98	59
2	2003	29	10
	2004	29	11
	2005	55	24
	2006	55	24
	2007	52	27
	Total	220	96
3	2008	60	28
	2009	82	43
	2010	73	39
	2011	84	46
	2012	86	44
	Total	385	200
4	2013	126	67
	2014	104	56
	2015	121	65
	2016	130	61
	2017	149	80
	Total	630	329
Total		1.333	684

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Observa-se que, no período, o número de documentos sobre a temática cresceu de 19, em 1998, para 149, em 2017, um aumento de 784%. Em relação ao número de artigos passou de 11, em 1998, para 80, em 2017, um aumento de 727% entre o primeiro e o último ano de análise.

Ao analisarmos os totais de publicações de cada quinquênio, observa-se que, do primeiro para o quarto quinquênio, o total de publicações cresceu de 98 para 630 publicações indexadas na base, o que representa um aumento de 642%. Quanto ao número de artigos passou de 59 no primeiro quinquênio para 329 artigos indexados no quarto quinquênio, um aumento de 557%.

A Tabela 2 apresenta os 10 periódicos com maior número de publicações no período estudado.

Tabela 2 – Periódicos que apresentaram maior número de artigos indexados no período 1998 a 2017

#	Periódico	Número de artigos
1	<i>Cambridge Journal of Economics</i>	26
2	<i>Rethinking Marxism</i>	15
3	<i>Review of Radical Political Economics</i>	15
4	<i>Knowledge Cultures</i>	13
5	<i>Contributions to Political Economy</i>	12
6	<i>European Journal of the History of Economic Thought</i>	11
7	<i>Review of Political Economy</i>	11
8	<i>Theory Culture Society</i>	11
9	<i>Caderno Crh</i>	10
10	<i>Historical Materialism</i>	10
Total		134

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Observa-se que o periódico *Cambridge Journal of Economics*¹⁴ detém o maior número de artigos publicados na temática em questão (26). O *Cambridge Journal of Economics* é editado pela *Oxford University* e recebe contribuições das ciências sociais. Seu foco é para o trabalho teórico, aplicado, interdisciplinar, com ênfase na análise realista e no desenvolvimento de perspectivas críticas.

Em seguida, o *Rethinking Marxism*¹⁵ apresenta 15 artigos publicados no período. Trata-se de uma revista *peer-reviewed* (revisada por pares) editada pela *Association for Economic and Social Analysis* em parceria com *Routledge/Taylor & Francis*, cujo foco é estimular a produção e o debate crítico sobre as consequências sociais da análise econômica, cultural e social de Marx. O *Review of Radical Political Economics*¹⁶ aparece também com 15 artigos publicados no período. É editado pela *Union for Radical Political Economics* e recebe resultados de pesquisas em todas as áreas da realidade econômica, social e política.

O periódico *Caderno Crh*, editado, pela Universidade Federal da Bahia, aparece em 9º lugar no ranking, demonstrando que o Brasil se coloca no *hall* de países que desenvolvem pesquisas sobre a temática da teoria do valor.

A Tabela 3 apresenta informações sobre as quantidades de periódicos por quinquênio. Ela traz, ainda, os três principais periódicos de cada período, além da quantidade de artigos publicados em cada um deles, no período.

¹⁴ Disponível em: <https://academic.oup.com/cje/pages/About>

¹⁵ Disponível em: <http://rethinkingmarxism.org/about-rm.html>

¹⁶ Disponível em: <https://us.sagepub.com/en-us/sam/journal/review-radical-political-economics#description>

Tabela 3 – Total de periódicos por quinquênio e periódicos com maior número de trabalhos publicados, indexados na base de dados Scopus, 1998-2017

Quinquênio	Total de Periódicos devotados à temática	Periódico com maior número de artigos	Número de artigos no periódico
1998-2002	40	<i>Cambridge Journal of Economics</i>	7
		<i>Journal Des Economistes Et Des Etudes Humaines</i>	5
		<i>Capital Class</i>	4
2003-2007	64	<i>Cambridge Journal of Economics</i>	7
		<i>Historical Materialism</i>	6
		<i>Review of Radical Political Economics</i>	6
2008-2012	139	<i>Rethinking Marxism</i>	7
		<i>Cambridge Journal of Economics</i>	6
		<i>Journal of Communication Inquiry</i>	5
2013-2017	160	<i>Knowledge Cultures</i>	13
		Caderno Crh	9
		<i>Contributions to Political Economy</i>	7
Total	403	Total	82

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Conforme pode ser observado, na Tabela 3 o primeiro quinquênio apresentou um total de 40 periódicos registrados na base, de acordo com a estratégia de busca estabelecida, sendo que os três que possuem o maior número de artigos no período são: *Cambridge Journal of Economics* (7), *Journal Des Economistes Et Des Études Humaines* (5) e *Capital Class* (4).

O *Cambridge Journal of Economics* aparece também como o periódico com maior número de artigos (26) indexados na base no período de estudo, 1998-2017, além de aparecer como o maior no segundo quinquênio (2003-2007) registrando 7

artigos indexados e aparece ainda como o segundo no terceiro quinquênio (2008-2012) com 6 artigos indexados.

O *Journal Des Economistes Et Des Études Humaines*,¹⁷ que aparece em segundo lugar no primeiro quinquênio (1998-2002), é um periódico voltado para economia política e estudos econômicos interdisciplinares. Ele recebe contribuições principalmente nas áreas da economia, teoria política, dinâmica social, metodologia de ciências sociais e filosofia.

O *Capital Class*¹⁸ é um periódico publicado pela *Conference of Socialist Economists*. Seu foco é ser uma fonte de crítica marxista ao capitalismo global. Recebe publicações focadas em desenvolvimentos políticos, econômicos e sociais.

No segundo quinquênio (2003-2007) 64 periódicos indexados na base apresentaram resultados sobre a temática, representando um aumento de 60% comparado ao primeiro quinquênio. Os periódicos que mais se destacaram foram: *Cambridge Journal of Economics* (7), *Historical Materialism* (6) e *Review of Radical Political Economics* (6).

O *Historical Materialism*¹⁹ é considerado interdisciplinar e se dedica a explorar e desenvolver o potencial crítico e explicativo da teoria marxista. É editado pela *London School of Economics* e recebe artigos nas áreas de ciência política, comunismo, socialismo e ciências sociais.

O terceiro quinquênio (2008-2012) aparece com 139 periódicos indexados que apresentaram publicações no tema, representando um aumento de 247% em relação ao primeiro quinquênio e 117% em relação ao segundo. Os periódicos que mais se destacaram nesse período foram: *Rethinking Marxism* (7), *Cambridge Journal of Economics* (6) e *Journal of Communication Inquiry* (5).

¹⁷ Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/j/jeeh>

¹⁸ Disponível em: <https://us.sagepub-com.ez15.periodicos.capes.gov.br/en-us/sam/journal/capital-class#description>

¹⁹ Disponível em: <https://brill.com/view/journals/hima/hima-overview.xml>

O *Journal of Communication Inquiry* ²⁰ é um periódico considerado interdisciplinar publicado pela *School of Journalism & Mass Communication* da *University of Iowa*. Ele busca dar ênfase aos fenômenos de comunicação e mídia dentro uma perspectiva histórica e cultural, publicando estudos que destacam investigações filosóficas, avaliativas, empíricas, históricas e críticas entre a comunicação de massa e a sociedade.

O quarto quinquênio (2013-2017) apresenta 160 periódicos que tiveram artigos publicados sobre a temática da pesquisa, o que representa um aumento de 15% se comparado ao terceiro quinquênio, 150%, ao segundo e 300%, ao primeiro. Desta vez, os periódicos se destacaram são diferentes, a saber, *Knowledge Cultures* (13), *Caderno Crh* (9) e *Contributions to Political Economy* (7).

O *Knowledge Cultures*, ²¹ publicado pela *Addleton Academic Publishers*, é considerado multidisciplinar, apresenta pesquisas nas áreas das ciências humanas e sociais nas interseções com economia, filosofia, biblioteconomia, ciência da informação, política, estudos culturais, estudos literários, história e educação.

O *Caderno Crh* ²² é um periódico voltado para as Ciências Sociais, editado pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Humanidades da Universidade Federal da Bahia. Seu foco é reunir textos de reconhecido interesse acadêmico e atualidade das ciências sociais. Ele é o único periódico latino-americano/sul-americano/brasileiro a entrar nesta relação de periódicos que apresentaram resultados sobre a temática analisada, o que deve significar que há um foco de especialização no tema por um/alguns grupo(s) brasileiro(s), que encontra(m) no periódico, espaço para compartilhar suas pesquisas.

O *Contributions to Political Economy* ²³ é uma revista publicada pela *Cambridge Political Economy Society*. Recebe contribuições nas áreas das ciências humanas e

²⁰ Disponível em: <https://journals.sagepub.com/home/jci>

²¹ Disponível em: <https://addletonacademicpublishers.com/knowledge-cultures>.

²² Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/index>

²³ Disponível em: <https://academic.oup.com/cpe>.

sociais com trabalhos voltados para as linhas de pensamento associadas aos economistas políticos clássicos como Marx, Keynes e Sraffa.

Percebe-se que, ao longo dos 20 anos (1998-2017) cobertos pela pesquisa, houve um crescimento da produção científica sobre a temática analisada (Teoria do valor). Das 12 posições de destaque nos quinquênios, ressalta-se 10 periódicos, dos quais oito são anglófonos, um francófono e um lusófono/brasileiro. A maior parte deles recebe contribuições interdisciplinares, apesar de contarem, principalmente, com aquelas das áreas de ciências humanas e sociais.

A seguir, apresentamos os resultados referentes às análises de cada quinquênio quanto à coocorrência de palavras. Trazemos ainda elementos gráficos fornecidos pela própria base Scopus que ajudam a visualizar os dados e seus resultados.

5. 2 MAPAS DA PRODUÇÃO SOBRE A TEORIA DO VALOR POR QUINQUÊNIO

Esta seção apresenta a produção científica sobre a teoria do valor dividida por quinquênios. Cada seção se compõe de uma primeira parte que contém análises sobre a estrutura da produção científica na temática estudada. Nela, os gráficos destacam os cinco principais periódicos, as 10 principais instituições, os 10 principais países e os 10 principais autores de cada período de cinco anos. No entanto, no segundo e quarto quinquênio foram registrados oito (Gráfico 7) e 11 (Gráfico 15), respectivamente, instituições referentes à filiação institucional dos autores.

Em um segundo momento são apresentados os mapas feitos no Vosviewer a partir das palavras-chave. A partir desses mapas de visualização, podemos compreender como se estruturou a produção científica sobre a temática no período analisado, a partir da técnica de coocorrência de palavras. A relação de coocorrência entre palavras-chave é determinada pelo número de artigos em uma base de documentos, em que ambas ocorrem conjuntamente, seja no título, no resumo ou na

lista de palavra-chave (VAN ECK; WALTMAN, 2004). A análise levou em consideração palavras que apresentaram, no mínimo, duas ocorrências.

É importante ressaltar que, para a construção desses mapas, foram consideradas as palavras-chave indexadas na base de dados Scopus, que tem a particularidade de apresentar duas listas de palavras-chave para cada arquivo: a lista de palavras fornecida pelos autores do trabalho e uma outra lista, gerada pela própria base, a partir de seus tesouros.

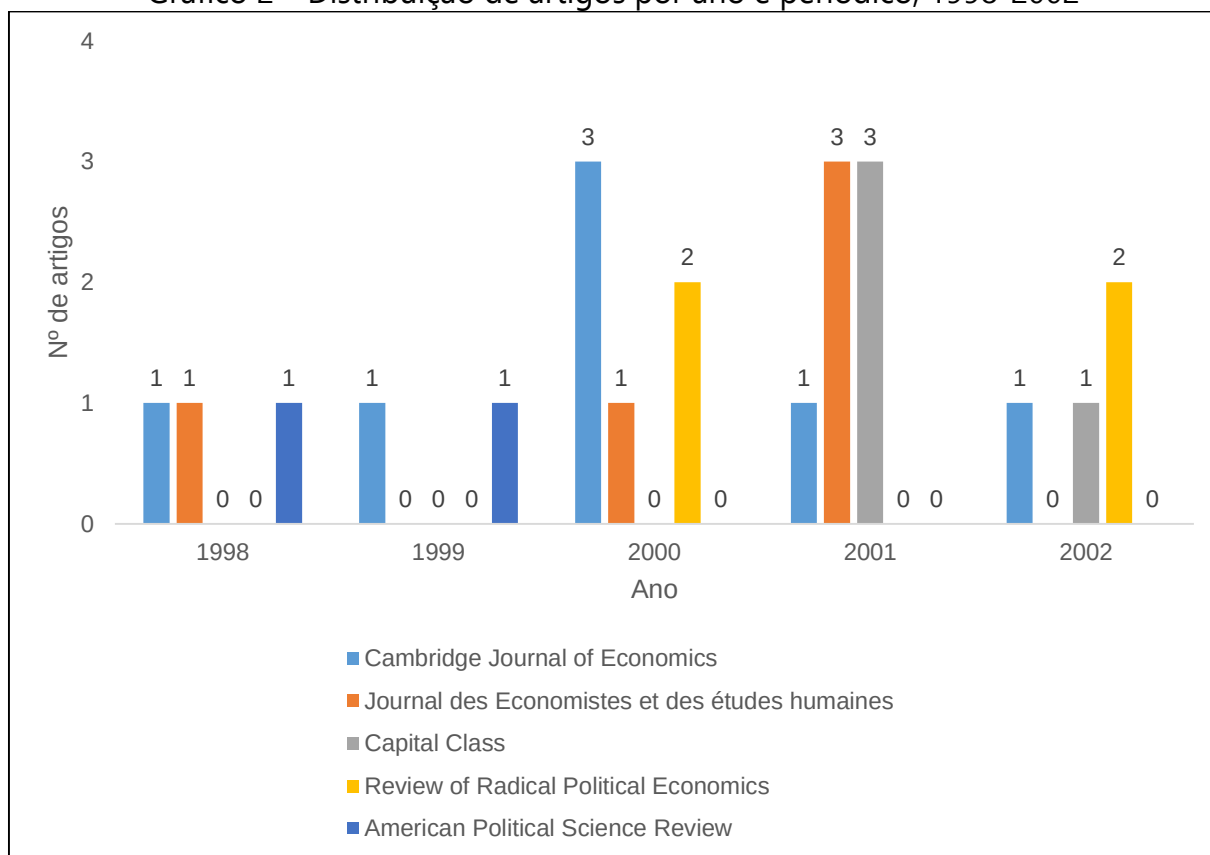
Note-se que existe uma quantidade maior de palavras nas listas geradas pelos autores, com mais liberdade na nomenclatura. Eles não necessariamente seguem um vocabulário controlado com o mesmo rigor que a lista de palavras-chave da base, mais restrita. Se, por um lado, a inovação (novos termos para novas temáticas) acontece do lado das palavras informadas pelos autores, a padronização (e consequente eficiência na recuperação da informação) acontece do lado das bases e seus vocabulários controlados. Ou seja, ambas as listas têm valor informativo e podem ser complementares para as análises de coocorrência. Assim, para cada tipo de visualização foram gerados dois mapas com a coocorrência de palavras indexadas: pelos autores e pela base.

Foram produzidos três tipos de mapas no Vosviewer para cada quinquênio: mapas que ressaltam as redes e *clusters* (aglomerados temáticos); mapas que mostram a variação temporal das coocorrências; e, por fim, mapas que mostram a densidade de cada termo. A produção dos mapas levou em consideração as palavras-chave indexadas pelos autores e pela Base, desta forma os mapas são apresentados sob os dois tipos de indexação. Para facilitar a leitura entenda-se que o tamanho do nó indica a frequência de ocorrência de uma palavra-chave e quanto maior a proximidade os nós, maior a relação entre eles.

5.2.1 Análise da produção científica sobre teoria do valor no período 1998-2002

No primeiro quinquênio analisado, foram publicados 59 artigos indexados na base Scopus. A Tabela 1, apresentada anteriormente, expôs a distribuição desses artigos por ano, o Gráfico 2 representa a distribuição dos artigos por ano e periódico.

Gráfico 2 – Distribuição de artigos por ano e periódico, 1998-2002



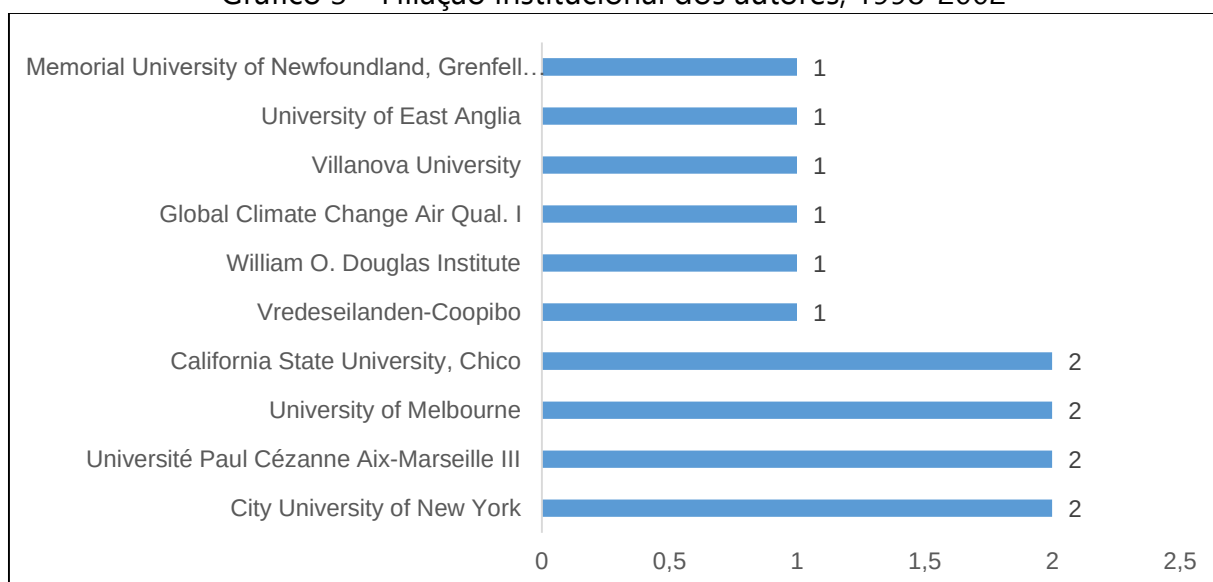
Fonte: Dados da pesquisa.

O periódico *Cambridge Journal of Economics* apresentou um artigo nos anos de 1998, 1999, 2001 e 2002, no ano de 2000 apareceu com três artigos, totalizando sete artigos. O *Journal Des Economistes Et Des Études Humaines* teve um artigo nos anos 1998 e 2000, e três no ano de 2001, com um total de cinco artigos. Já o *Capital Class* aparece com dois artigos no ano de 2000 e dois também no ano de 2002, somando quatro artigos. O *Review of Radical Political Economics* com um total de quatro artigos aponta com dois artigos publicados em 2000 e repete o mesmo número

em 2002. O *American Political Science Review* aparece com um artigo publicado em 1998 e um em 1999.

O Gráfico 3 apresenta filiação dos autores que publicaram nestes periódicos.

Gráfico 3 – Filiação institucional dos autores, 1998-2002

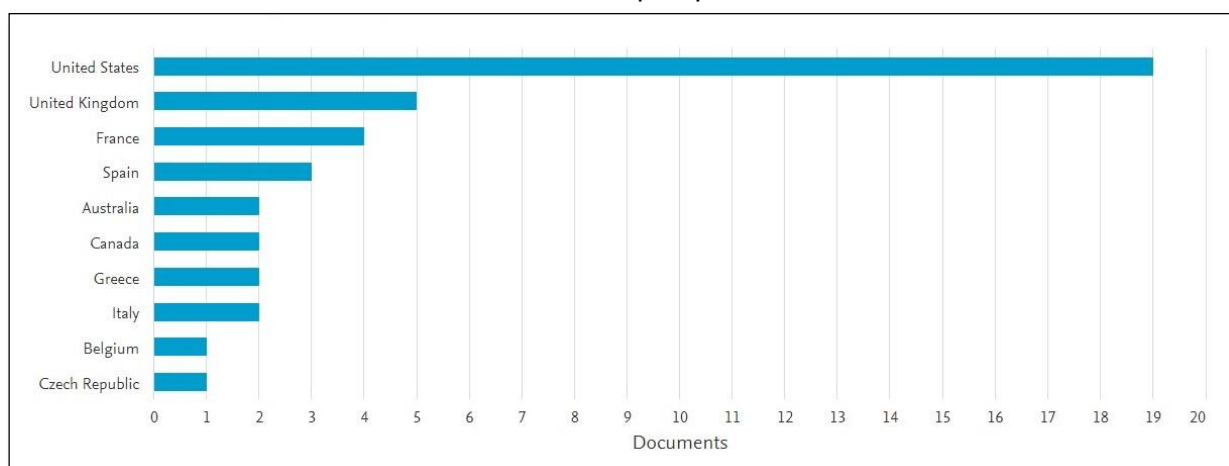


Fonte: Scopus, 2019.

As 10 principais instituições que se destacaram nesse período estão representadas no gráfico 3. Com dois artigos publicados cada uma tem-se a Universidade da cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, a Universidade Paul Cézanne Aix-Marseille III, localizada em Marselha, sul da França, a Universidade de Melbourne, localizada em Victoria, Austrália, e a Universidade Estadual da Califórnia, nos Estados Unidos. Com apenas um artigo cada tem-se a Universidade de Vredeseilanden-Coopibo, o Instituto William O. Douglas, Global Climate Change Air Qual. I, a Universidade Villanova, a Universidade do Oeste da Anglia e a Universidade Memorial de Newfoundland.

O Gráfico 4 exibe a quantidade de artigos por país. Nele pode-se observar quais países têm maior representatividade na divulgação dos resultados de pesquisa sobre o tema.

Gráfico 4 – Documentos por país, 1998-2002

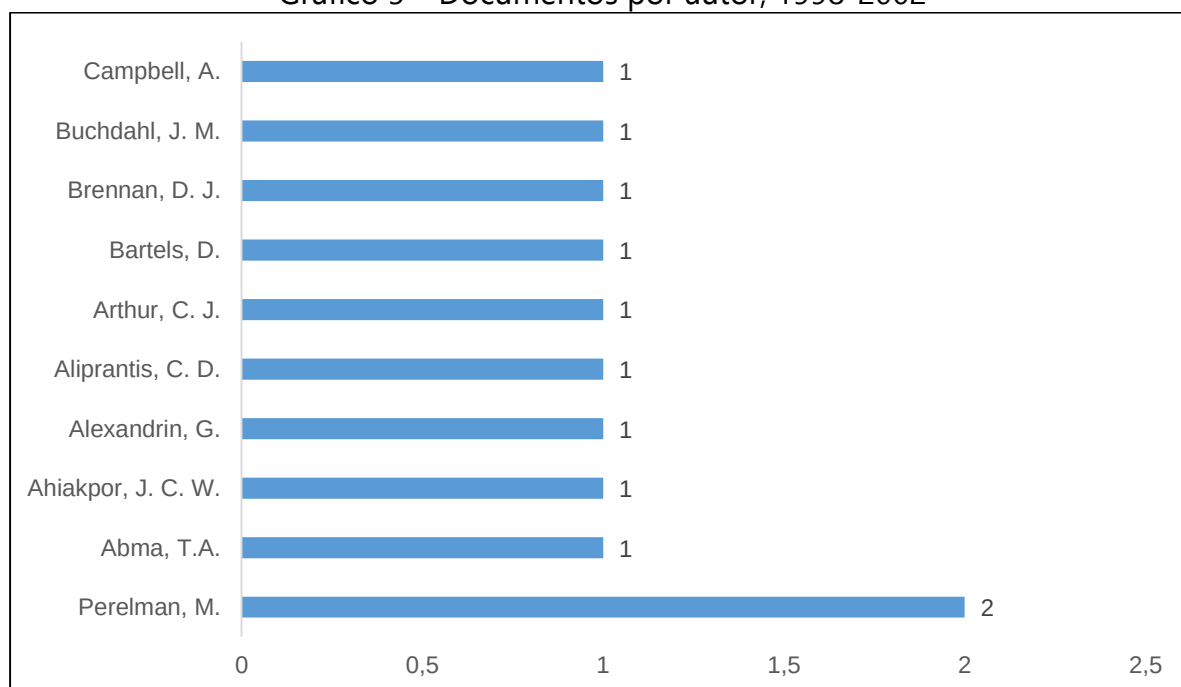


Fonte: Scopus, 2019.

O país com maior destaque na produção sobre a teoria do valor é, de longe, os Estados Unidos, com frequência de 19 artigos indexados na base Scopus. Em seguida vem o Reino Unido com cinco, a França com quatro, a Espanha com três e Austrália, Canadá e Grécia com dois artigos cada um.

O Gráfico 5 traz a relação dos autores que mais publicaram no período.

Gráfico 5 – Documentos por autor, 1998-2002

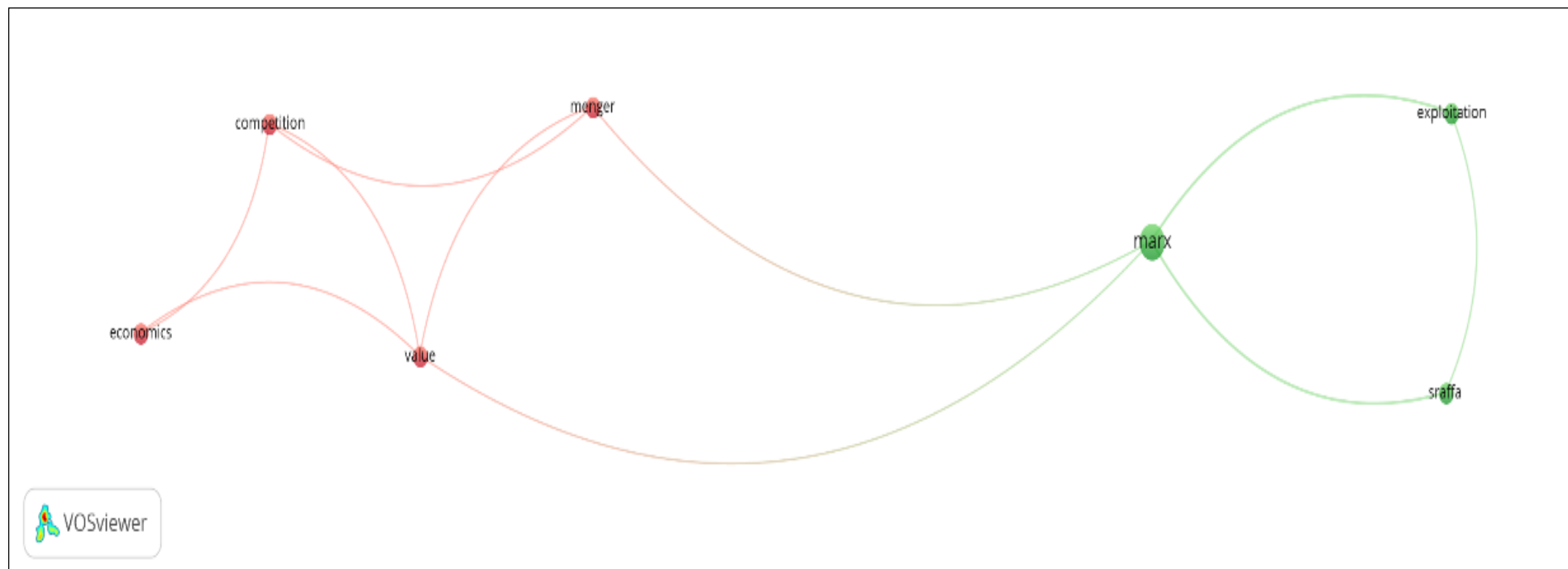


Fonte: Scopus, 2019.

O autor que mais publicou nesse período foi Michael Alan Perelman, com dois artigos publicados em 1999. Perelman faz parte do Departamento de Economia da Universidade Estadual da Califórnia. O primeiro artigo, publicado no *Cambridge Journal of Economics, Marx, devalorisation, and the theory of value*, faz uma análise da desvalorização do capital fixo na teoria do valor de Marx, indicando como essa análise pode fornecer bases para se compreender a natureza das crises. O segundo é Henry *Carey's political-ecological economics: An introduction*, publicado no *Organization and Environment*, trata de uma apreciação do trabalho de Henry Carey, um economista estadunidense do século XIX, que desenvolveu uma análise ecológico-econômica, partindo do esgotamento do solo até o desenvolvimento de uma teoria dinâmica do valor baseado no custo de reprodução.

Apresentaremos, a seguir, os mapas gerados pela coocorrência de palavras-chave. A Figura 7 e a Figura 8 apresentam a rede de palavras indexadas pelos autores e pela base, respectivamente.

Figura 7 – Rede de coocorrência de palavras-chaves indexadas pelos autores, 1998-2002



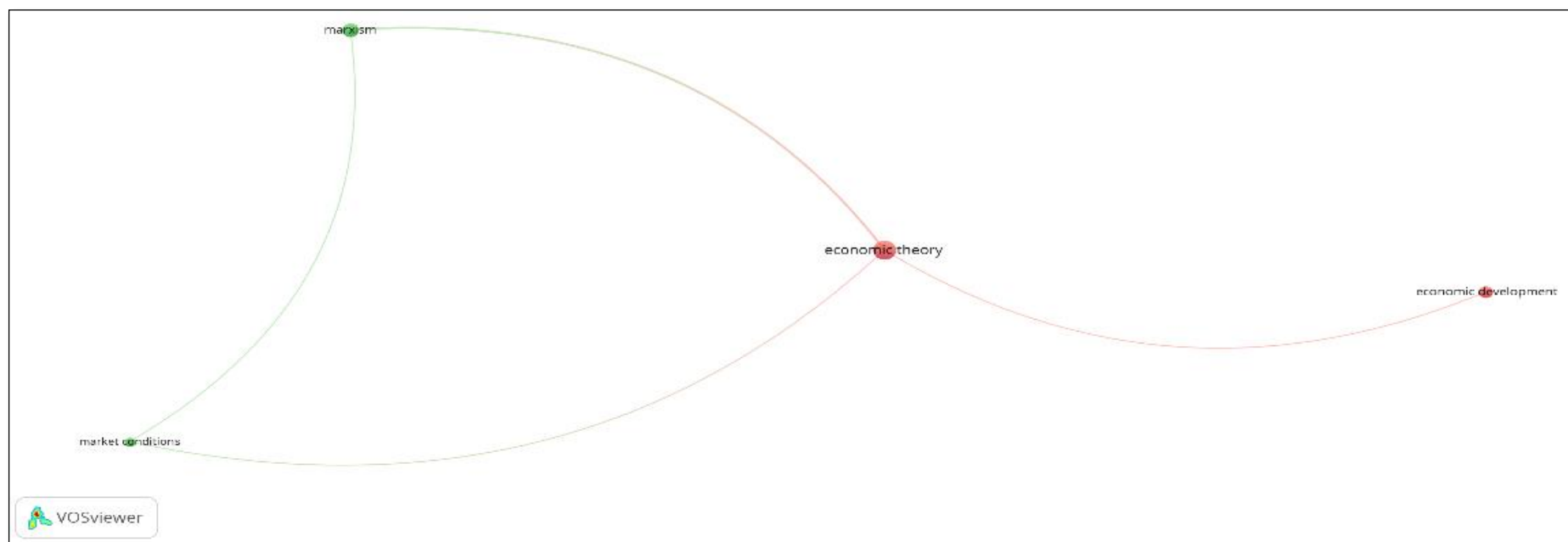
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Na Figura 7, a rede de coocorrência das palavras indicou a formação de sete nós, organizados em dois *clusters* (aglomerações temáticas). Cada *cluster* representa um conjunto de termos relacionados com a temática dos documentos analisados. Estas são as palavras de maior frequência que indicam a temática central no conjunto dos documentos analisados. No primeiro *cluster*, o vermelho,

encontram-se as palavras *competition*, *economics*, *menger* e *value*. As duas últimas se ligam à palavra marx do *cluster* verde que também se liga aos termos *exploitation* e *sraffa*.

O mapa mostra a centralidade do termo Marx, que, não só é o mais citado (seu ponto é o maior) como é o que une os dois *clusters*, ou seja, que se relaciona tanto com o lado competição quanto com o lado exploração. Por outro lado, pela cor verde, entende-se que Marx pertence ao *cluster* da parte direita da imagem, com uma certa distância do outro *cluster* vermelho.

Figura 8 - Rede de coocorrência de palavras-chaves indexadas pela base Scopus, 1998-2002



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Na Figura 8, a rede das palavras escolhidas pela base indicou a formação de apenas quatro nós, organizados em dois *clusters*.

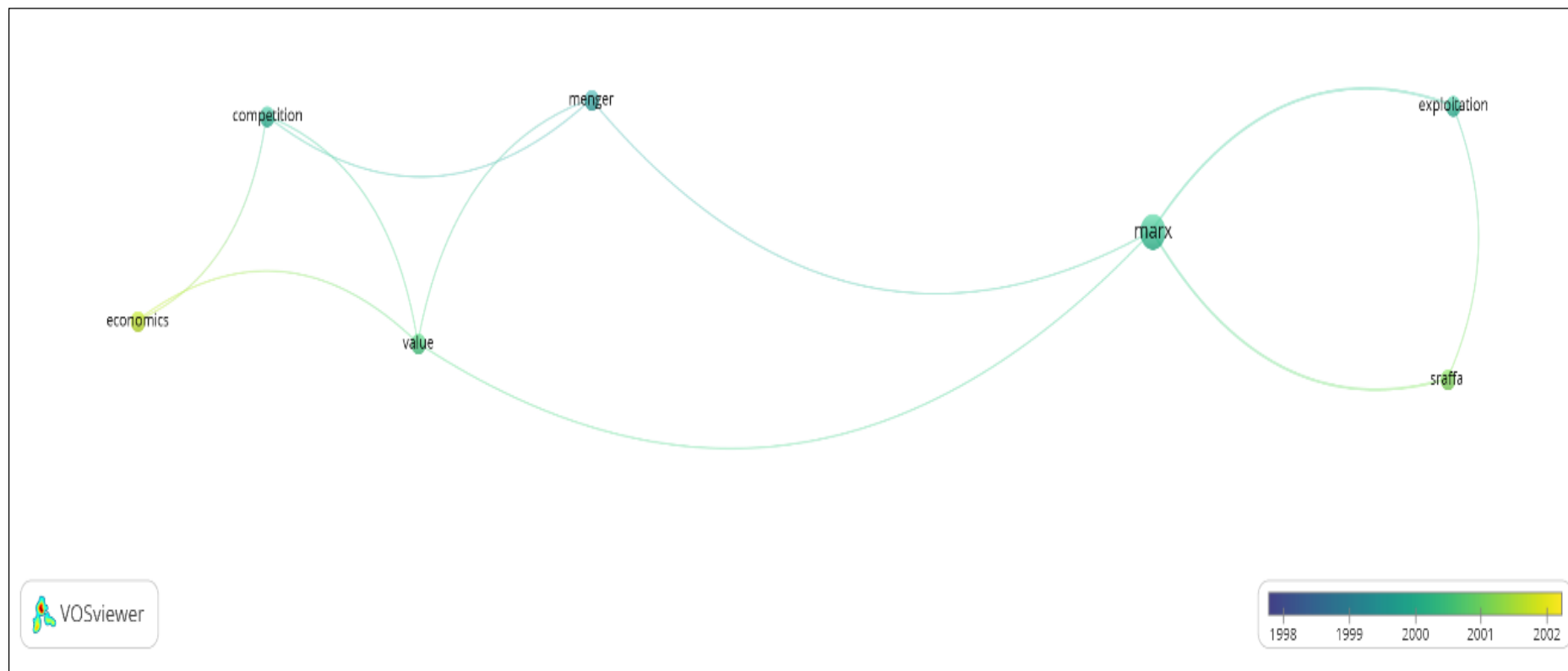
O *cluster* 1 (vermelho) possui dois nós *economic development* e *economic theory*. O principal nó desse *cluster* é *economic theory* ao qual todos os outros nós se ligam. O *cluster* 2 (verde) também é composto por dois nós *marxism* e *market conditions*, sendo o primeiro mais importante (ponto maior) do que o segundo.

Ao comparar os *clusters* da Figura 6 com a Figura 7 é observado que a partir da coocorrência das palavras podemos inferir que estas pesquisas apontam para uma análise econômica do ponto de vista das condições do mercado, destacando o olhar marxista da teoria econômica.

Na Figura 9 e na Figura 10 é possível perceber a temporalidade de uso de cada termo, de acordo com a data dos documentos de onde foram extraídos. As cores representam o ano médio de publicação dos artigos em que o termo ocorre, que pode ser observado pela legenda no canto inferior esquerdo da figura. Assim, quanto mais próximo do azul estiver a cor da palavra, maior frequência de uso ela teve nos primeiros anos do quinquênio; quanto mais próximo do amarelo, maior frequência de uso nos últimos anos do quinquênio.

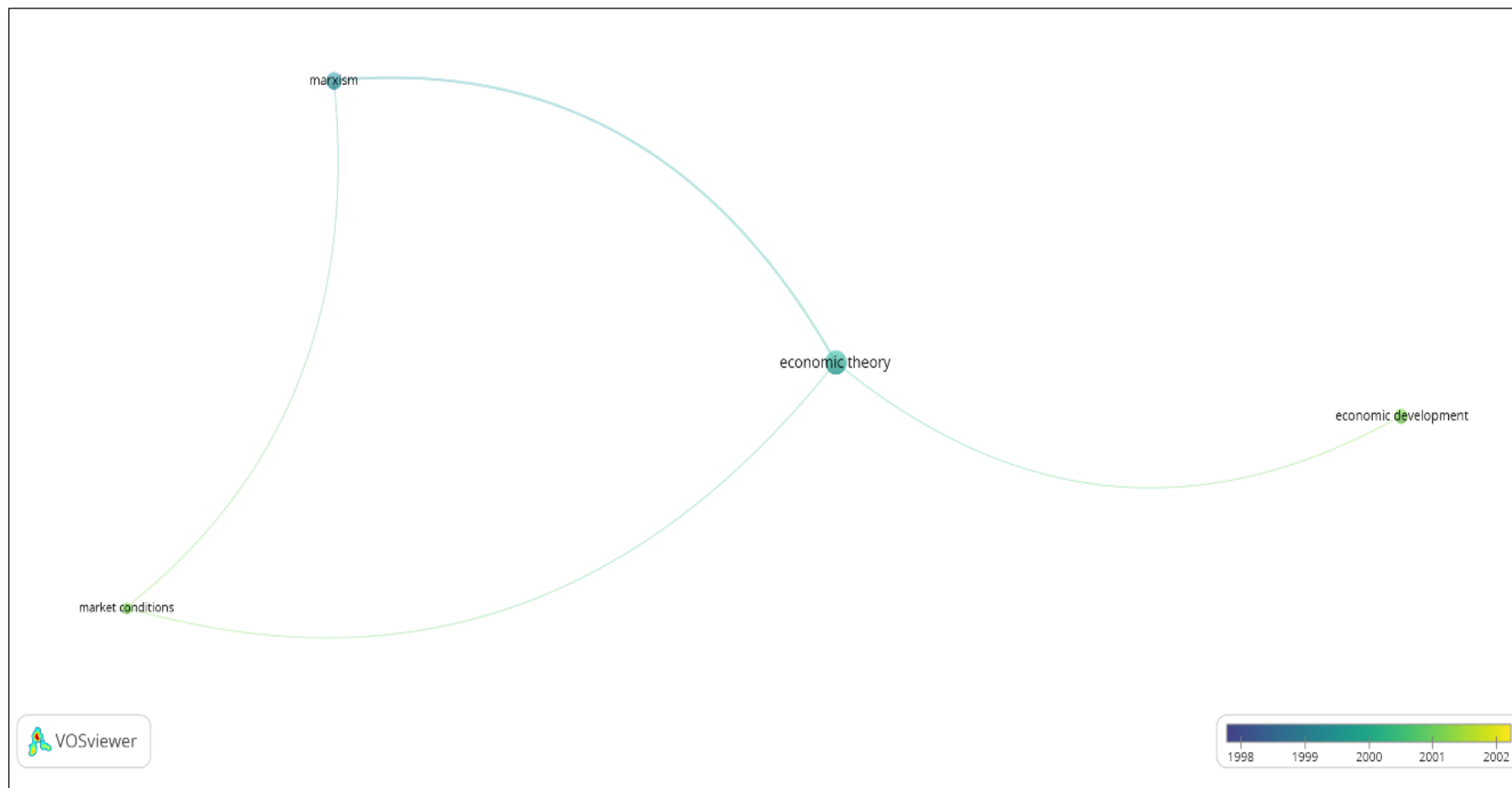
Na Figura 9 pode-se observar que o termo que mais se aproxima da cor azul é *menger*, indicando uma frequência maior no ano de 1998, em seguida vem *marx*, *value* e as mais próximas do amarelo estão *sraffa* e *economics*, no final do quinquênio analisado. Essa sinalização indica, no início do quinquênio, o desenvolvimento de pesquisas relacionadas à teoria da utilidade marginal, desenvolvida por Carl Menger, passando, ao final do período por temas transversais à teoria do valor, como os estudos de Piero Sraffa, que fazem uma crítica à escola marginalista.

Figura 9 - Temporalidade da rede de coocorrência de palavras, baseada na indexação dos autores, 1998-2002



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Figura 10 - Temporalidade da rede de coocorrência de palavras, baseada na indexação da base Scopus, 1998-2002

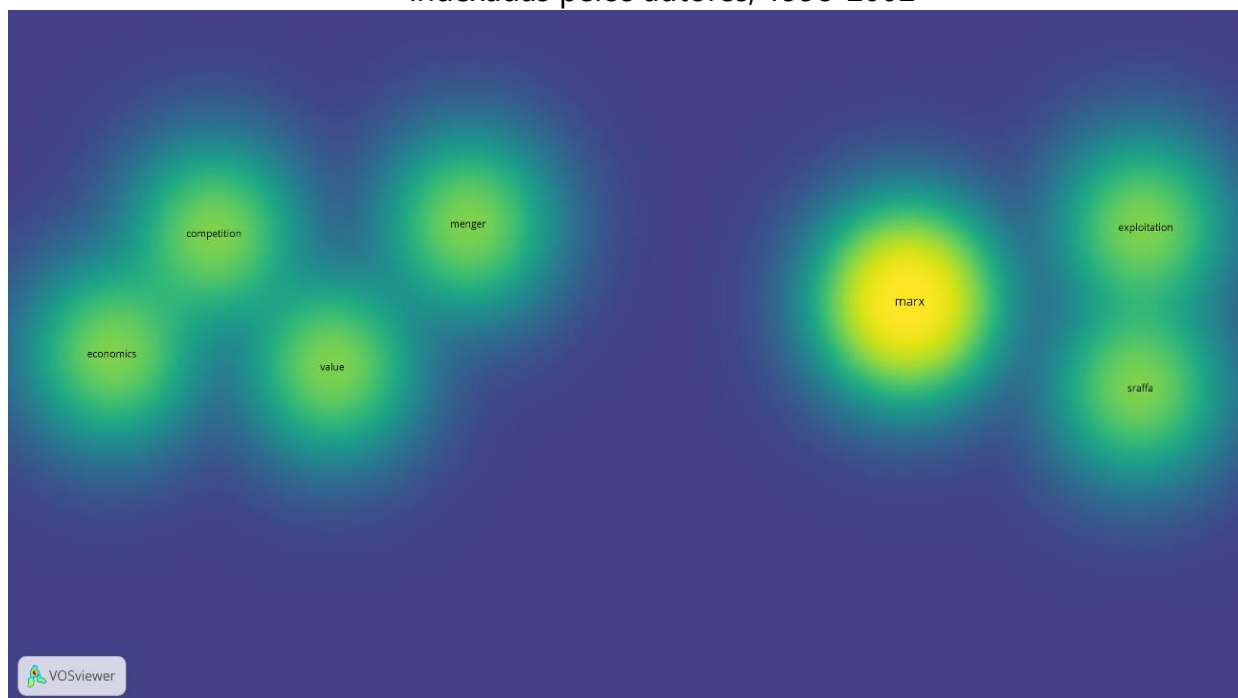


Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Na Figura 10 pode-se identificar que o termo que mais se aproxima da cor azul, indicando uma maior frequência de uso no início do período analisado é *marxism*, seguido por *economic theory*, *market conditions*, *economy development*. Essa trilha indica que os termos foram ganhando maior destaque, sendo as condições de mercado e o desenvolvimento econômico abordados com maior ênfase no final do período.

Na Figura 11 vemos a densidade dos termos, a partir da indexação feita pelos autores. Quanto mais próximo do amarelo estiver o rótulo dos termos maior é a sua densidade. Podemos observar que o termo *marx*, apesar de ter aparecido na Figura 8 com uma frequência de uso maior entre os anos de 2000 e 2001, destaca-se visivelmente dos outros termos, pois ele é o nó de ligação entre os dois *clusters* formados.

Figura 11 – Densidade dos termos de acordo com a coocorrência de palavras indexadas pelos autores, 1998-2002

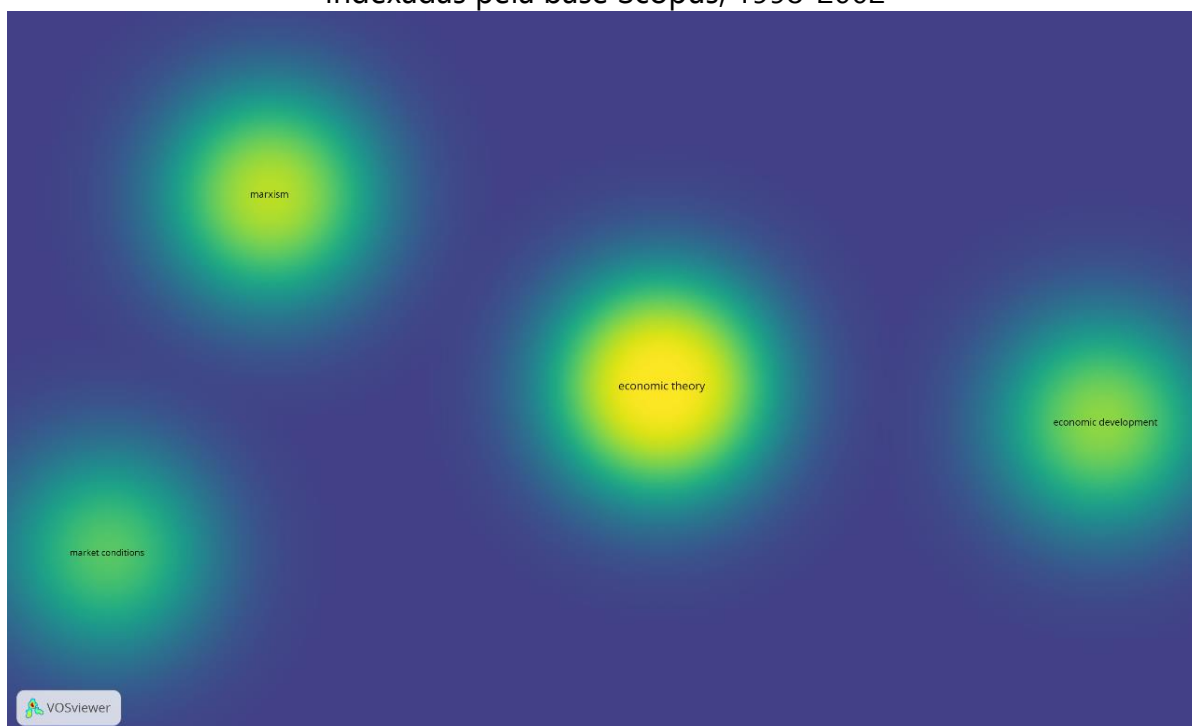


Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Na Figura 12 é possível ter outra análise, o termo *economic theory* é o que possui maior grau de densidade, seguido por *marxism*. São termos que apareceram

com frequência maior entre 1999 e 2001, despontam aqui com um grau acentuado de densidade. Considerando que estes termos que apresentam maior densidade na rede são os termos que aparecem na rede como elo entre os *clusters*.

Figura 12 - Densidade dos termos de acordo com a coocorrência de palavras indexadas pela base Scopus, 1998-2002

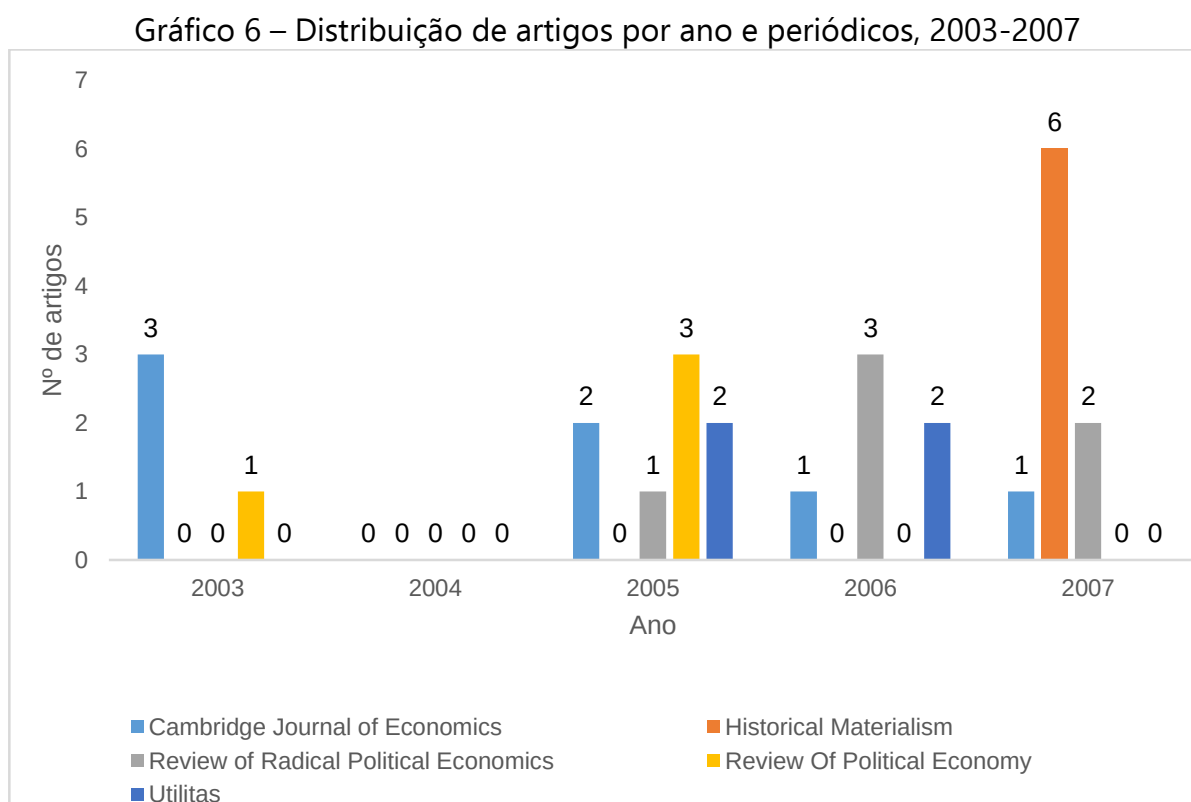


Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Analizados os dados referente ao primeiro quinquênio (1998-2002) podemos concluir que se trata de um momento pré-erupção das pesquisas relacionadas à teoria do valor, pelo menos do ponto de vista do recorte temporal desta pesquisa (1998-2017).

5.2.2 Análise da produção científica sobre teoria do valor no período 2003-2007

No segundo quinquênio analisado foram publicados 96 artigos indexados na base Scopus. O Gráfico 6 apresenta a distribuição por ano dos cinco periódicos que apresentaram maior número de artigos publicados.



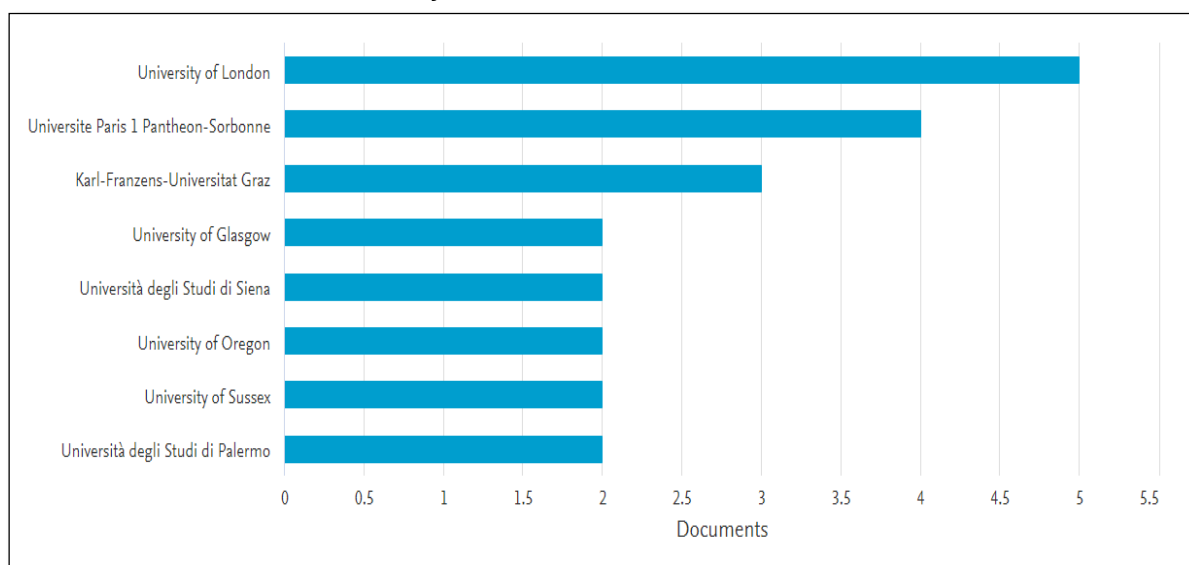
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

O periódico *Cambridge Journal of Economics* foi, novamente, o que apresentou maior número de artigos (7) publicados no período, com três no ano de 2003, dois em 2005, um em 2006 e em 2007. O *Historical Materialism* teve seis artigos publicados no período, todos no ano de 2007. O *Review of Radical Political Economics* publicou cinco artigos no total, sendo um em 2005, três em 2006 e dois no ano de 2007. O *Review of Political Economy* publicou quatro artigos, distribuídos um em 2003 e três no ano de 2005. Por fim, o *Utilitas* também publicou quatro artigos, dois em 2005 e dois em 2006.

Em 2004 não houve publicação sobre a temática que estivesse indexada na base Scopus.

O Gráfico 7 apresenta a filiação dos autores que publicaram nos periódicos dentro do período analisado.

Gráfico 7 – Filiação institucional dos autores, 2003-2007

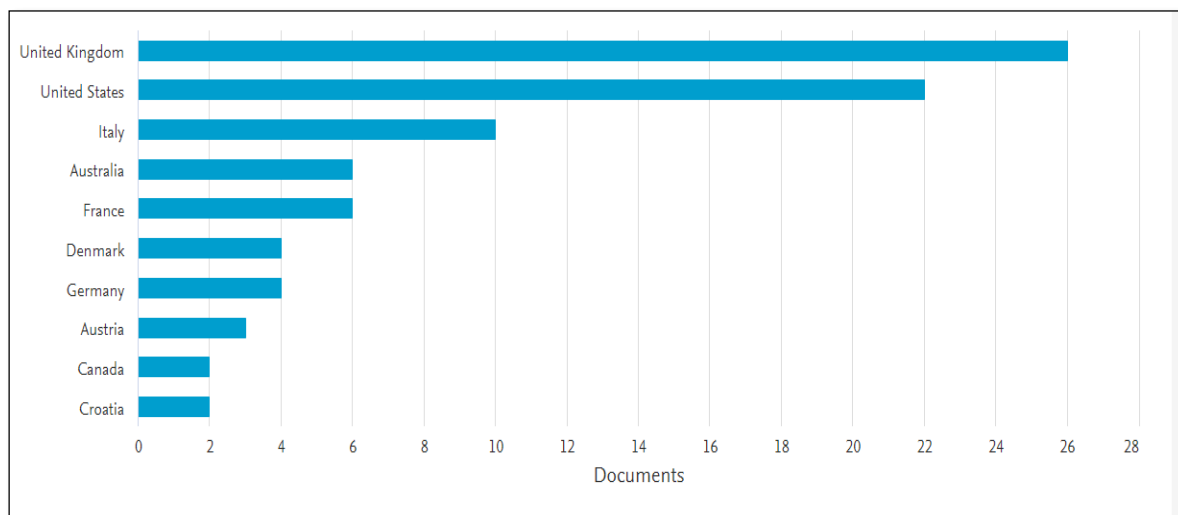


Fonte: Scopus, 2019.

A instituição que mais se destacou foi a Universidade de Londres com cinco artigos publicados. Em seguida, a Universidade de Paris 1 Pantheon-Sorbonne publicou quatro artigos e a Universidade de Graz, na Áustria, três artigos. A Universidade de Glasgow, na Escócia; a Universidade de Siena, na Itália; a Universidade de Oregon, nos EUA; a Universidade de Sussex, no Reino Unido; e a Universidade de Palermo, na Itália, cada uma com dois artigos publicados, completam o *ranking* das instituições que mais contribuíram para o tema no período.

O Gráfico 8 exibe a quantidade de artigos por país. O maior destaque é para o Reino Unido com 26 artigos, em seguida os Estados Unidos (22).

Gráfico 8 – Documentos por país, 2003-2007

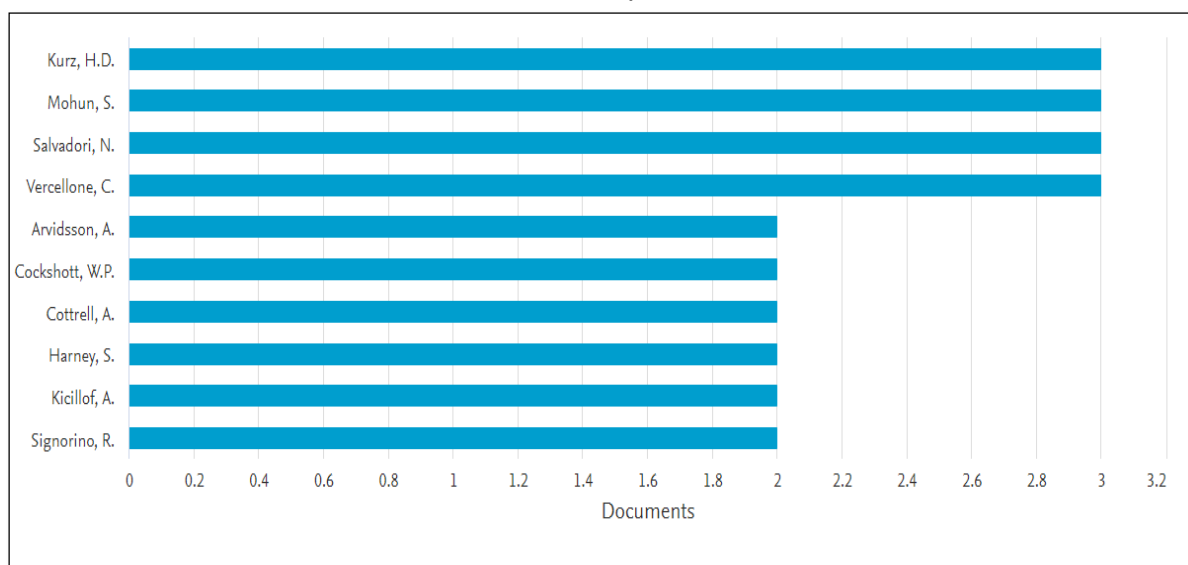


Fonte: Scopus, 2019.

Logo depois vem a Itália (10), Austrália (6), França (6), Dinamarca e Alemanha cada um com quatro, Áustria com três e Canadá e Croácia, cada um com dois.

O Gráfico 9 apresenta a relação de autores que mais publicaram no período.

Gráfico 9 – Documentos por autor, 2003-2007



Fonte: Scopus, 2019.

Nesse período, quatro autores se destacaram: cada um publicou três artigos, seja como autor principal, seja em co-autoria.

O primeiro é Heinz Dieter Kurz, professor de economia na Universidade de Graz, Áustria. Kurz trabalha com teoria econômica na área de produção, distribuição de renda e preço relativo, acumulação de capital, progresso tecnológico e crescimento, e com a história do pensamento econômico. Os artigos publicados por Kurz indexados na Scopus são *Sraffa on von Bortkiewicz: Reconstructing the classical theory of value and distribution*, publicado em 2006, no periódico *History of Political Economy*; *Representing the production and circulation of commodities in material terms: On Sraffa's objectivism*, publicado em 2005, no periódico *Review of Political Economy*; e *Von Neumann, the classical economists and arrow-Debreu: Some notes*, publicado em 2004, no *Acta Oeconomica*, sendo esses dois últimos em parceria com Neri Salvadori (que também aparece nessa lista).

O segundo é o Simon Mohun, professor emérito de Economia Política da Universidade Queen Mary de Londres. As pesquisas de Mohun estão voltadas principalmente para descrição e explicação de tendências na rentabilidade agregada em economias capitalistas desenvolvidas. Os trabalhos de Mohun indexados na base são: *Distributive shares in the US economy, 1964-2001*, publicado em 2006, no *Cambridge Journal of Economics*; *The Labour Theory of Value as Foundation for Empirical Investigations*, publicado em 2004, no *Metroeconomica*; e *Ideology, markets and money*, publicado em 2003, também no *Cambridge Journal of Economics*.

O terceiro autor é Neri Salvadori, professor do Departamento de Economia da Universidade de Pisa, Itália. Os trabalhos publicados por Salvadori são *Piero Sraffa: Economic reality, the economist and economic theory: An interpretation*, publicado em 2007, no *Journal of Economic Methodology*; *Representing the production and circulation of commodities in material terms: On Sraffa's objectivism*, publicado em 2005, no *Review of Political Economy*; e *Von Neumann, the classical economists and*

arrow-Debreu: Some notes, publicado em 2004, no *Acta Oeconomica*, sendo esses dois último em parceria com Heinz Dieter Kurz (que também aparece nessa lista).

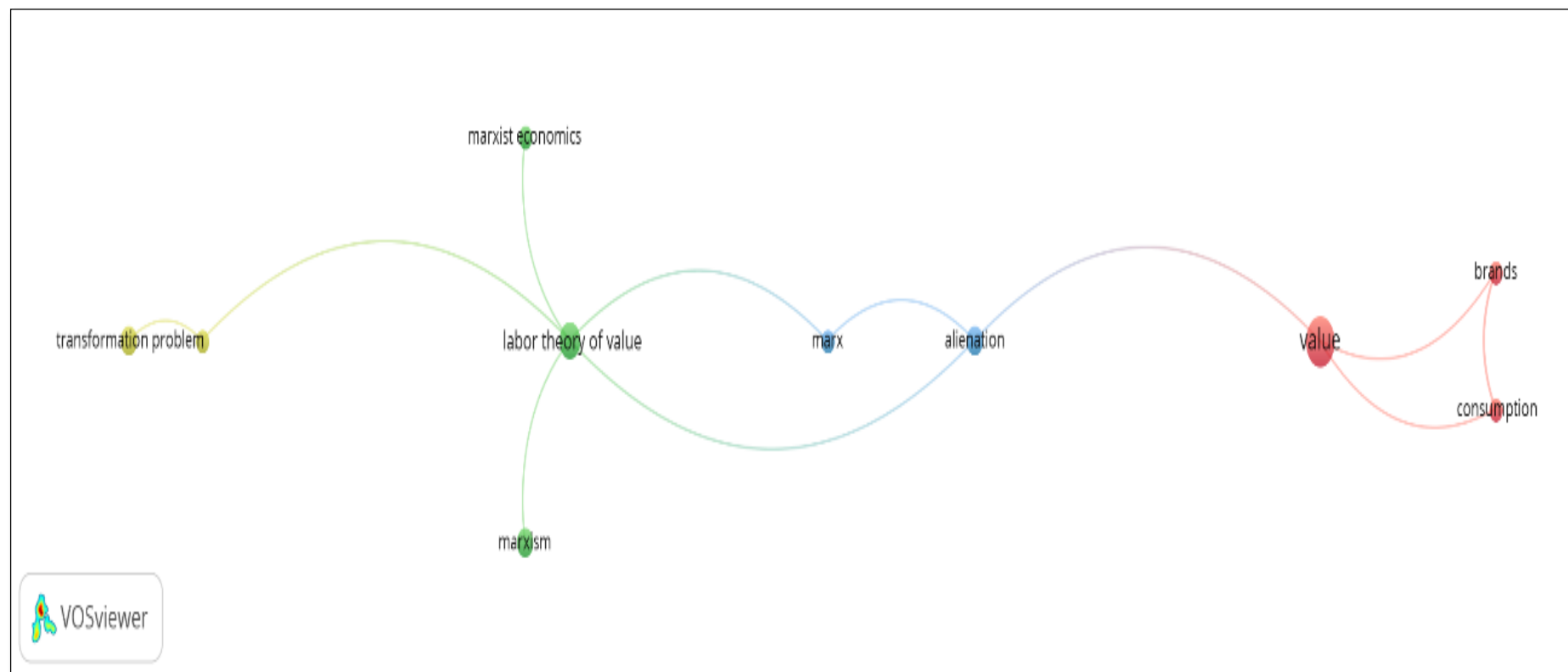
O quarto autor é Carlo Vercellone, professor do Centro de Estudos sobre mídias, tecnologias e internacionalização da Universidade de Paris 8 – Vincennes-Saint-Denis. Vercellone é economista e atua na área da Ciência da Informação e Comunicação. Seus artigos são *Changes in the concept of productive work and new norms of distribution: A proposal of guaranteed social income*, publicado em 2007, no *Revija Za Socijalnu Politiku*; *From formal subsumption to general intellect: Elements for a Marxist reading of the thesis of cognitive capitalism*, publicado também em 2007, no *Historical Materialism*; e *International division of labour, intellectual property rights systems and development in the cognitive capitalism*, publicado em 2004, no *Geographie Economie Societe*.

Passamos a analisar, agora, os mapas de visualização da coocorrência de palavras. Lembramos que os mapas estão sendo apresentados de duas formas: a partir da indexação dos termos pelos autores e da indexação dos termos pela base Scopus. As Figuras 12 e 13 apresentam a rede de coocorrência de palavras-chave, do segundo quinquênio, onde podemos observar a formação dos *clusters* e os *links* entre os termos.

Na Figura 13, a rede de coocorrência de palavras-chave indicou a formação de 10 nós, distribuídos em 4 *clusters*.

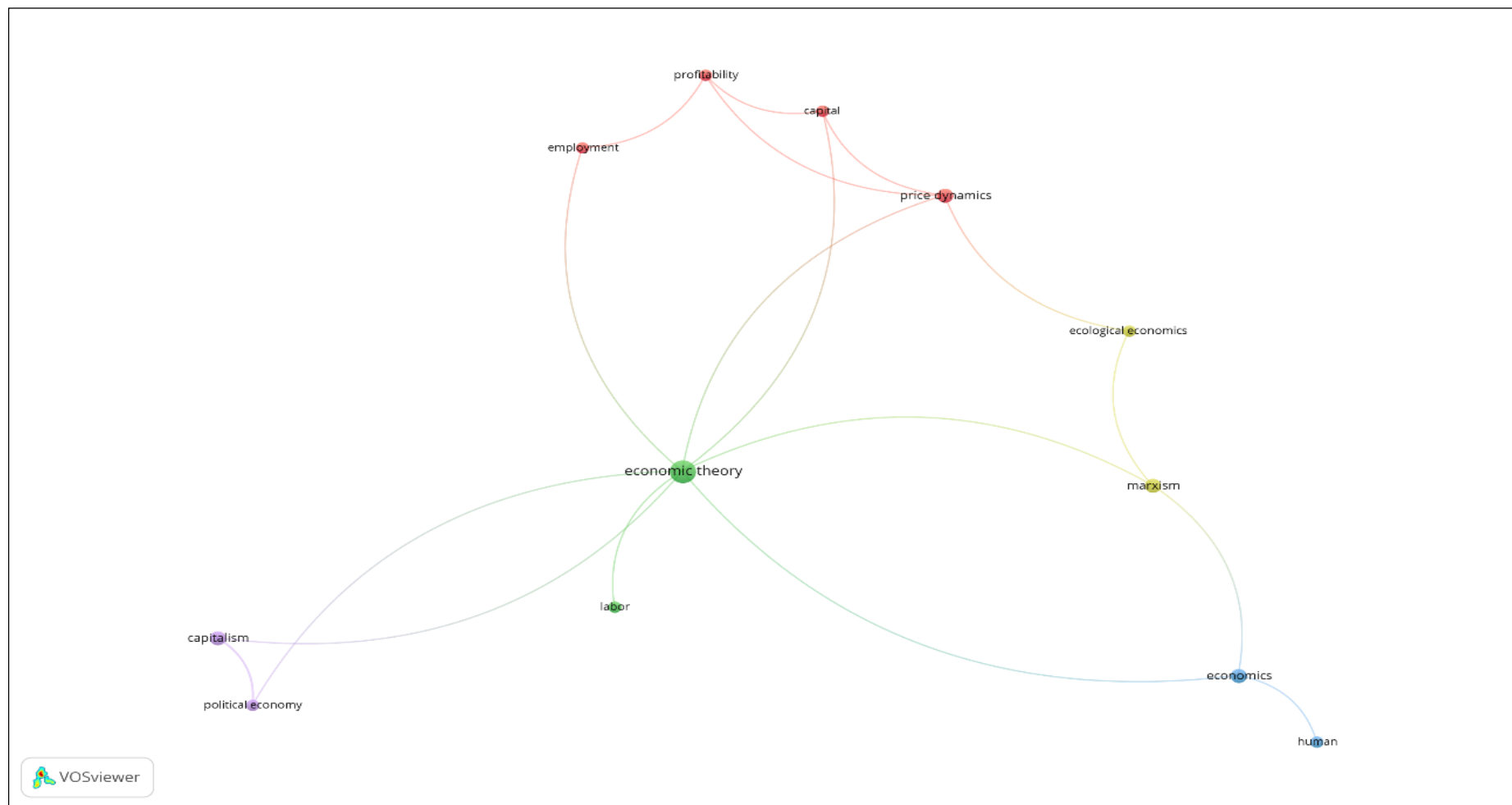
O *cluster* 1 (vermelho), contém três nós, quais sejam *brands*, *consumption*, *value*. O *cluster* 2 (verde) é formado também por três nós *labor theory of valor*, *marxism* e *marxist economics*. O terceiro (azul) e quarto (amarelo) *clusters* são formados por apenas dois nós *alienation* e *marx* no terceiro e *profit rate* e *transformation problem* no quarto. A formação desses *clusters* sinalizam para uma produção científica voltada às análises mais teóricas do valor, taxa de lucro, e alienação do ponto de vista da crítica da economia política.

Figura 13 – Rede de coocorrência de palavras-chaves indexadas pelos autores, 2003-2007



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Figura 14 - Rede de coocorrência de palavras-chaves indexadas pela base Scopus, 2003-2007



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

A rede de coocorrência de palavras na Figura 14 indicou a formação de cinco *clusters* e doze nós.

O primeiro (vermelho) é formado por quatro nós *capital*, *employment*, *price dynamics* e *profitability*. O segundo (verde) com dois nós *economic theory* e *labor*. O terceiro (azul) também com dois nós *economics* e *human*. O quarto (amarelo) com *ecological economics* e *marxism*. Por fim, o quinto *cluster* (lilás) formado por dois nós *capitalism* e *political economy*.

Analisando a rede de coocorrências de palavras-chave, do Gráfico 13, percebemos que Marx no primeiro quinquênio estava ligado a quatro nós (*Sraffa*, *exploration*, *Menger* e *value*), sendo o elo com o primeiro *cluster*, no segundo quinquênio perde força tendo apenas duas ligações (*aliention* e *labor theory of value*). O termo teoria do valor trabalho tem cinco ligações sendo o elo entre os *clusters* dois e três. É notável ainda que o termo valor ganha mais força, pois aumenta de tamanho em comparação com primeiro quinquênio.

Na Figura 15 pode-se observar que o termo que mais se aproxima da cor azul é *transformation problem* sinalizando uma frequência maior por volta dos anos de 2004 e 2005. Ele encontra-se à margem da rede, mais afastado do epicentro, porque trata-se de um termo que, embora apareça mais vezes, não está próximo dos demais termos da rede, voltados mais para análises econômicas. Em seguida temos *marx*, *marxism*, *value* no meio do período e *labor theory of value*, *alienation* e *marxist economics*, no final do quinquênio.

A temporalidade dos termos apresentada na Figura 15 indica uma rede teórica que leva em consideração os aspectos marxistas da teoria do valor, entendendo ainda que, no período analisado (2003 a 2007), há um crescente uso de termos voltados para as questões teóricas da economia política.

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

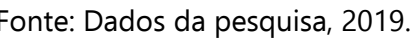
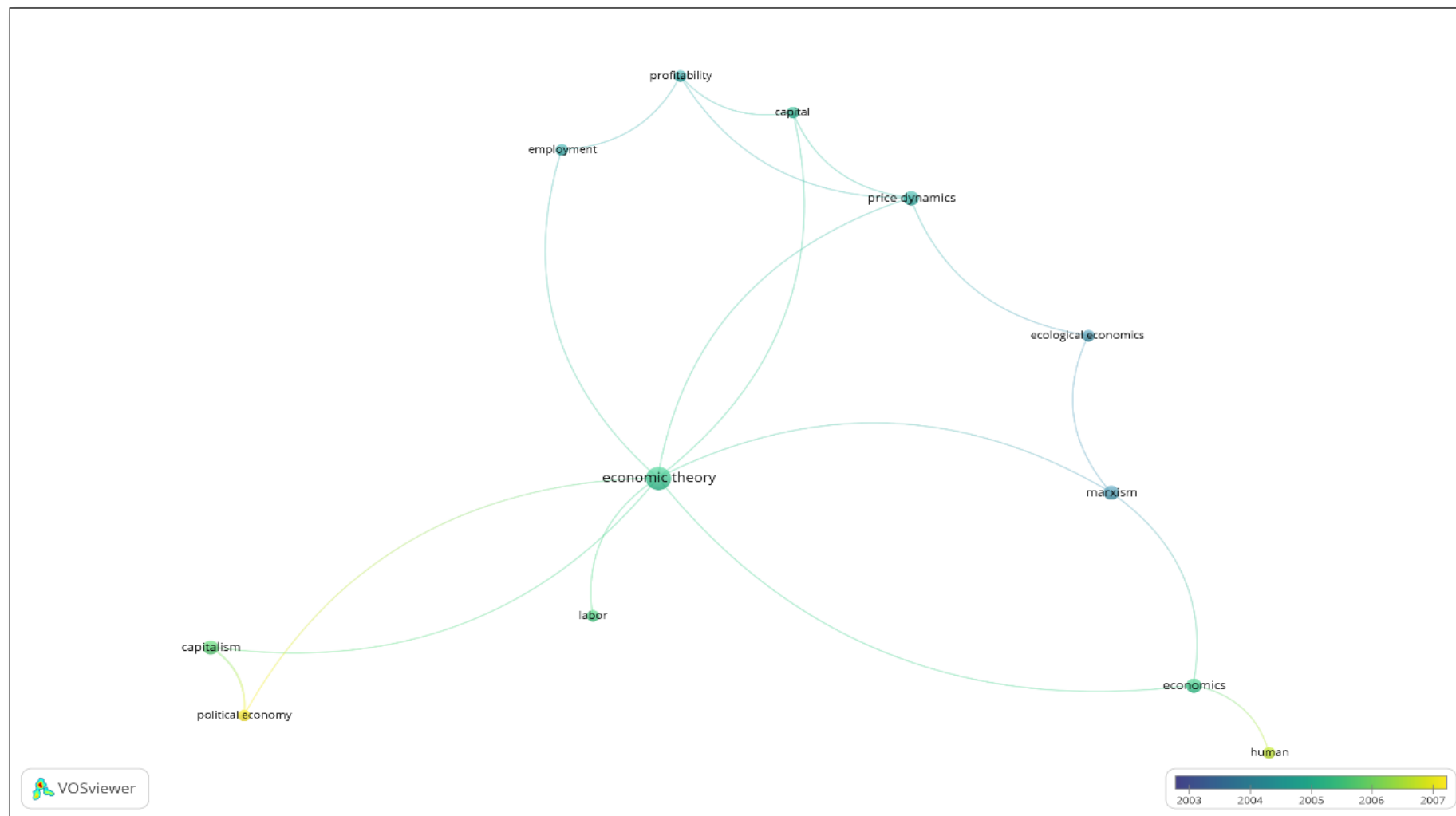


Figura 16 - Temporalidade da rede de coocorrência de palavras, baseada na indexação da base Scopus, 2003-2007

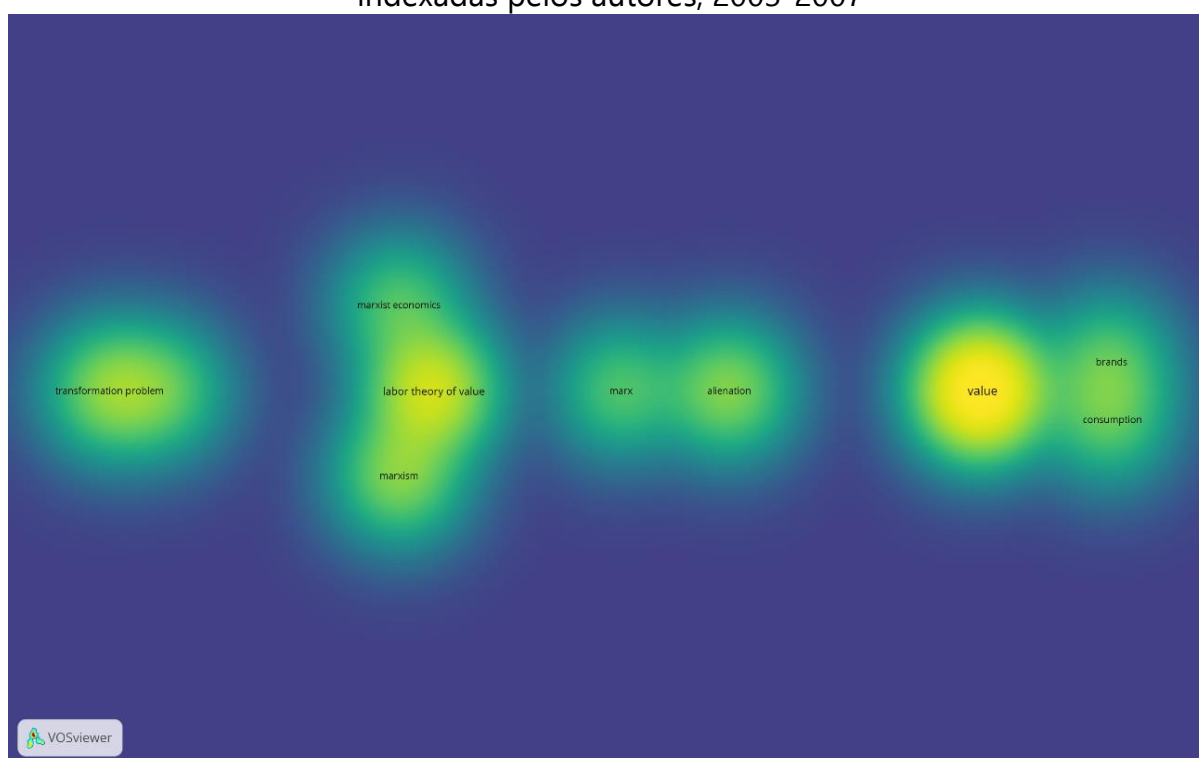


Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Na Figura 16 é possível perceber que os termos do início do período são *ecological economics* e *marxism*, aparecendo mais perto de 2003, depois *employment*, *profitability*, *price dynamics*, *economics*, *labor*, *capitalism*, *economic theory*, entre 2004 e 2006, e finalmente, *human* e *policial economy* com maior frequência por volta de 2007.

A Figura 17 mostra o grau de densidade dos termos na rede, levando em consideração as palavras-chave indexadas pelos autores.

Figura 17 - Densidade dos termos de acordo com a coocorrência de palavras indexadas pelos autores, 2003-2007

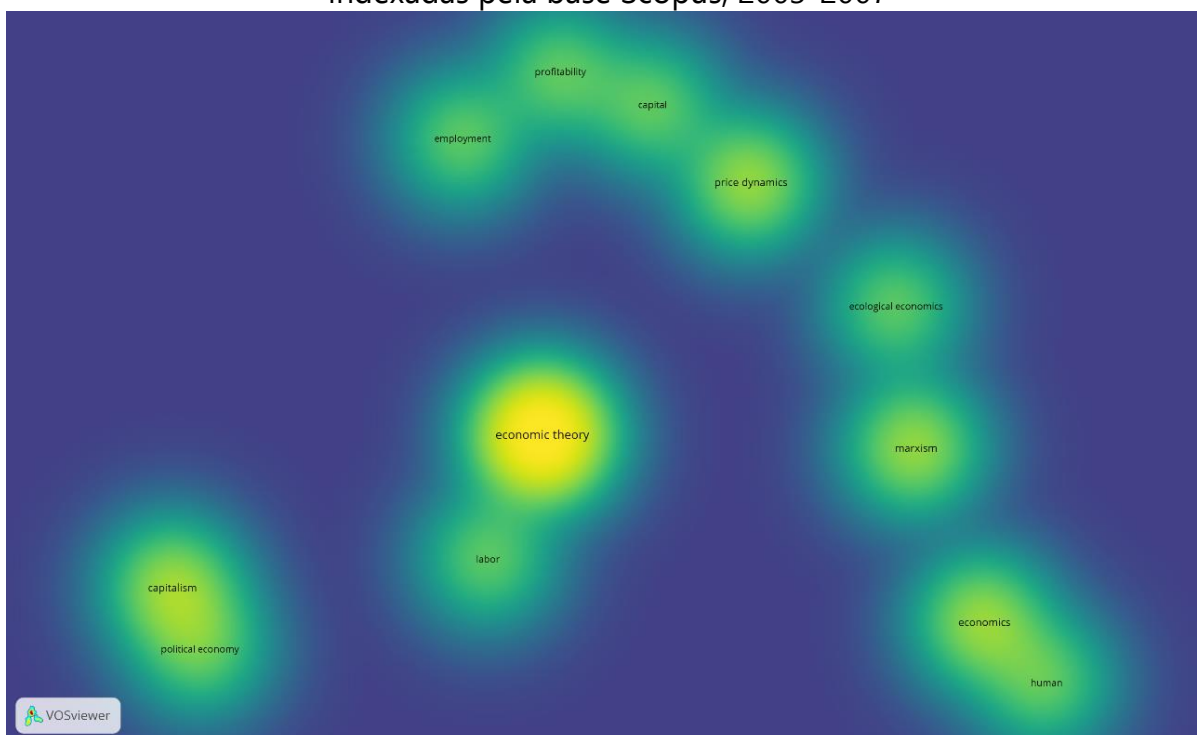


Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Na Figura 17 percebe-se que os quatro *clusters* e o termo *value* com um alto grau de densidade na rede, indicando que os estudos realizados no período estão voltados para análise do valor enquanto categoria necessária para entender o funcionamento da economia.

A Figura 18 mostra o grau de densidade dos termos na rede, levando em consideração as palavras-chave indexadas pela base Scopus.

Figura 18 - Densidade dos termos de acordo com a coocorrência de palavras indexadas pela base Scopus, 2003-2007



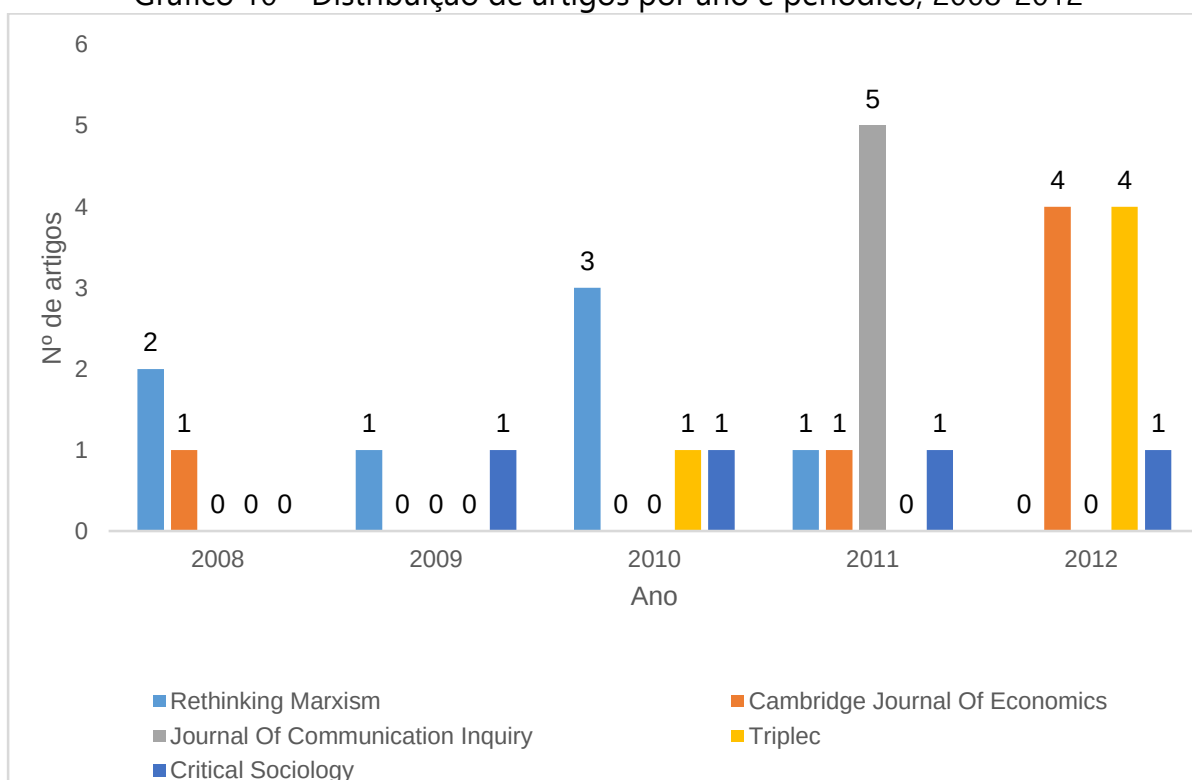
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Na Figura 18, o termo com maior grau de densidade é *economic theory*. É possível perceber também um grau acentuado de densidade para os termos *capitalism* e *economics*.

5.2.3 Análise da produção científica sobre a teoria do valor no período 2008-2012

No terceiro quinquênio foram publicados 200 artigos em 139 periódicos. O Gráfico 10 mostra a distribuição dos artigos por periódico. Esse quinquênio é marcado por produções que trazem em sua rede noções sobre teoria econômica, valor marxistas, como pode ser observado nas análises a seguir.

Gráfico 10 – Distribuição de artigos por ano e periódico, 2008-2012

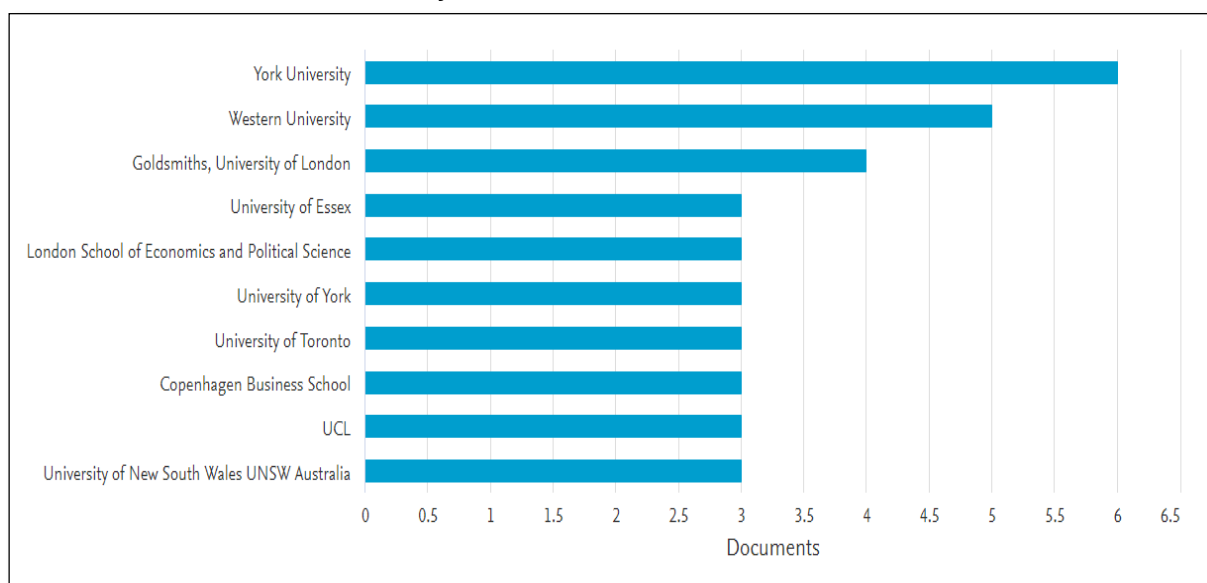


Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

O periódico que mais se destacou nesse período com o *Rethinking Marxism* com sete publicações, sendo duas em 2008, uma em 2009, três em 2010, e uma em 2011. Em seguida vem o *Cambridge Journal Of Economics* com seis publicações, uma em 2008, uma em 2011 e quatro em 2012. Em seguida vem o *Journal of Communication Inquiry*, que aparece com cinco artigos, todos em 2011 e o *Triplec* também com cinco publicações, sendo uma em 2010 e quatro em 2012. Por fim, o *Critical Sociology* com quatro publicações, uma em cada ano (2009, 2010, 2011 e 2012).

O Gráfico 11 apresenta a filiação institucional dos autores que publicaram nestes periódicos.

Gráfico 11 - Filiação institucional dos autores, 2008-2012

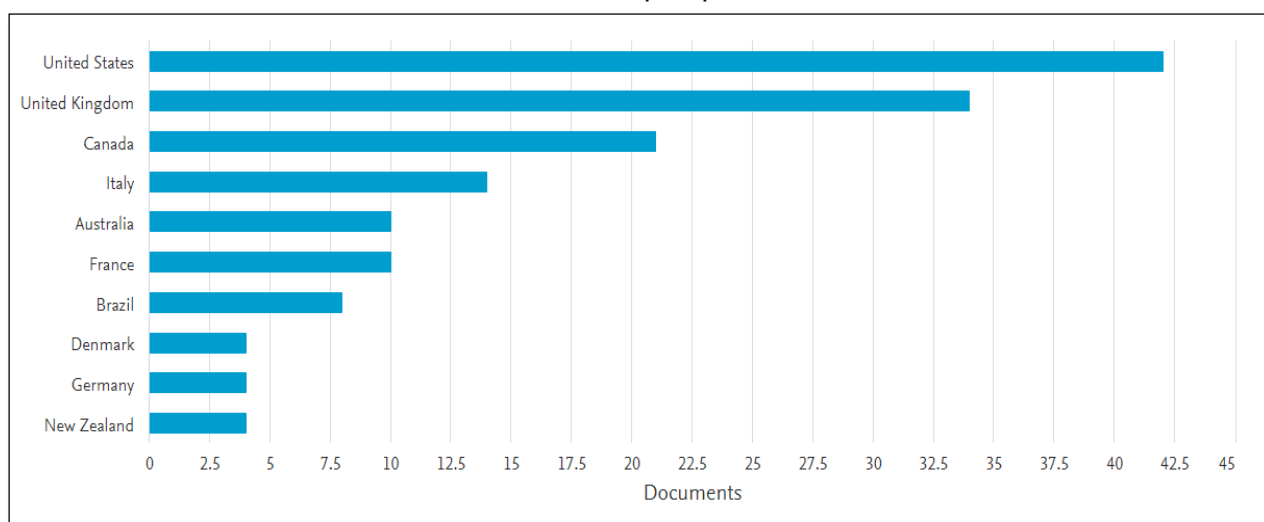


Fonte: Scopus, 2019.

A instituição que mais se destacou nesse período foi a Universidade de York no Canadá, com seis artigos, seguida da Universidade de Western, também no Canadá, com a publicação de cinco artigos e a Goldsmiths, Universidade de Londres com quatro artigos publicados no período.

O Gráfico 12 exibe a quantidade de artigos por país.

Gráfico 12 - Documentos por país, 2008-2012

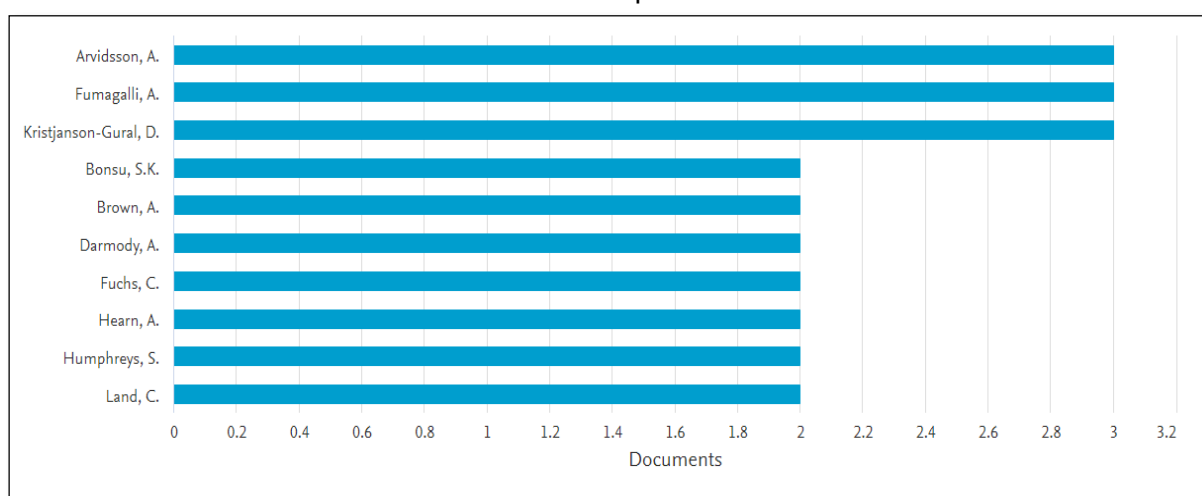


Fonte: Scopus, 2019.

O país com maior destaque é os Estados Unidos com 42 artigos publicados no período, seguidos de Reino Unido com 34, Canadá com 21, Itália com 14, Austrália e França com 10 e o Brasil aparece, pela primeira vez no *ranking* dos 10 principais países produtores de pesquisas sobre a teoria do valor, com 8 artigos publicados.

O Gráfico 13 apresenta a relação dos autores que mais publicaram no período.

Gráfico 13 - Documentos por autor, 2008-2012



Fonte: Scopus, 2019.

Nesse período três autores publicaram três artigos cada um. O primeiro é Adam Arvidsson, da Universidade de Nápolis Frederico II, na Itália. Arvidsson é professor de Departamento de Ciências Sociais. Seus artigos indexados na base, no período, foram: *Value in Informational Capitalism and on the Internet*, publicado em 2012, na *Information Society*; *Ethics and value in customer co-production*, publicado em 2011, na *Marketing Theory* e *The ethical economy: Towards a post-capitalist theory of value*, publicado em 2009, na *Capital & Class*.

O segundo autor é Andrea Fumagalli, economista e professor da Universidade de Pavia, na Itália. Os artigos de Fumagalli indexados na base são: *Valorization and financialization in cognitive biocapitalism*, publicado em 2011, no *Investment Management and Financial Innovations*; *The economic crisis of cognitive capitalism vis-à-vis to the economic crisis of fordist capitalism in the thirties: Is nowadays a "keynesian*

new deal" possible?, publicado em 2009, no *Ekonomski Pregled*, e *Basic income and productivity in cognitive capitalism*, publicado em 2008, no *Review of Social Economy*.

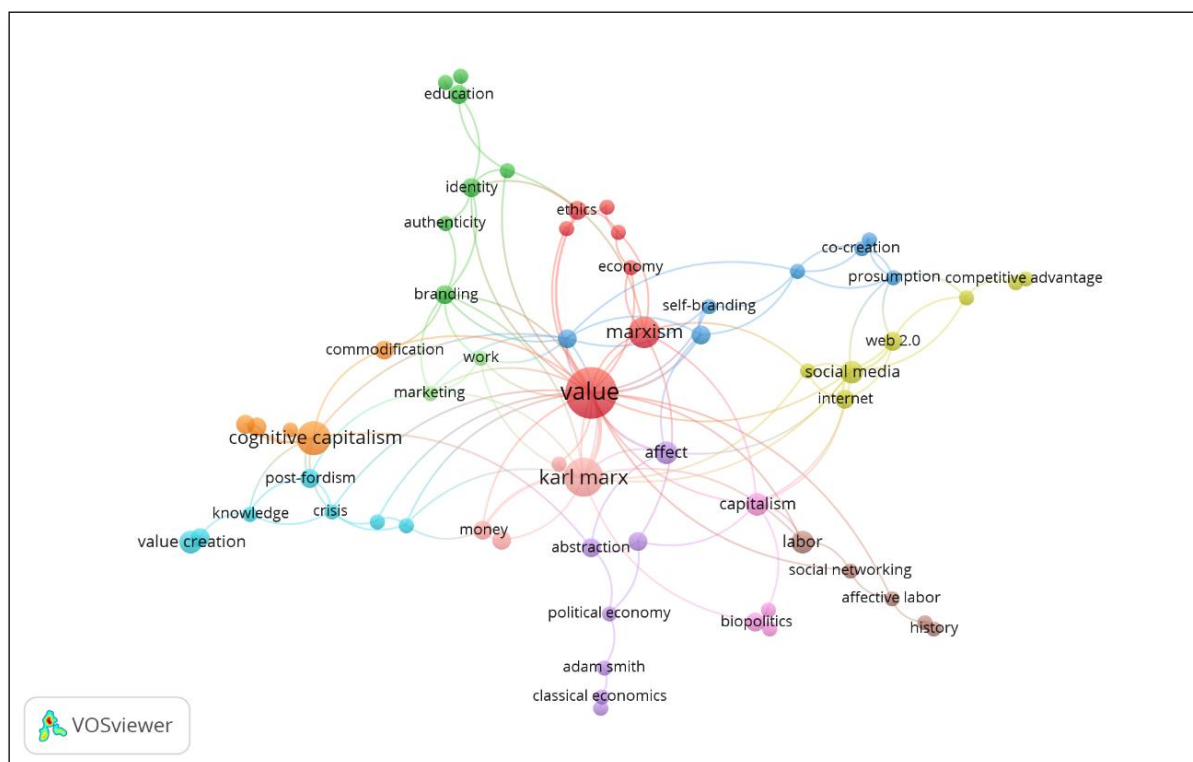
O terceiro autor que mais publicou nesse período foi David Kristjanson-Gural, professor de economia e membro da *Social Justice College at Bucknell University*. Kristjanson-Gural tem pesquisa nas áreas de metodologia dialética de Marx, análises do valor trabalho, teorias de valor e preço. Os artigos publicados por Kristjanson-Gural no período são: *Opening the system: (Re)writing value theory discursively*, publicado em 2011; *Poststructural logic in marx's theory of value*, publicado em 2009; *Money is time: The monetary expression of value in marx's theory of value*, publicado em 2008, todos os artigos foram publicados no *Rethinking Marxism*.

Passamos, então, às análises dos mapas de visualização da rede de coocorrência de palavras no terceiro quinquênio.

As Figuras 19 e 20 mostram como se dá a configuração da rede de coocorrência de palavras, de acordo com as palavras-chave indexadas pelos autores e pela base Scopus, respectivamente.

Na Figura 19 é possível observar a formação de 62 nós, distribuídos em 11 *clusters*. Os *clusters* são definidos de acordo com a frequência das palavras-chave definidas pelos autores.

Figura 19 - Rede de coocorrência de palavras-chaves indexadas pelos autores, 2008-2012



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

O primeiro *cluster* (vermelho) é composto por sete nós: *value*, *ethics*, *marxism*, *economy*, *affective labour*, *globalization*, *information economy*.

No segundo *cluster* (verde) também formado por sete nós: *authenticity*, *branding*, *culture*, *education*, *identity*, *measure*, *subjectivity*.

O terceiro *cluster* (azul claro) contém sete nós: *autonomist marxism*, *co-creation*, *co-production*, *presumption*, *reality television*, *self-branding*, *social factory*.

O quarto *cluster* (amarelo mostarda) é formado por sete nós: *competitive advantage*, *critical theory*, *internet*, *labour*, *social media*, *user-generated content*, *we 2.0*.

O quinto *cluster* (lilás) também é formado por sete nós: *abstraction*, *adam Smith*, *affect*, *classical economics*, *happiness*, *political economics*, *realism*.

O sexto *cluster* (azul piscina) contém por sete nós: *post-fordism*, *crisis*, *knowledge*, *value creation*, *composition of capital*, *fictitious capital*, *information*.

O sétimo cluster (laranja) composto por cinco nós: *class composition, cognitive capitalism, commodification, financialization, knowledge economy*.

O oitavo cluster (marrom) formado por cinco nós: *affective labor, history, labor, multitude, social networking*.

O nono cluster (rosa) contém quatro nós: *biopolitics, capitalism, governmentality, power*.

O décimo cluster (vermelho claro) formado por quatro nós: *karl marx, money, poststructuralism, sraffa*.

Por fim, o décimo primeiro cluster (verde claro) possui apenas dois nós: *marketing* e *work*.

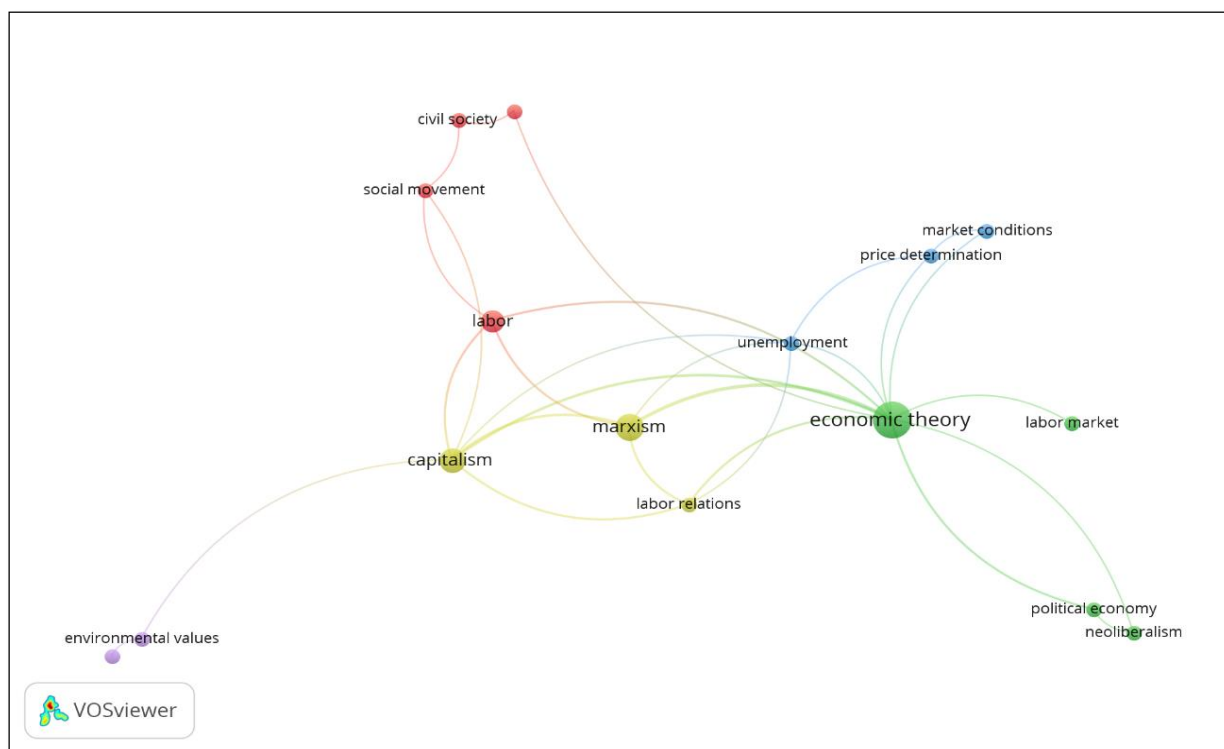
É possível observar que a ocorrência de determinadas palavras faz parte do contexto de mutação do capitalismo, em um período no qual ocorre uma grave crise econômica no mundo, a crise de 2008 que teve como marco a falência do banco *Lehman Brothers*²⁴. Os efeitos da crise foram sentidos em vários países do mundo que passaram por um longo período de recessão e desemprego.

A crise do capitalismo em 2008 provocou mudanças na economia de vários países que anunciaram planos de recuperação econômica, injetando bilhões em bancos. Além disso, os reflexos da crise podem ter gerado mudanças nas configurações dos estudos e pesquisas na área econômica, o que denota um crescimento de palavras como valor, mídias sociais, política econômica entre os anos de 2009 e 2011, como pode ser observado na Figura 21.

Na Figura 20 é possível observar a rede de coocorrência de palavras-chave de acordo com os termos indexados pela base.

²⁴ Um dos principais bancos de investimentos dos Estados Unidos. A sua falência fez com que as Bolsas de valores do mundo todo despencassem. Outros bancos anunciaram perdas bilionárias.

Figura 20 - Rede de coocorrência de palavras-chaves indexadas pela base Scopus, 2008-2012



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

A rede de coocorrência com as palavras-chave da base sinalizou a formação de cinco *clusters*, distribuídos em 16 nós.

O primeiro *cluster* (vermelho) contém quatro nós: *labor*, *social movement*, *ideology*, *civil society*.

O segundo *cluster* (verde) também possui quatro nós: *economic theory*, *labor market*, *neoliberalism*, *political economy*.

O terceiro *cluster* (azul escuro) formado por três nós: *unemployment*, *market conditions*, *price determination*.

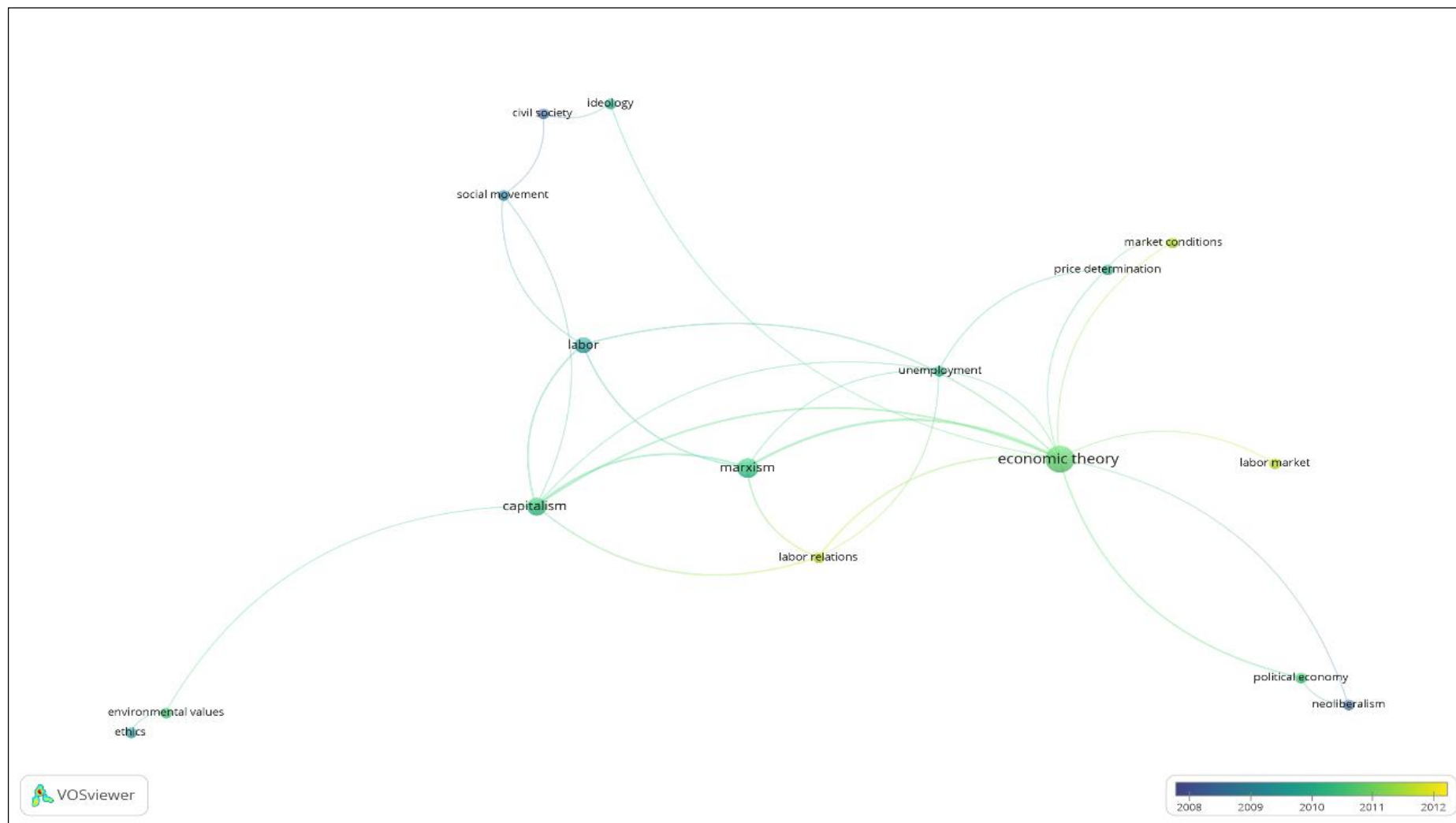
O quarto *cluster* (amarelo mostarda) é constituído por três nós: *capitalism*, *labor relations*, *marxism*.

O quinto *cluster* (lilás) tem apenas dois nós: *environmental values* e *ethics*.

As Figuras 21 e 22 apresentam a temporalidade de uso de cada termo, ou seja, a coocorrência das palavras, ao longo dos anos.

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Figura 22 - Temporalidade da rede de coocorrência de palavras, baseada na indexação da base Scopus, 2008-2012



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Analisando a Figura 21 é possível perceber que termos como *knowledge*, *post-fordism*, *political economy*, *adam smith*, *education*, *economy* que estão mais próximas da cor azul indicam que possuem uma maior frequência ocorrência entre os anos de 2008 e 2010. Por outro lado, os termos como *cognitive capitalism*, *ethics*, *social media*, *web 2.0*, *internet*, *commodification* que estão mais próximos da cor amarela indicam uma maior frequência de uso entre os anos de 2011 e 2012.

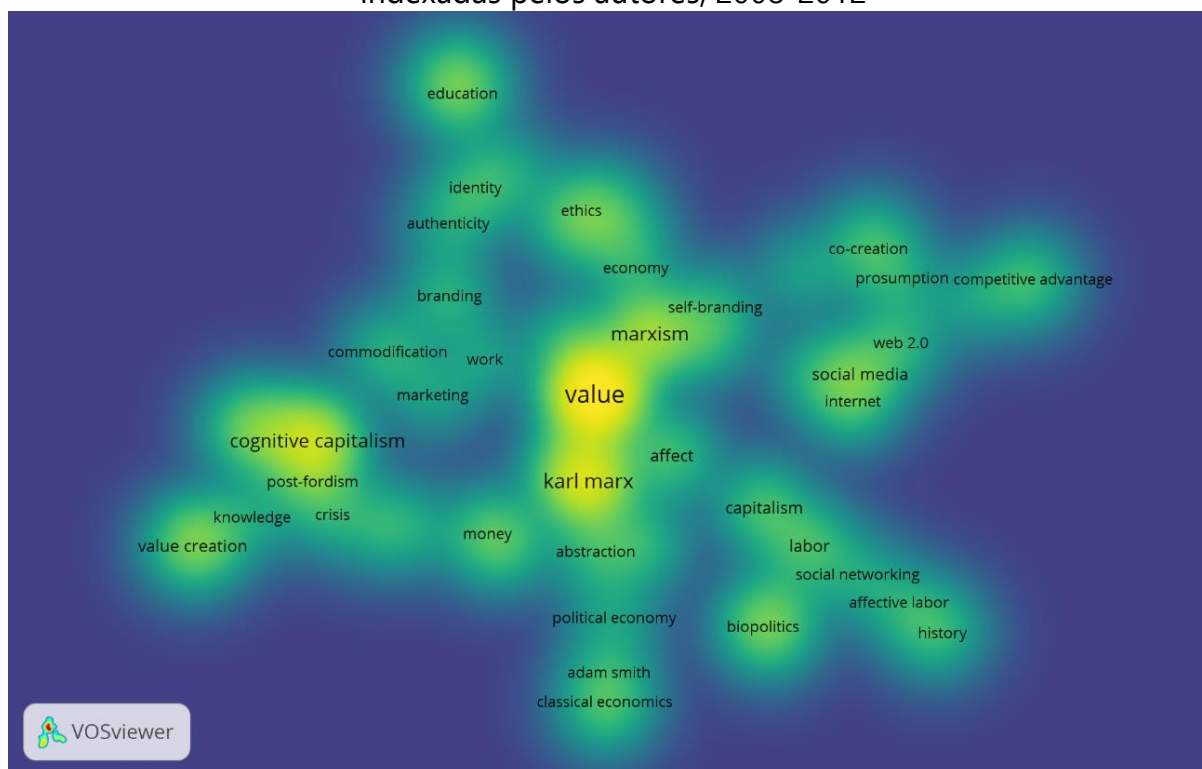
A temporalidade de uso dos termos apresentada na Figura 20 pode indicar uma mudança no desenvolvimento de estudos e pesquisas voltadas para as tecnologias, sem, porém, abandonarem questões teóricas clássicas da área.

Observando a Figura 22 é possível perceber que termos como *civil society*, *social movement*, *neoliberalism*, *labor*, *unemployment* estão mais próximos da cor azul, o que indica uma frequência maior de uso entre 2008 e 2010. Enquanto termos como *economic theory*, *capitalism*, *marxism*, *market conditions*, *labor market* sinalizam uma frequência maior de uso entre 2011 e 2012.

A visualização da rede de palavras-chave da base Scopus, permite perceber que há um campo teórico analisado a partir de teorias econômicas, mercado de trabalho, estruturação de mercado que vem se destacando ao longo dos anos, mas que desponta mesmo a partir da reconfiguração do capitalismo, no final da primeira década do século XXI.

A Figura 23 apresenta a densidade dos termos na rede de coocorrência de palavras-chave, de acordo com os termos indexados pelos autores.

Figura 23 - Densidade dos termos de acordo com a coocorrência de palavras indexadas pelos autores, 2008-2012

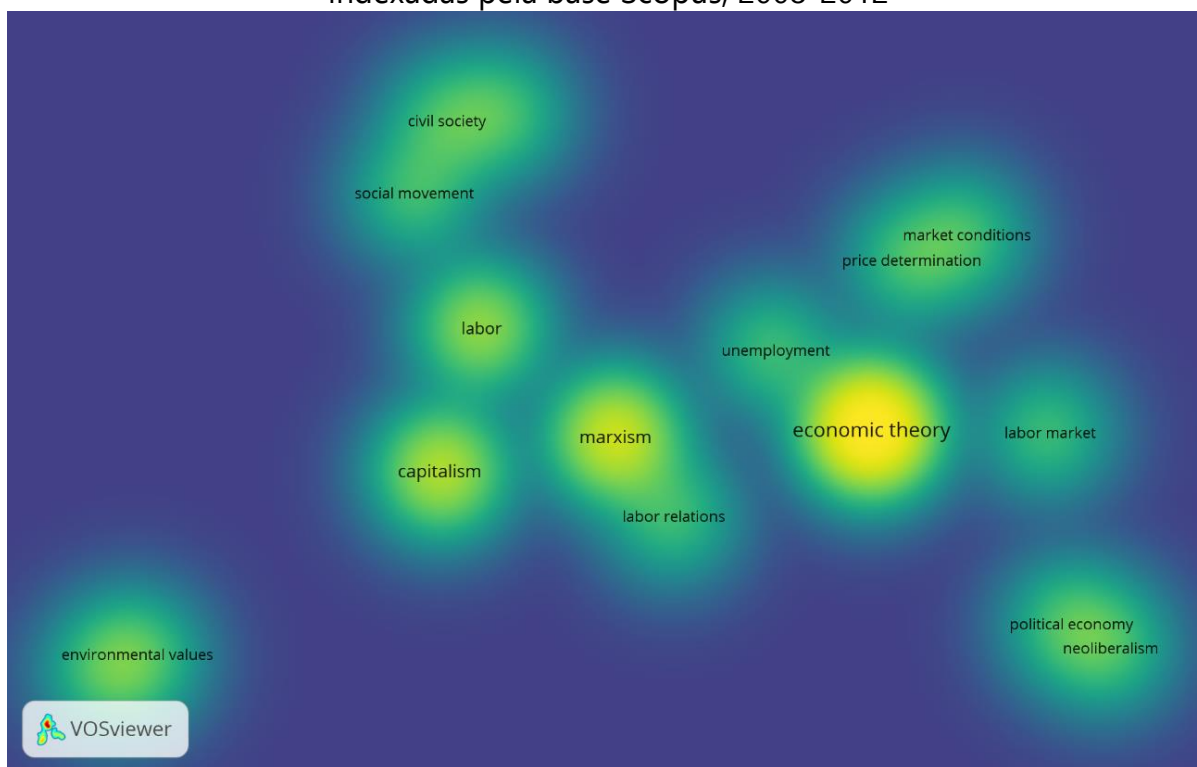


Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Na Figura 23 é possível observar a densidade dos termos, na visualização da densidade das palavras-chave de acordo com os termos indexados pelos autores no período. Percebe-se que o termo *value* é o mais denso, pois possui o núcleo amarelo, seguido por *karl marx* e *cognitive capitalismo*. É possível identificar também um grau acentuado de densidade dos termos *value creation*, *biopolitics*, *social media*, *education*.

A Figura 24 mostra o grau de densidade dos termos, segundo as palavras-chave indexadas pela base.

Figura 24 - Densidade dos termos de acordo com a coocorrência de palavras indexadas pela base Scopus, 2008-2012



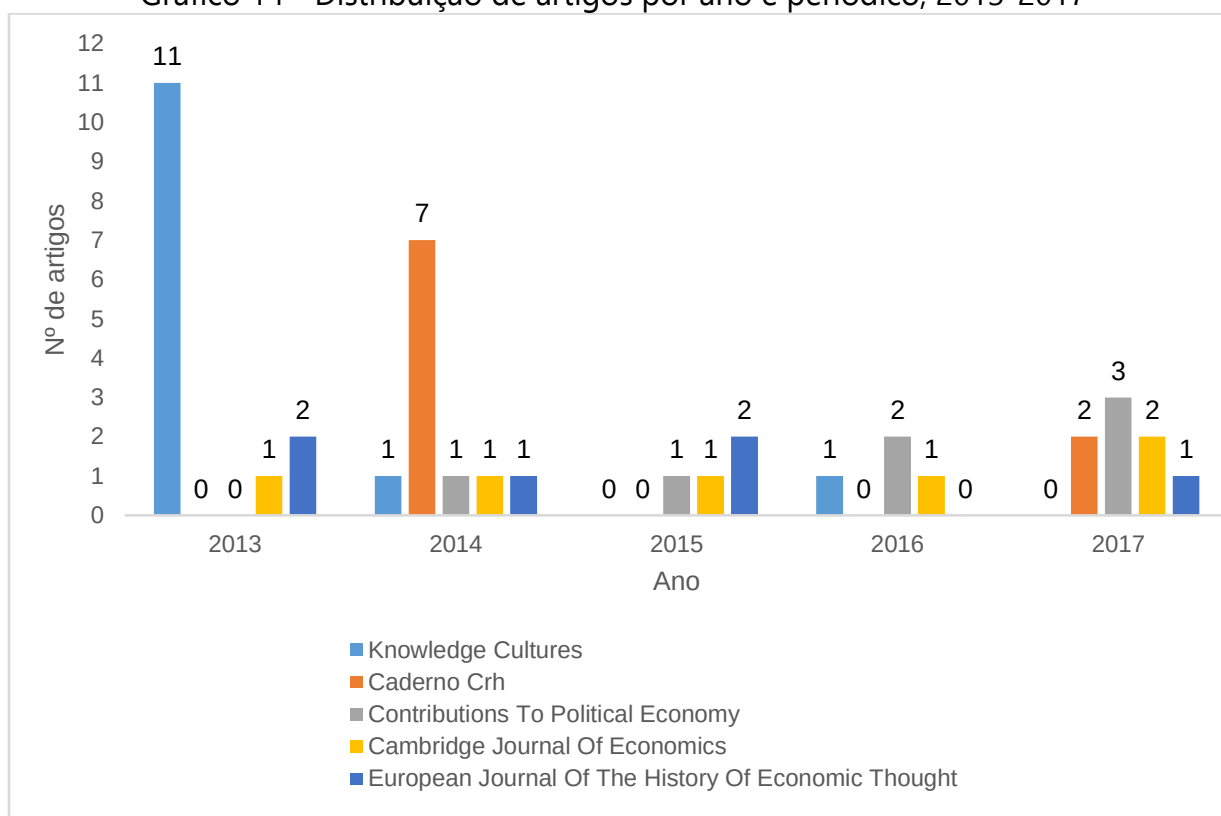
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Na Figura 24 identificamos o termo *economic theory* com maior grau de densidade, seguido por *marxism*, *capitalism*, *environmental values*, *labor*. O grau de densidade desses termos demonstra o peso que eles têm no desenvolvimento de pesquisas que envolvem a temática da teoria do valor.

5.2.4 Análise da produção científica sobre teoria do valor no período 2013-2017

O quarto quinquênio analisado compreendeu o período entre 2013 e 2017. Neste período foram indexados na base 329 artigos, publicados em 160 periódicos. O Gráfico 14 apresenta a distribuição desses artigos por ano e periódico, levando em consideração os cinco periódicos que mais publicaram no período.

Gráfico 14 - Distribuição de artigos por ano e periódico, 2013-2017



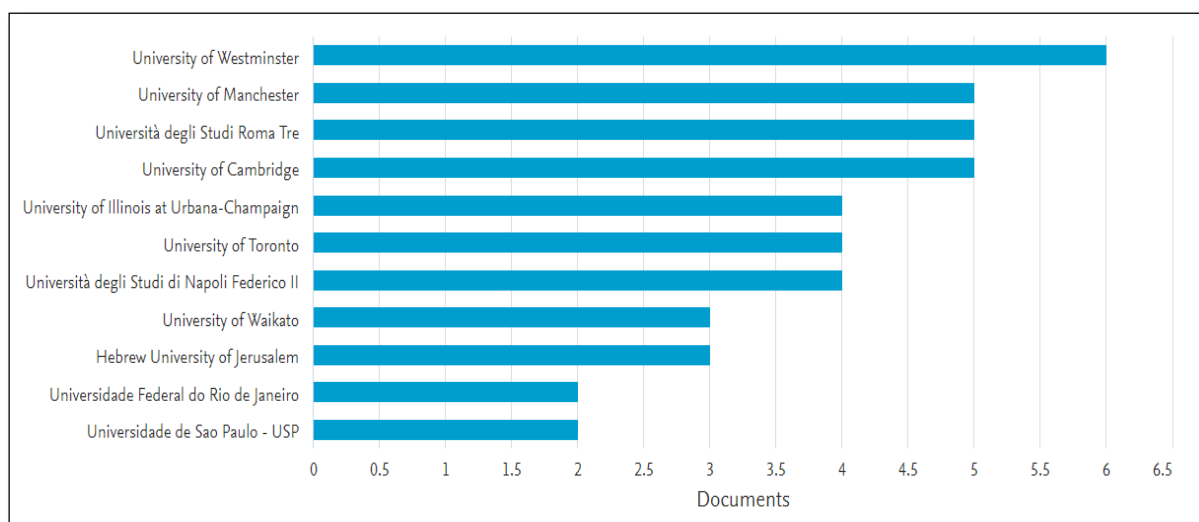
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

O periódico *Knowledge Cultures* foi o que mais apresentou artigos indexados, 13 no total, sendo onze em 2013, um em 2014 e um em 2016. Em seguida vem o periódico *Caderno Crh*, da Universidade Federal da Bahia, com nove artigos, sendo sete em 2014 e dois em 2017. O periódico *Contributions To Political Economy* apresentou sete artigos, sendo um em 2014, um em 2015, dois em 2016 e três em 2017. O *Cambridge Journal Of Economics* teve seis artigos indexados no período, sendo um em 2013, um em 2014, um em 2015, um em 2015 e dois em 2017. O *European Journal Of The History Of Economic Thought* também apresentou seis artigos, sendo dois em 2013, um em 2014, dois em 2015 e um em 2017.

Dos cinco periódicos que mais publicaram no período o *Cambridge Journal Of Economics* foi o único que manteve a frequência de pelo menos um artigo por ano. Ao longo dos 20 anos (1998-2017) foi o periódico que apareceu em todos os quinquênios como um dos periódicos mais devotados à temática.

O Gráfico 15 – apresenta a filiação institucional dos autores que mais publicaram nestes periódicos.

Gráfico 15 - Filiação institucional dos autores, 2013-2017

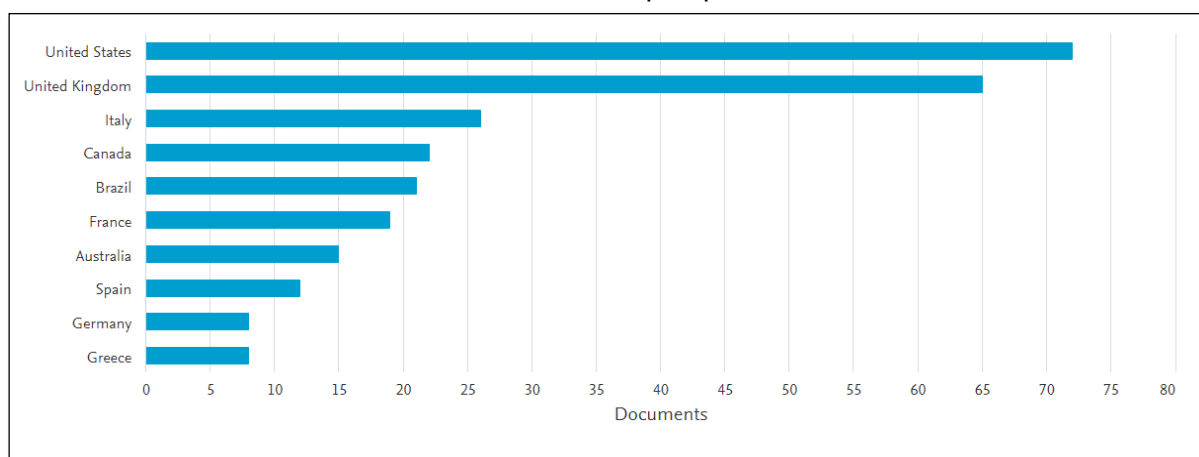


Fonte: Scopus, 2019.

A instituição que teve mais artigos publicados no período foi a Universidade de Westminster, no Reino Unido, com seis artigos. Em seguida vem a Universidade de Manchester, no Reino Unido, a Universidade Roma Tre, na Itália, e a Universidade de Cambridge, no Reino Unido, cada uma com cinco artigos. A Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Universidade de São Paulo aparecem cada uma com dois artigos publicados, sendo o primeiro quinquênio em que universidades brasileiras chegam ao ranking das 10 principais instituições de pesquisa sobre a teoria do valor no mundo.

O Gráfico 16 mostra a quantidade de artigos por país.

Gráfico 16 – Documentos por país, 2013-2017

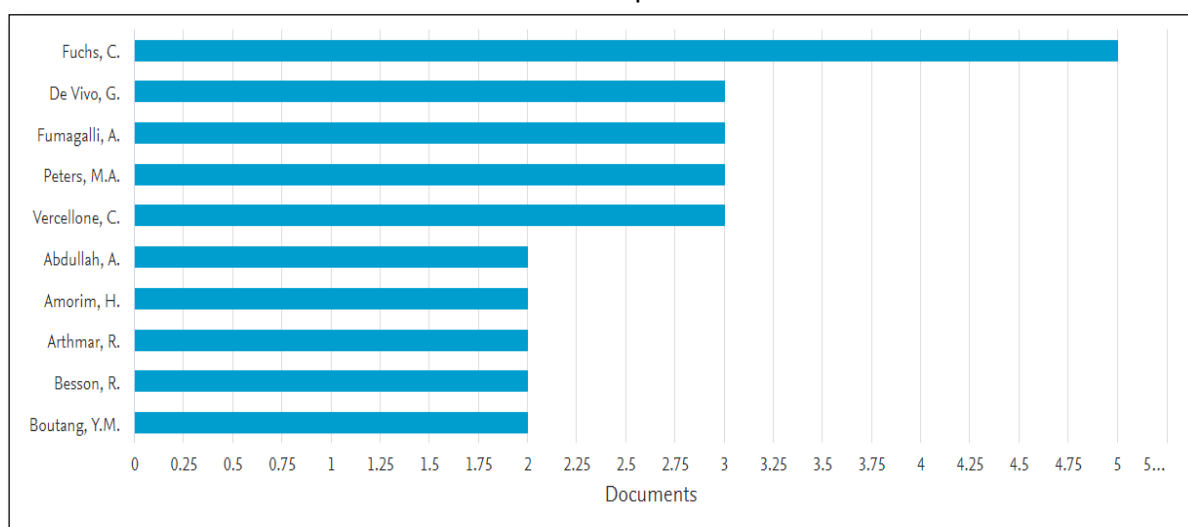


Fonte: Scopus, 2019.

Os países que mais se destacaram foram Estados Unidos (72), Reino Unido (65), Itália (26), Canadá (22), Brasil (21), França (19), Austrália (15), Espanha (12), Alemanha (8) e Grécia (8). O Brasil fica em 5º lugar dentre os países que mais contribuíram para pesquisas sobre a teoria do valor no mundo, subindo duas posições com relação à sua posição no quinquênio anterior. Além disso, o país fica na frente de grandes produtores científicos do campo como França e Austrália.

O Gráfico 17 traz a relação dos autores que mais publicaram no período.

Gráfico 17 - Documentos por autor, 2013-2017



Fonte: Scopus, 2019.

O autor que mais publicou artigos indexados na Scopus no período analisado foi Christian Fuchs, professor do Instituto de Pesquisa de Comunicação e Mídia da Universidade de Westminster. Os artigos publicados por Fuchs em 2017 foram 2: *Marx's Capital in the information age*, publicado no *Capital and Class*, e *The Information Economy and the Labor Theory of Value*, publicado no *International Journal of Political Economy*. Em 2015, o autor publicou: *Against divisiveness: Digital workers of the world unite! A rejoinder to César Bolaño*, publicado no *Television and New Media*, e *The MacBride report in Twenty-first-century capitalism, the age of social media and the Brics countries*, publicado no *Javnost*. No ano anterior, em 2014, é publicado no *Time & Society* o artigo *Digital presumption labour on social media in the context of the capitalist regime of time*.

Mais quatro autores tiveram destaque no período: Giancarlo De Vivo; Andrea Fumagalli; Michael Adrian Peters; e Carlo Vercellone, cada um com três artigos publicados e indexados na base.

Giancarlo De Vivo é professor do Departamento de Economia da Universidade de Nápoles Frederico II, Itália. Os três artigos de De Vivo indexados na base no período foram publicados no *Contributions to Political Economy*, a saber: *Whatever happened to Ricardo's theory of value? Mill, McCulloch, and the case of 'Oak-trees' and 'wine'* (2017), *Some notes on Marx's role in the development of Sraffa's thought* (2016), e *Samuel Bailey and the subversion of the classical theory of value: A note* (2014).

Os artigos publicados de Andrea Fumagalli são: *The parabola of work: From homo faber to unpaid work, between social reproduction and crisis of militancy*, publicado em 2017, no *Sociologia del Lavoro*; *Finance, Austerity and Commonfare*, publicado em 2015, no *Theory, Culture & Society*; e *Cognitive bio-capitalism, social (re)production and the precarity trap: Why not basic income?*, publicado em 2013, no *Knowledge Cultures*.

Michael Adrian Peters é professor emérito da Universidade Normal de Pequim, China. Seus artigos são *Retrofitting Drucker: Knowledge work under cognitive*

capitalism, publicado em 2014, no *Culture and Organization*; *Radical openness: Creative institutions, creative labor and the logic of public organizations in cognitive capitalism*, publicado em 2013, no *Knowledge Cultures*; e *Cognitive-Cultural Production, Digital Labour and The New Frontiers of Knowledge. A Conversation with Allen J. Scott*, publicado em 2013, também no *Knowledge Cultures* em parceria com Allen J. Scott e Stefano, Lucarelli e Carlo Vercellone.

Os artigos publicados por Carlo Vercellone são: *From the Crisis to the 'Welfare of the Common' as a New Mode of Production* (2015), publicado no *Theory, Culture & Society*; *The becoming rent of profit?: The new articulation of wage, rent and profit* (2013), publicado no *Knowledge Cultures*; e *Cognitive-Cultural Production, Digital Labour And The New Frontiers Of Knowledge. A Conversation With Allen J. Scott* (2013), publicado no *Knowledge Cultures* em parceria com Michael Adrian Peters, Allen J. Scott e Stefano Lucarelli.

A rede de visualização de coocorrência de palavras nos mostra como se deu a relação das palavras nos artigos indexados. Nos mapas é possível compreender os links das palavras e as temáticas entremeadas nos documentos.

A Figura 25 apresenta a rede de coocorrência de palavras, segundo as palavras indexadas pelos autores. São identificados 140 nós, distribuídos em 15 *clusters*.

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

O primeiro *cluster* (vermelho) é formado por 17 nós. Nele, podemos visualizar as variações do termo trabalho (*labor, labour*); termos como *information, labour theory of value* que estão mais centralizadas na rede; termos como *valuation, money* estão um pouco mais afastados, no entanto completam o *cluster* indicando documentos que abordam a questão da teoria do valor trabalho sob a ótica da informação, do trabalho, do dinheiro.

O segundo *cluster* (verde escuro) é formado por 15 nós. Entre os que mais se destacam estão *capital theory, classical economics, co-operatives, information economy, labor theory of value, marx, profit rate, ricardo, sraffa*.

O terceiro *cluster* (azul escuro) é composto de 15 nós: *autonomy, call centres, capital, digital labor, gender, gentrification, income, materiality, new economy, precarity, reproduction, social classes, social factory, vídeo game industry, work*.

No quarto *cluster* (amarelo escuro) aparecem 14 nós, entre eles *critical political economy, digital capitalism, explotation, facebook, financialization, information capitalism, internet, karl marx, media, media studies, social network, web 2.0*.

O quinto *cluster* (roxo) possui 13 nós entre eles *antonio negri, archaeology, biopolitics, biopower, circulation, cognitive-cultural capitalism, foucault, hardt and negri, neoliberalism, rente, urban political ecology*.

O sexto *cluster* (azul piscina) formado por 13 nós: *affective labor, andré gorz, autonomism, basic income, communism, cyborg, digital economy, feminism, general intellect, knowledge, marxism*.

No sétimo *cluster* (laranja) aparecem nove nós: *david ricardo, governance, innovation, joseph schumpeter, representative firm, value and distribution, value creation, value integration*.

O oitavo *cluster* (marrom) se forma a partir de oito nós: *democracy, free labor, identity, knowledge economy, militancy, social movements, student movement, values*.

O nono *cluster* (rosa) é formado por sete nós: *assessment, cognitive capitalism, capitalism, social, social reproduction, valorization*.

No cluster dez (vermelho claro) nota-se seis nós: *automation, globalization, activism, surveillance, user-generated content*.

O *cluster onze* (verde claro) possui cinco nós: *advertising, fictitious capital, ideology, inequality, television*.

O *cluster doze* (azul marinho claro) é *cluster* mais afastado da rede. Ele também possui cinco nós: *axiology, infrastructure, management, project planning and design, stakeholders, value analysis*.

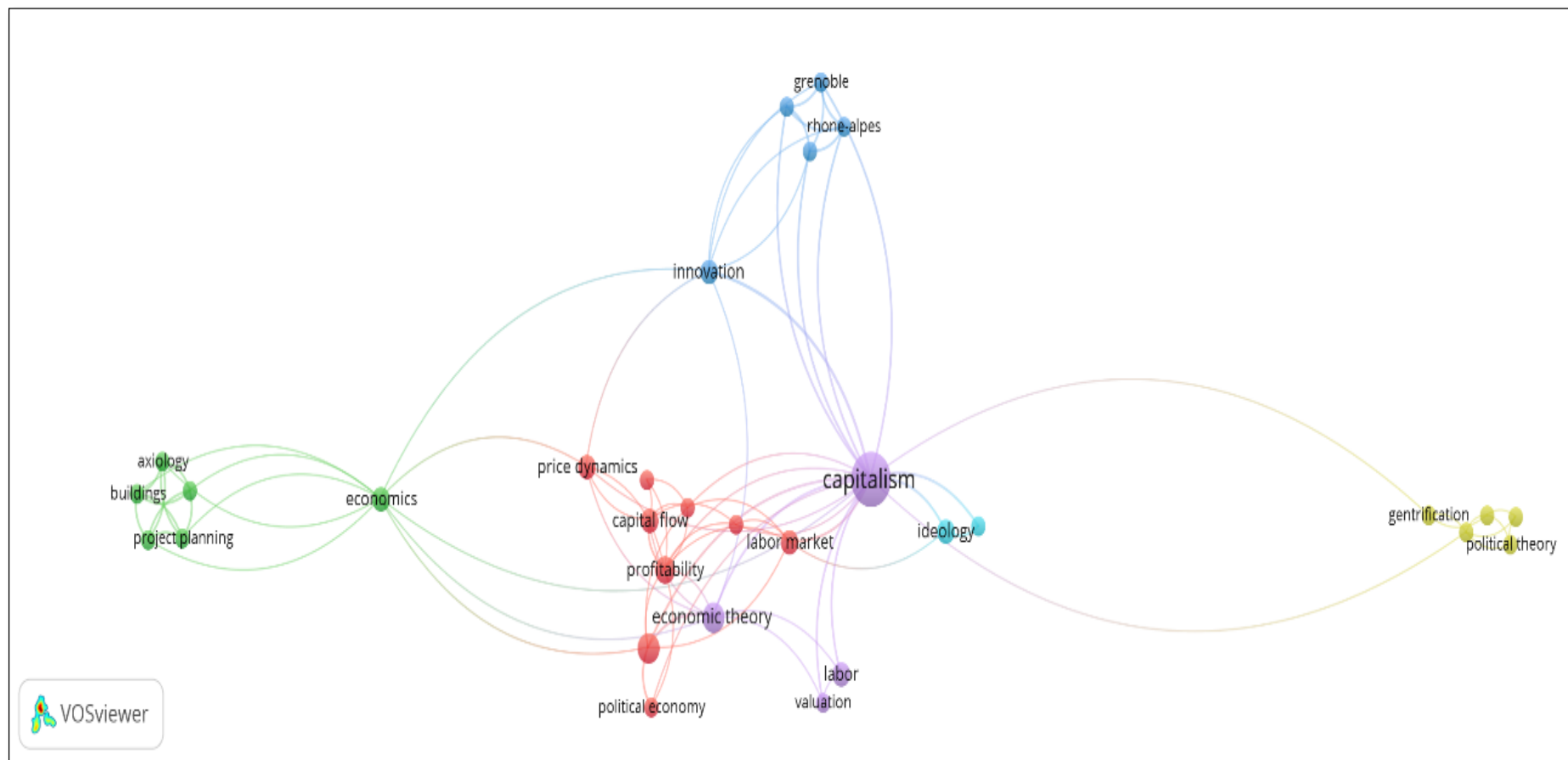
O *cluster treze* (bege) é composto por cinco nós: *value, economics, practice theory* são mais visíveis, porém *finance* e *service-dominant logic* também fazem parte desse *cluster*.

O *cluster quatorze* (roxo claro) é formado por quatro nós: *autonomist marxism, consumption, education, technology*.

Por fim, o *cluster quinze* (azul claro) também formado por apenas quatro nós: *capitalist development, nature, operaismo, organic composition of capital*.

A Figura 26 mostra a configuração da rede segundo as palavras-chave indexadas pela base.

Figura 26 - Rede de coocorrência de palavras-chaves indexadas pela base Scopus, 2013-2017



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Diferente da Figura 25 onde é possível identificar a formação de 15 *clusters*, a rede de coocorrência de palavras, segundo os termos da base formou apenas seis *clusters* com 31 nós, conforme pode ser observado na Figura 26.

O primeiro *cluster* (vermelho) é formado por nove nós: *marxism, capital flow, political economy, labor market, price dynamics*.

O segundo *cluster* (verde) é composto de seis nós: *economics, buildings, axiology, project planning*.

No terceiro *cluster* (azul escuro) observa-se cinco nós: *rhone-alpes, grenoble, innovation, urban economy, isere*.

O quarto *cluster* (amarelo) também se forma a partir de cinco nós. É o *cluster* mais afastado e inclui os termos: *gentrification* e *political theory* que estão mais visíveis, porém os termos *urban área, urban geography* e *urban politics* também fazem parte desse *cluster*.

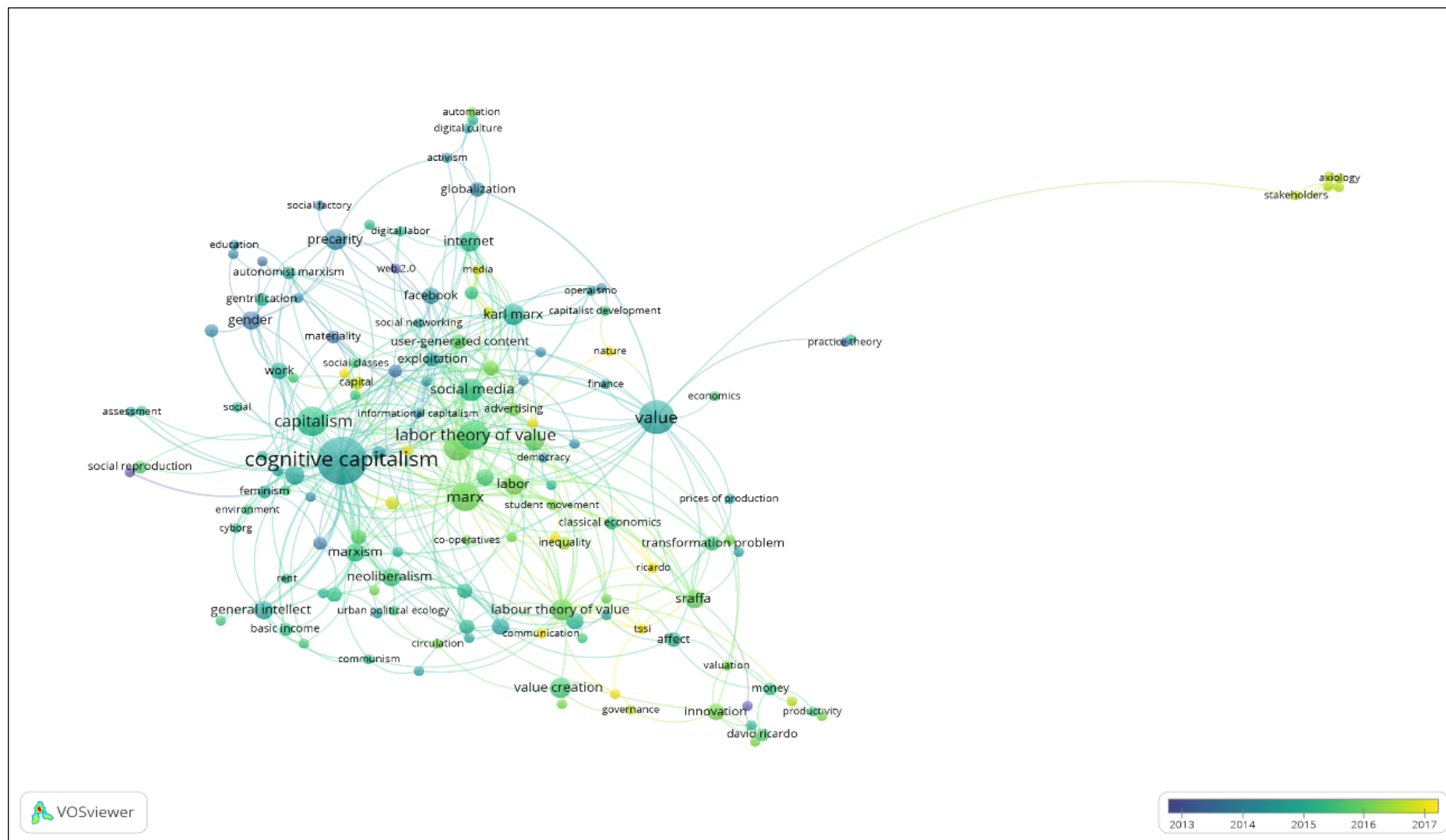
O quinto *cluster* (roxo) é formado por quatro nós: *capitalism, economic theory, labor, valuation*.

O sexto *cluster* (azul piscina) tem apenas dois nós: *ideology* e *neoliberalism*.

As figuras 27 e 28 mostram como se configura a sobreposição dos termos, considerando o fator temporal de uso de cada termo, de acordo com o período analisado.

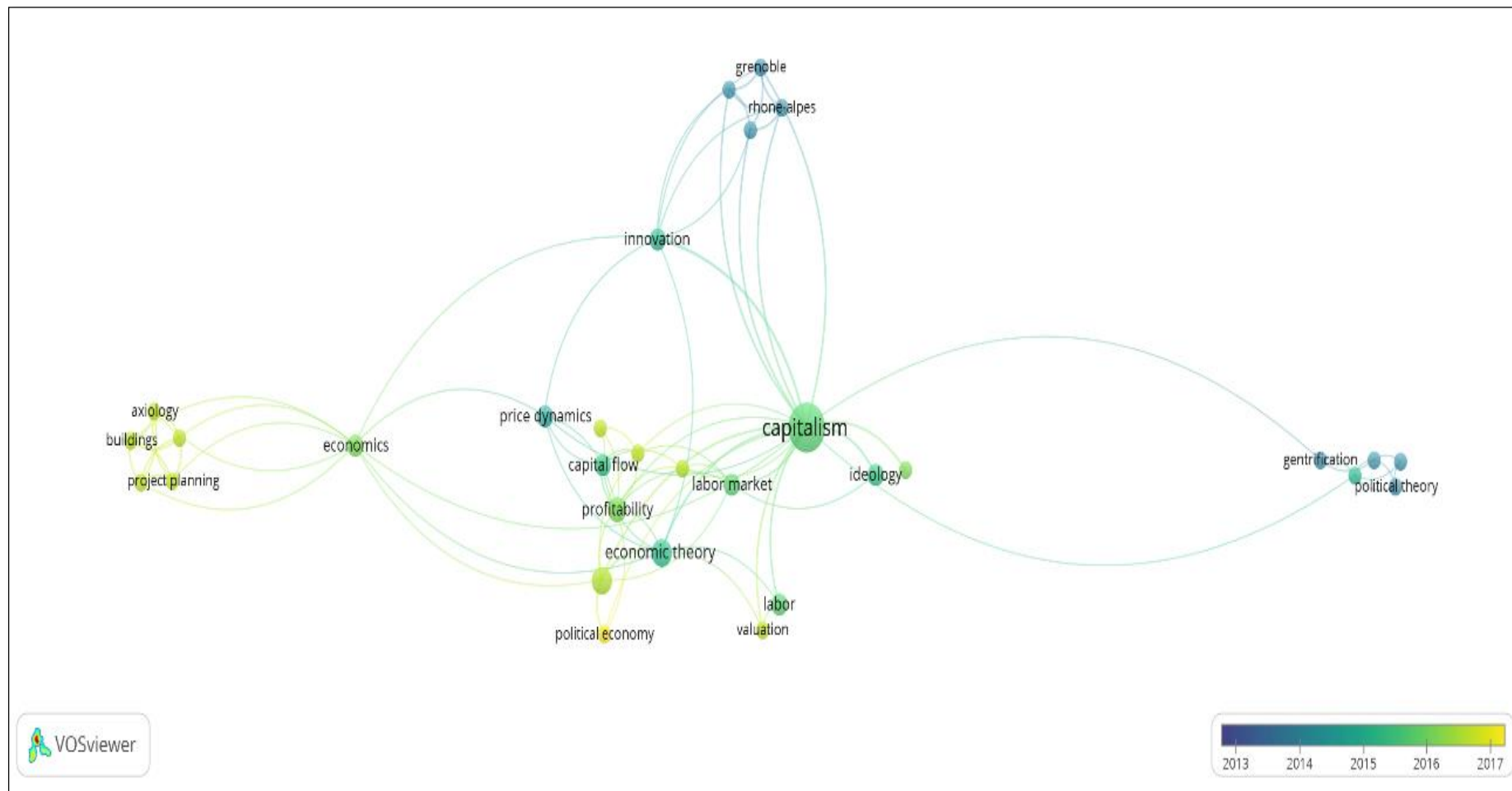
Na Figura 27 é possível perceber que os termos *general intellect, karl marx, information, labor, free labor, income, innovation, value creation, capital* aparecem com uma frequência maior entre os anos 2014 e 2016. Os termos *ricardo, nature, media*, mais destacados de amarelo, aparecem com uma frequência maior no final do período, entre os anos de 2016 e 2017. Os termos *axiology* e *stakeholders* que aparecem na cor verde para amarelo, estão mais afastados do centro da rede, representam temáticas afastadas da temática central analisada.

Figura 27 - Temporalidade da rede de coocorrência de palavras, baseada na indexação dos autores, 2013-2017



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Figura 28 - Temporalidade da rede de coocorrência de palavras, baseada na indexação da base Scopus, 2013-2017

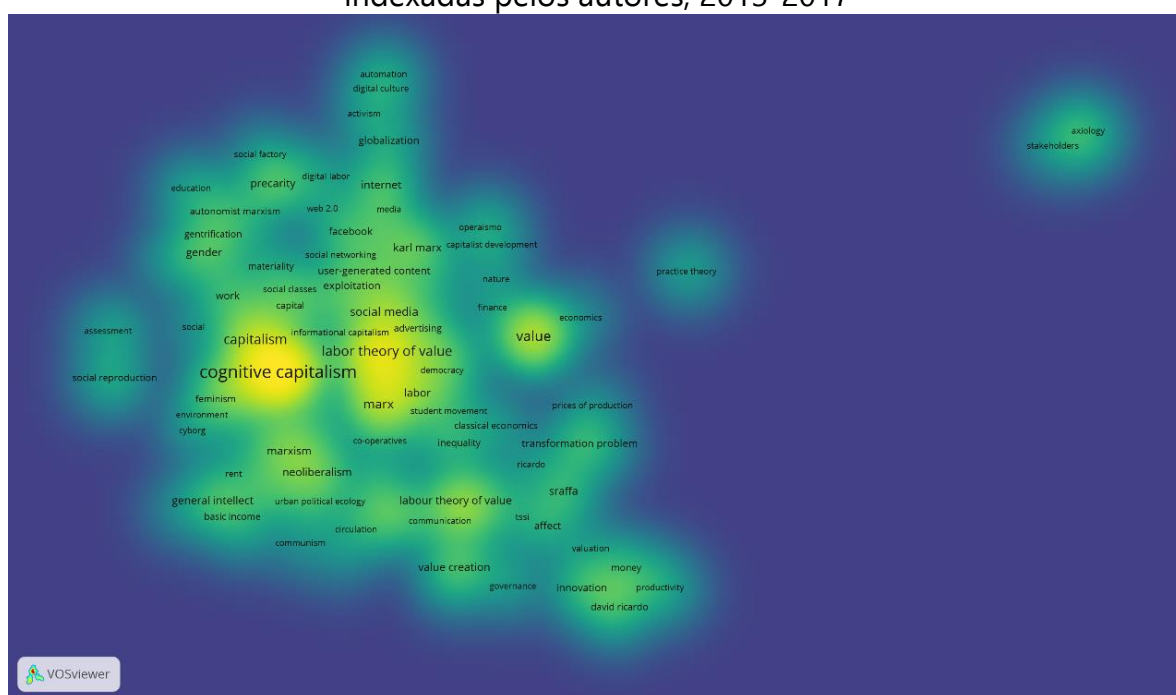


Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Na Figura 28 é possível perceber que a temporalidade de uso dos termos nos documentos está relacionada aos clusters. Os termos do primeiro *cluster*, *price dynamics*, *capital flow*, aparecem com destaque entre 2015 e 2016, já que estão marcados com cores mais próximas do azul. Os termos do terceiro *cluster* (*grenoble*, *rhône-alpes*, *isere*, *urban economy*) e os termos do quarto *cluster* (*gentrification* e *political theory*) aparecem entre os anos de 2013 e 2015. Os termos do quinto *cluster* (*capitalism*, *economic theory*, *labor*) e os termos do segundo *cluster* (*axiology*, *buildings*, *Project planning*) estão marcados nas cores verde caindo para o amarelo, significando que aparecem com maior frequência entre os anos de 2016 e 2017.

Na Figura 29 percebe-se o grau de densidade desses termos. O termo *cognitive capitalism* aparece com maior grau de densidade, seguido por *labor theory value* e *value*. O mapa da Figura 29 leva em consideração os termos indexados pelos autores, por isso alguns termos apresentam um grau de densidade maior, porque autores podem considerá-los com maior representatividade para o seu trabalho.

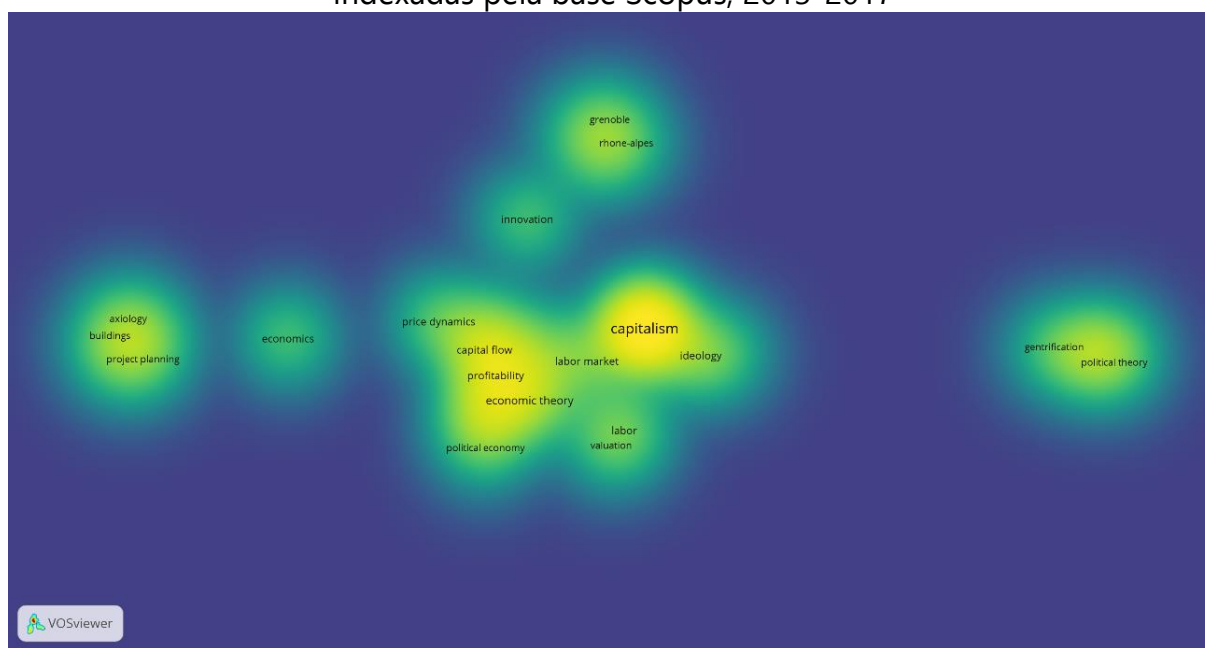
Figura 29 - Densidade dos termos de acordo com a coocorrência de palavras indexadas pelos autores, 2013-2017



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Na Figura 30 vemos o grau de densidade da rede, tendo em vista os termos indexados pela Scopus.

Figura 30 - Densidade dos termos de acordo com a coocorrência de palavras indexadas pela base Scopus, 2013-2017



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Os termos como *capitalism*, *capital flow*, *profitability*, *economic theory* apresentam alto grau de densidade. Os termos *gentrification* e *political theory* apesar de estarem mais afastados do núcleo da rede apresentam um grau de densidade moderado, assim como *axiology*, *buildings* e *project planning*.

5.2.5 Análise do quadro geral da produção científica sobre teoria do valor no período 1998-2017

Como o intuito de apresentar um panorama geral da produção científica revocada optou-se pela aglutinação dos quatro quinquênios no que se refere à coocorrência de palavras-chave, à origem das citações e à cocitação de autores, demonstrando também os autores mais profícuos, sua afiliação institucional e os países mais produtivos.

Tabela 4 - Relação dos autores mais produtivos

AUTORES	1998-2002	2003-2007	2008-2012	2013-2017	TOTAL/AUTOR
Fuchs, C.	0	0	2	5	7
Vercellone, C.	0	3	0	3	6
Fumagalli, A.	0	0	3	3	6
Arvindsson, A.	0	2	3	0	5
Kurs, H. D.	0	3	0	0	3
Mohun, S.	0	3	0	0	3
Salvadori, N.	0	3	0	0	3
Kristjanson-Gural, D.	0	0	3	0	3
De Vivo, G.	0	0	0	3	3
Peters, M. A.	0	0	0	3	3
Perelman, M.	2	0	0	0	2
Cockshott, W. P.	0	2	0	0	2
Cotrell, A.	0	2	0	0	2
Harney, S.	0	2	0	0	2
Kicillof, A.	0	2	0	0	2
Signorino, R.	0	2	0	0	2
Bonsu, S. K.	0	0	2	0	2
Darmody, A.	0	0	2	0	2
Hearn, A.	0	0	2	0	2
Humphreys, S.	0	0	2	0	2
Land, C.	0	0	2	0	2
Abdullah, A.	0	0	0	2	2
Amorim, H.	0	0	0	2	2
Arthmar, R.	0	0	0	2	2
Besson, R.	0	0	0	2	2
Boutang, Y.M.	0	0	0	2	2
Abma, T. A.	1	0	0	0	1
Ahiakpor, J. C. W.	1	0	0	0	1
Alexandrin, G.	1	0	0	0	1
Aliprantis, C. D.	1	0	0	0	1
Arthur, C. J.	1	0	0	0	1
Bartels, D.	1	0	0	0	1
Brennan, D. J.	1	0	0	0	1
Buchdahl, J. M.	1	0	0	0	1
Campbell, A.	1	0	0	0	1
TOTAL/ANO	11	24	21	27	83

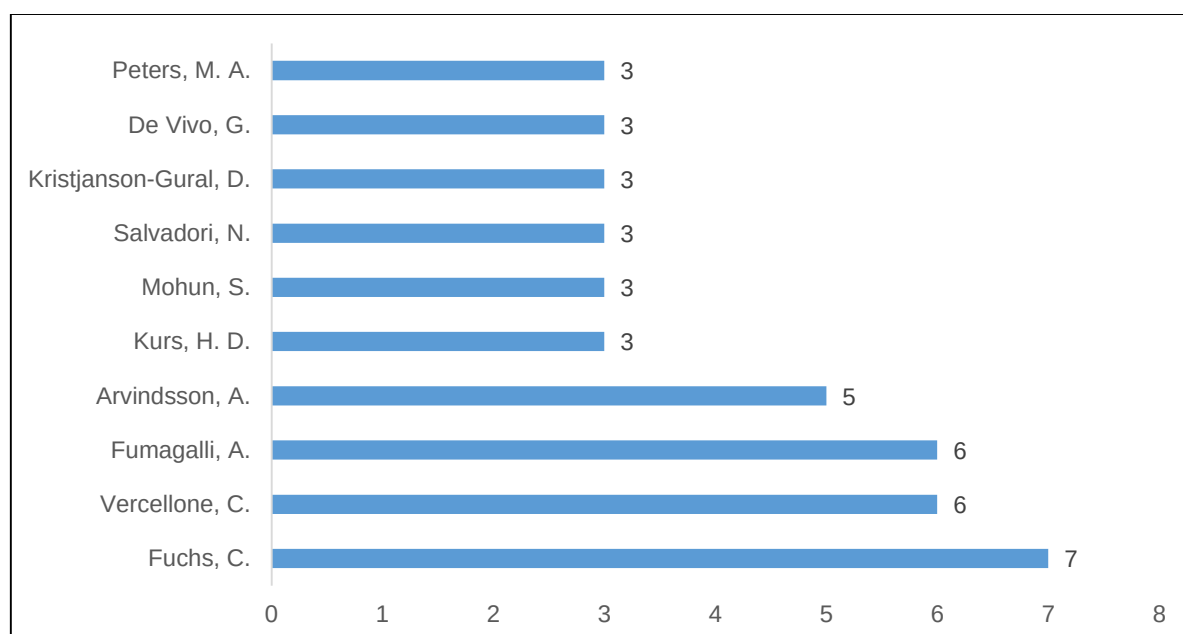
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Observa-se que, no período de 1998-2017, do total de artigos analisados (684) 12% (83) foi produzido por 35 autores²⁵. Não houve nenhum autor que produziu artigos nos quatro quinquênios consecutivos. Os dados revelam um alto índice de autores transeuntes, ou seja, não há especialistas devotados ao tema de maneira consolidada.

Os dez autores que apareceram no ranking do primeiro quinquênio (1998-2002) não aparecem nos outros períodos. Dos autores do segundo quinquênio (2003-2007) apenas um (Vercellon, C.) também aparece no ranking no quarto quinquênio, inclusive ele consta na relação dos dez autores mais produtivos no quadro geral. Os autores do terceiro quinquênio (2008-2012) dois aparecem também no quarto quinquênio (2013-2017) são Fuchs, C. e Fumagalli, A..

No Gráfico 18 é possível observar os dez autores mais devotados à temática no período analisado.

Gráfico 18 - Documentos por autor, 1998-2017

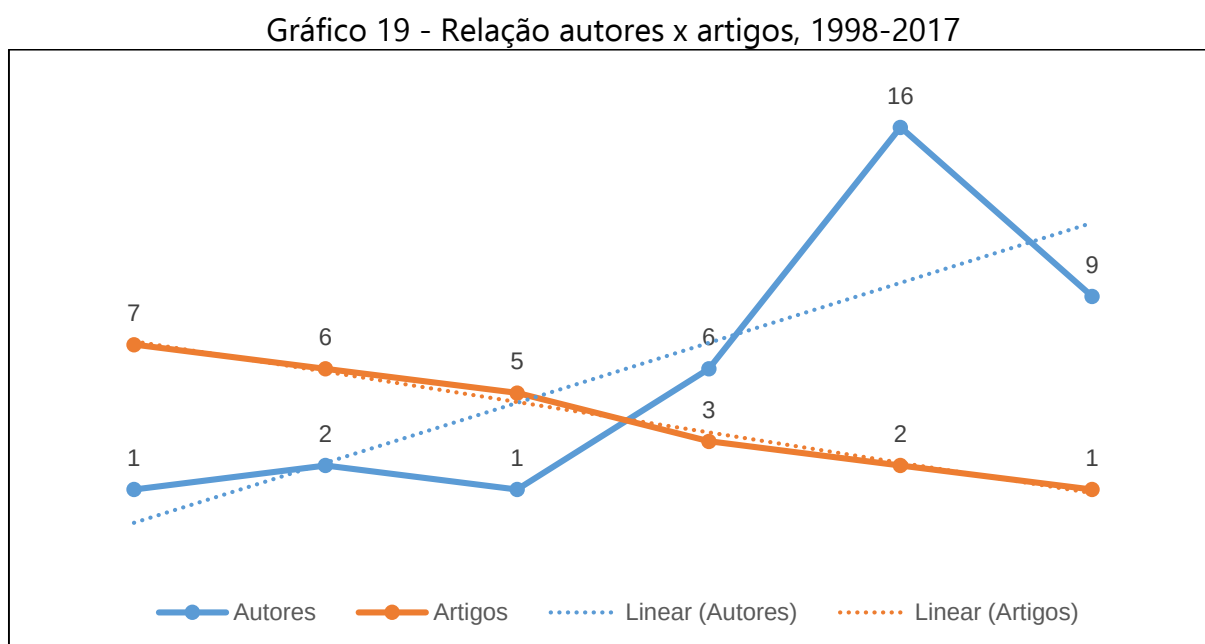


Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

²⁵ Refere-se ao top dez de cada quinquênio. Não foi considerado o número total de autores de cada quinquênio.

O autor que mais publicou artigos indexados na Scopus no período analisado foi Christian Fuchs (7), seguido por Carlo Vercellone (6), Andrea Fumagalli (6), Adam Arvidsson (5), Heinz Dieter Kurz (3), Simon Mohun (3), Neri Salvadori (3), David Kristjanson-Gural (3). Giancarlo De Vivo (3) e Michael Adrian Peters (3).

No Gráfico 19 é possível observar a linha de tendência da produção de artigos e autores no período geral analisado.



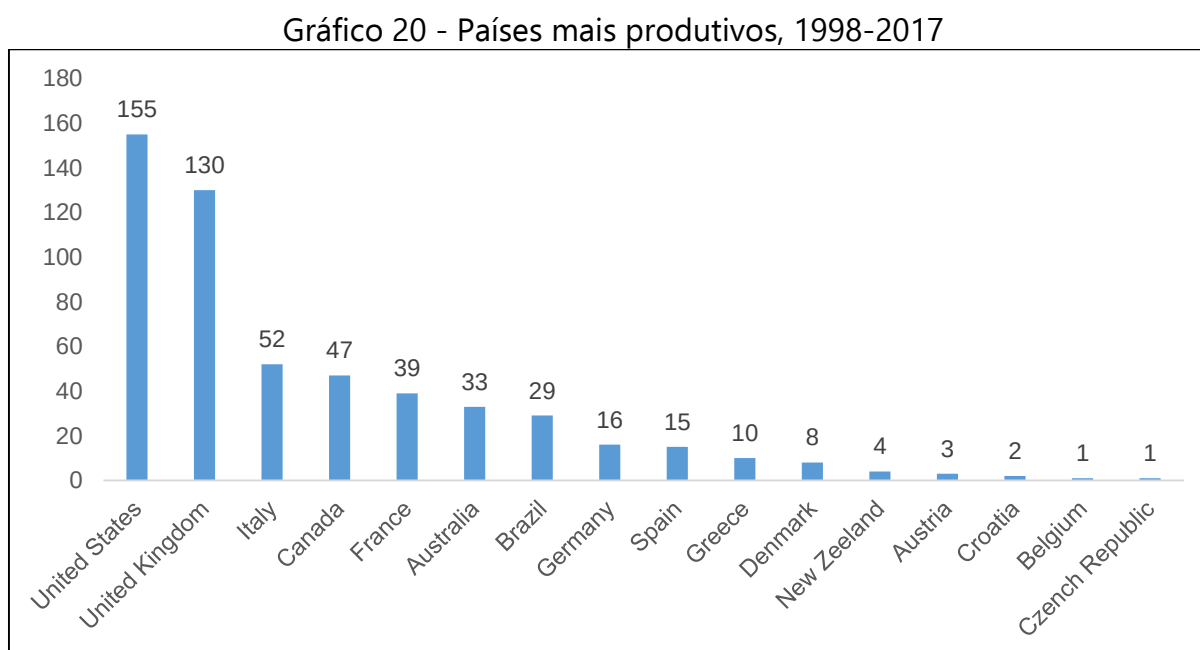
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

O Gráfico 19 pode-se perceber a linha de tendência dos autores e dos artigos, ou seja, há muitos autores produzindo pouco artigos e poucos autores produzindo muito, mesmo diante deste cenário não é possível inferir relação exata de autores mais devotados ao tema. Temos um autor que ao longo dos 20 anos produziu sete artigos, dois autores publicaram seis artigos, um autor produziu cinco artigos, seis autores publicaram três artigos, 16 autores publicaram dois artigos e nove publicaram apenas um artigo durante o período analisado.

A linha azul pontilhada que refere-se ao número de autores tem uma tendência crescente, a linha laranja pontilhada que se refere à quantidade de artigos tem uma

tendência decrescente. Vale destacar que este dado está relacionado à quantidade dos trinta e cinco autores mais produtivos no período.

O Gráfico 20 apresenta a relação dos países mais produtivos ao longo do período.



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

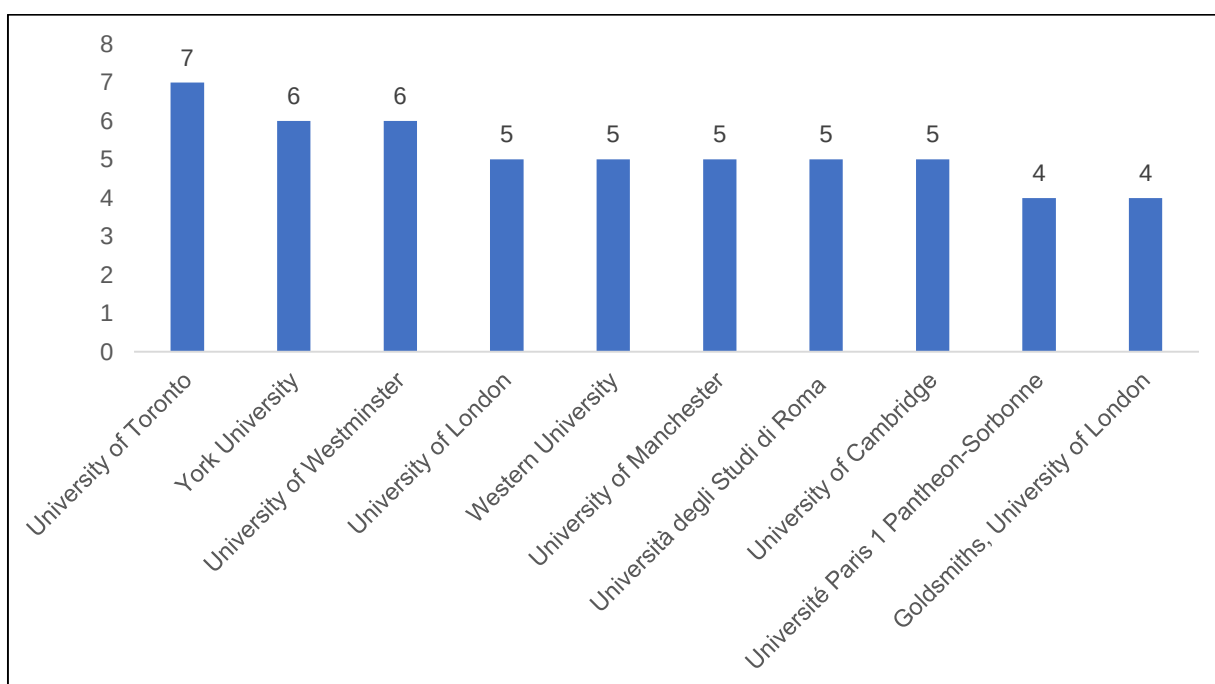
É possível observar no Gráfico 20 uma concentração da produção sobre a temática nos Estados Unidos (155), o Reino Unido (130) aparece em segundo lugar no número de produção, seguido pela Itália (52), Canadá (47), França (39), Austrália (33) e o Brasil aparece em sétimo lugar com 29 artigos produzidos ao longo dos vinte anos analisados.

Analisando o topTree do quadro geral temos os Estados Unidos aparece em segundo lugar no número de artigos por país apenas no segundo quinquênio (2003-2007), nos demais ele se configura em primeiro lugar, se mantendo em primeiro no quadro geral. O Reino Unido se mantém em segundo lugar em todos os quinquênios, aparece em primeiro no segundo quinquênio (2003-2007), no quadro geral aparece em segundo lugar. Neste sentido, há um 'competição' entre Estados Unidos e Reino

Unido disputando o primeiro e segundo lugar nos quinquênios, mas que no quadro geral os Estados Unidos leva vantagem. Em relação ao terceiro não há uma hegemonia de um país apenas, no primeiro quinquênio (1998-2002) temos a França, no segundo quinquênio (2003-2007) aparece a Itália, no terceiro (2008-2012) aparece o Canadá, e no quarto quinquênio (2013-2017) aparece novamente a Itália, que se mantém no terceiro lugar no quadro geral. O Brasil que só aparece no quarto quinquênio (2013-2017) em terceiro lugar, no quadro geral ocupa a sétima colocação.

O Gráfico 21 apresenta o top10 das instituições nas quais os autores estão vinculados.

Gráfico 21 - Filiação institucional dos autores, 1998-2017



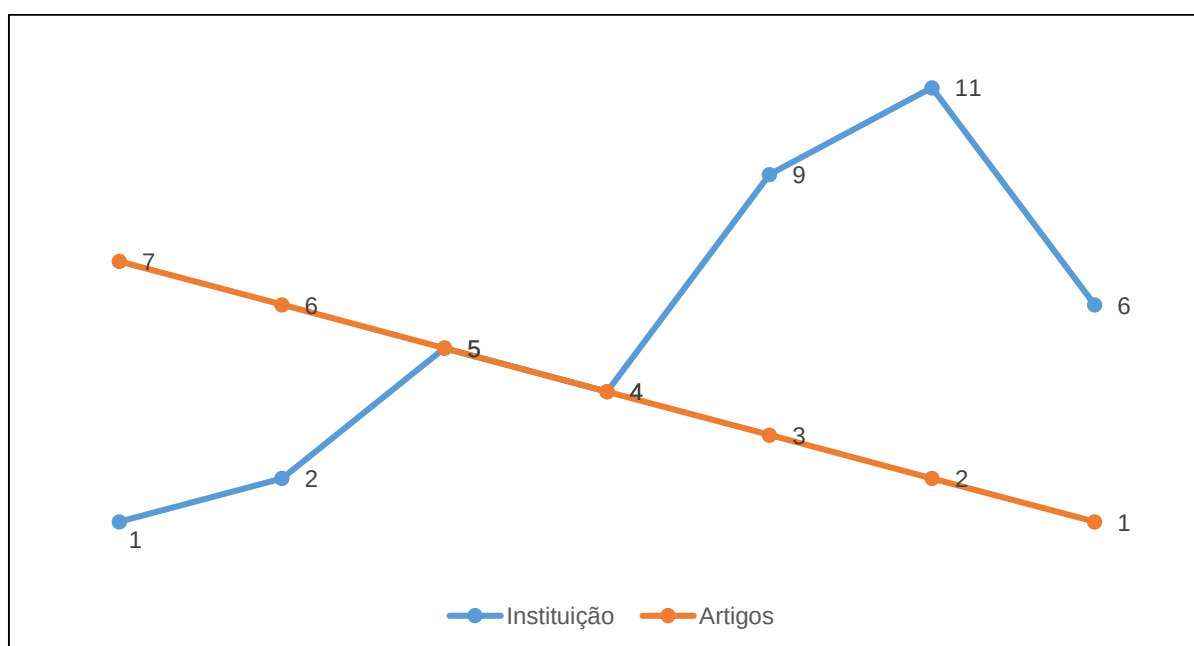
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

A Universidade de Toronto aparece em primeiro lugar com um total de sete artigos publicos ao longo do período analisado, sendo três entre 2008-2012 e quatro entre 2013-2017. A Universidade de York tem seis artigos publicados, todos no período de 2008-2012, em seguida vem a Universidade de Westminster também com seis

artigos, todos entre 2013-2017. A Universidade de Londres aparece com cinco artigos publicados, todos no período 2003-2007, em seguida vem a Universidade Western, de Manchester, de Roma e a Cambridge todas com cinco artigos.

No Gráfico 22 é possível observar a relação entre o número de instituição e a quantidade de artigos vinculados a ela.

Gráfico 22 - Relação Instituição x artigos, 1998-2017

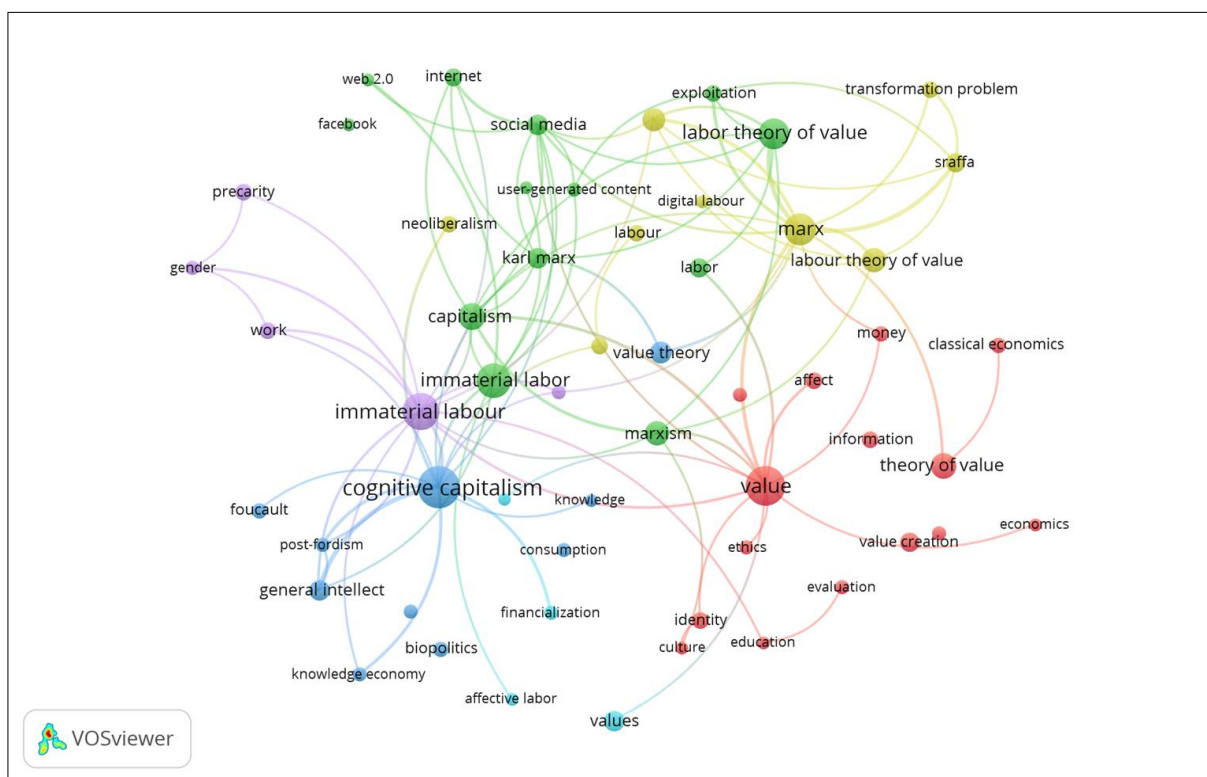


Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Uma única instituição produziu sete artigos no período, duas produziram seis artigos, cinco cinco, quatro quatro, nove instituições produziram três artigos, onze publicaram dois artigos e seis produziram apenas um artigos ao longo do período analisado. Destacando que este dado refere-se ao top10, de cada quinquênio, das instituições nas quais os autores são vinculados.

A Figura 31 apresenta coocorrência de palavras-chave, considerando o período total de análise (1998-2017).

Figura 31 - Coocorrência de Palavras-chave (Author Index) – 1998-2017



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

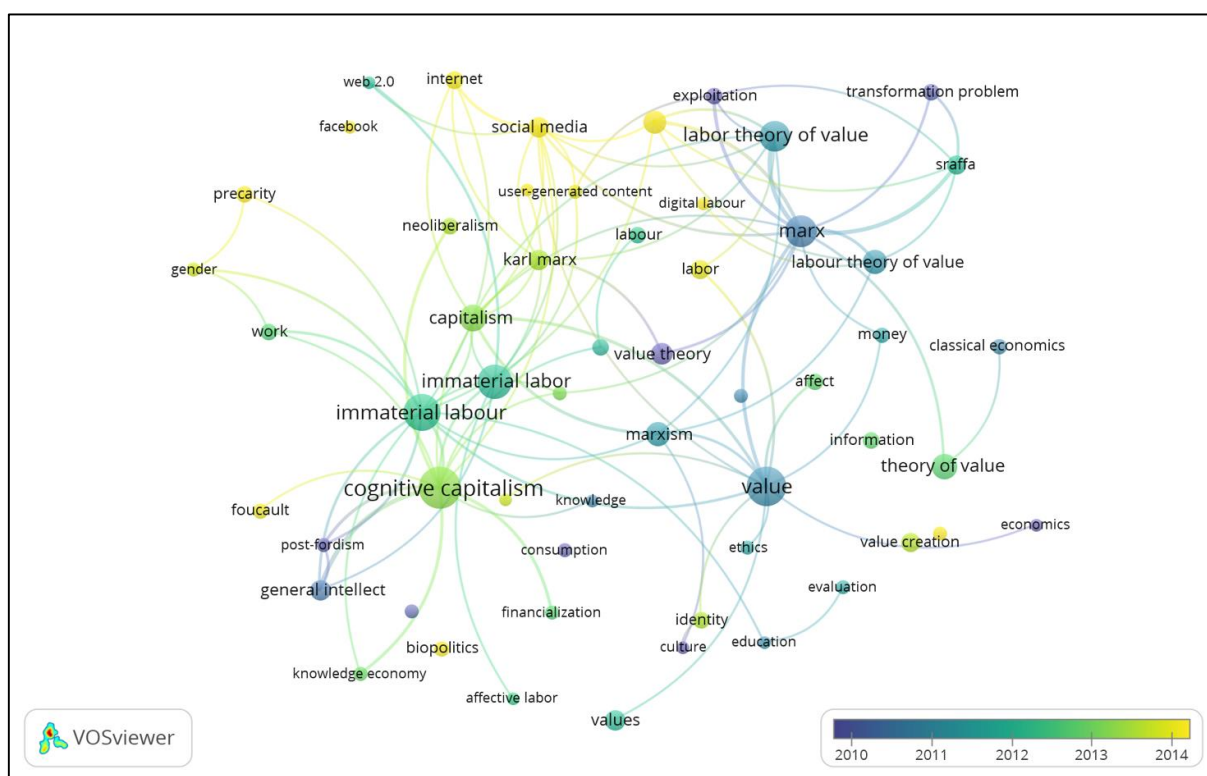
É possível observar, na Figura 31, a formação de seis *clusters* tendo, cada um deles, um termo nodal, a saber: valor (*cluster* vermelho), capitalismo cognitivo (azul), trabalho imaterial (lilás) que se articula com o *cluster* verde a partir do mesmo termo e o amarelo com Marx. A partir das relações apresentadas na Figura 31 pode-se considerar que os *clusters* se formam não só por aproximação temática, mas também por complementaridade teórica. Ou seja, os artigos apresentam palavras-chave relacionadas e relacionáveis com o conteúdo abordado tecendo redes conceituais e teóricas que compuseram o quadro da produção científica sobre a temática da teoria do valor de Marx.

Neste sentido, percebe-se que os termos valor, capitalismo cognitivo e trabalho imaterial que têm centralidade nos *clusters* configuram a rede de maneira bastante complementar, tendo em vista que os seus desdobramentos conceituais poderiam não

dar conta da realidade contemporânea. Isto aconteceu, sobretudo como reflexo da crise econômica de 2008.

Ao longo dos 20 anos de publicações houve um aumento no número e, por que não, na complexidade da rede formada a partir das palavras-chave, que podem indicar a chegada de novas temáticas correlatas, ou melhor, o adensamento das discussões acerca da teoria do valor envolvendo subtemas em virtude da alteração do quadro político e econômico mundial, como pode ser observado na Figura 32.

Figura 32 - Coocorrência de Palavras-chave (Author Index) Overlay – 1998-2017



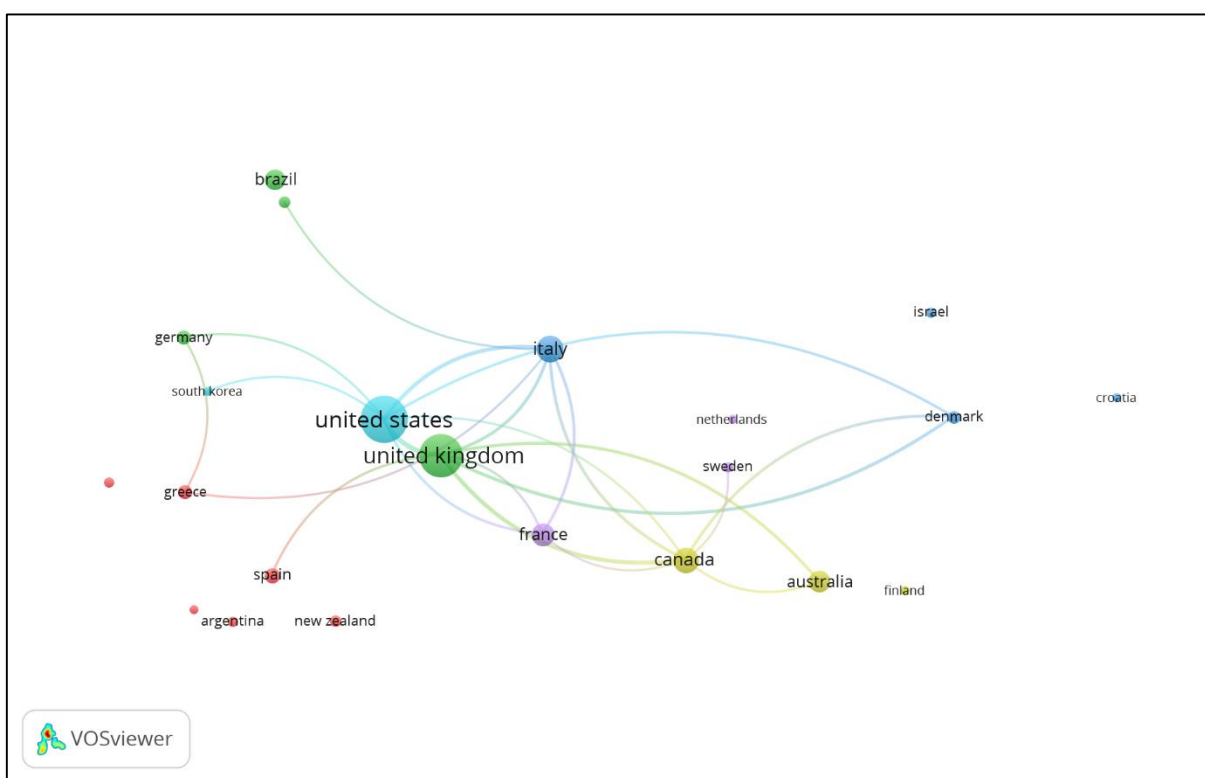
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Assim sendo, um exemplo factual foi a crise do banco Lehman Brothers que propiciou uma reação em cadeia nas bolsas de valores do mundo todo e teve como efeito principal um longo período de recessão e desemprego. O que se infere é que, além disso, a crise pode ter ocasionado mudanças importantes nas configurações dos estudos e pesquisas da área econômica, pois quando aglutinaram-se as palavras-chave (1998-2017) foi possível observar uma maior incidência de termos como mídias sociais,

internet, facebook, gênero, economia do conhecimento, trabalho digital, entre outros, que orbitaram sobretudo, mais afastados do nó central, o *cluster* amarelo (mais recente). É importante salientar que os pequenos nós são conhecidos como os fatores oxigenantes, as novidades, os recém chegados ao campo e operam dinamizando a rede geral.

Considerou-se importante visualizar de que maneira e com qual intensidade os países interagiram no que concerne à origem das citações (ver Figura 33).

Figura 33 - Origem das citações



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

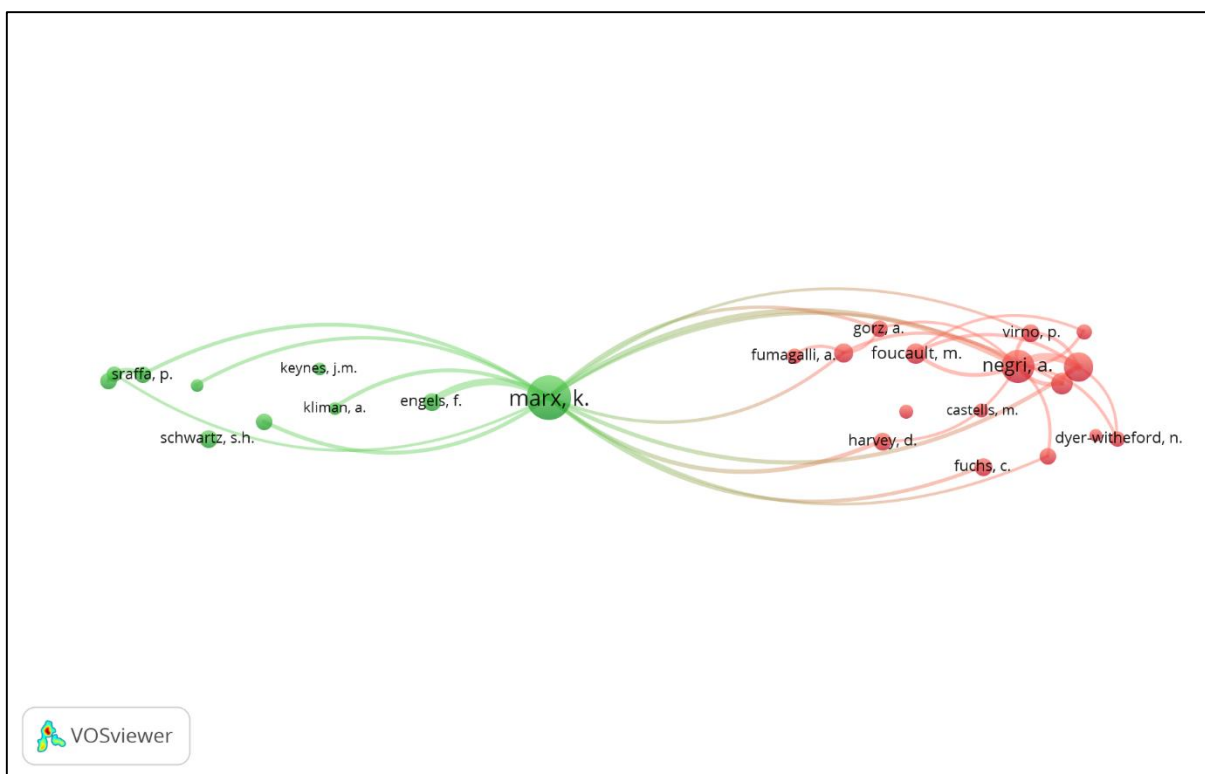
Ao observar a Figura 33 não foi surpresa constatar que o maior volume de trabalhos citados é proveniente dos Estados Unidos (azul) e do Reino Unido (verde). O já conhecido efeito Mateus consegue, por analogia, explicar o motivo pelo qual os artigos mais lidos são também os mais citados e que, por conseguinte, terão sua

visibilidade e potencial de citação ainda mais elevados ratificando sua posição de destaque no campo.

Uma grande limitação da SCOPUS, vista também em qualquer outra base internacional, é a baixa representatividade da ciência produzida nos países periféricos, como por exemplo no Brasil. Na Figura 33 o que se vê são dois clusters mais fortalecidos: o verde entre Brasil, Alemanha e Reino Unido e o azul entre Estados Unidos, Coreia do Sul, Itália e Dinamarca, ou seja, os artigos que citaram trabalhos assinados por brasileiros também o referenciaram a produção alemã e a inglesa criando uma rede teórico-metodológica entre esses países.

Quando se fala em rede desse tipo faz-se necessária a visualização dos autores que embasaram a produção científica sobre a temática da teoria do valor de Marx entre 1998 e 2017 de maneira correlaciona, como demonstra a Figura 34.

Figura 34 - Cocitação Authors (1998-2017) min. Strength 4



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

A Figura 34 apresenta dois clusters bem definidos: o verde com o nó central em K. Marx e o vermelho com uma maior pulverização de autores, mas com uma pequena centralidade em A. Negri. O que se depreende do exposto é que todos os artigos citaram Marx, pois ele é o elemento centralizador e, portanto, presente nos dois clusters.

5.3 DISCUSSÃO DOS DADOS

A pesquisa buscou investigar a produção científica sobre a teoria do valor, considerando também as teorias do valor relativas à informação: trabalho imaterial, capitalismo cognitivo e capitalismo informacional, no período de 20 anos (1998-2017). Argumentamos, na seção teórica, que a teoria do valor tal qual foi desenhada por Karl Marx ainda é válida para analisar os fenômenos contemporâneos do capitalismo.

Nesta pesquisa, foi utilizado os termos teoria do valor, trabalho imaterial (e suas variações), capitalismo cognitivo e capitalismo informacional em inglês no protocolo de busca, conforme descrito na seção 2.2, Quadro 2. O foco, portanto, foi conhecer e identificar a produção, indexada na base Scopus, sobre a temática.

De acordo com os dados analisados, observamos um aumento no número de publicações envolvendo a temática, tanto no que se refere a artigos originais quanto outros tipos de publicações como: revisões, crítica, capítulos de livro, livros etc. No entanto, há um alto índice de autores transeuntes, não se percebe um número expressivo de autores especialistas na temática.

A divisão temporal adotada neste estudo permitiu compreender melhor o desenvolvimento da pesquisa na área, além de compor um quadro comparativo por quinquênio que ajudou no tratamento dos dados analisados. Ademais, a análise do quadro geral possibilitou visualizar o panorama da produção científica sobre a temática, identificando a origem das citações e a cocitação de autores.

A apresentação dos mapas de coocorrência de palavras-chave, levando em consideração os termos indexados pelos autores e os termos indexados pela base, permitiu analisar como se configurou a rede de palavras sob as duas perspectivas.

Os mapas de rede de coocorrência de palavras elucidaram a formação de redes de palavras, deixando em evidência os termos que mais se relacionaram entre si. Os mapas de sobreposição apresentaram a temporalidade de uso de cada termo, de acordo com o período analisado. Os mapas de densidade trouxeram o peso de cada termo na rede de palavras.

A análise dos mapas demonstrara como está configurada a produção científica sobre a teoria do valor no período analisado, identificando por meio da coocorrência das palavras-chave as principais temáticas abordadas nesse período.

No primeiro quinquênio, que compreendeu os anos de 1998 a 2002, houve a publicação de 59 artigos originais. Os periódicos com maior destaque *Cambridge Journal of Economics*, *Journal Des Economistes Et Des Etudes Humaines*, *Capital Class* que são periódicos das áreas Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas, sobretudo Economia.

Dentre os países que mais publicaram no período se destacaram: Estados Unidos, Reino Unido e França. A configuração da produção científica nesse primeiro quinquênio sinaliza para pesquisas produzidas em países que são considerados desenvolvidos e, portanto, com alto grau de investimentos em estudos voltados para ciência e tecnologia. No que concerne à Teoria do valor estas pesquisas demonstram a capacidade destes países em direcionar seus investimentos para áreas que representam as novas forças produtivas voltadas para as capacidades intelectuais, mas sem deixar, portanto, de explorar os trabalhadores, sobretudo porque mantém a subsunção do trabalho pelo capital.

Na visualização da rede de coocorrência de palavras os termos que tiveram maior destaque foram Menger e Marx, considerando os termos indexados pelos autores. Considerando os termos indexados pela base, os que mais se destacaram

foram teoria econômica, marxismo, condições de mercado e desenvolvimento econômico. O destaque para os autores na rede leva a crer que as pesquisas desenvolvidas nesse período se voltam para os princípios da Economia Política clássica, ponderando também as categorias de valor desenhadas por Karl Marx.

No que se refere à rede de sobreposição, a temporalidade de uso dos termos Menger, Marx e valor, e os termos Sraffa e economia sinalizaram para o desenvolvimento de estudos que tiveram como base a teoria da utilidade marginal, contudo abordando questões relacionadas à teoria do valor de Marx e criticadas nos estudos do Pierro Sraffa. Levando em consideração os termos indexados pela base, o uso dos termos marxismo e teoria econômica, condições de mercado e desenvolvimento econômico obtiveram maior impacto, no período estudo, demonstra de forma gradual que os estudos partem da teoria econômica de Marx para analisar o desenvolvimento econômico e as condições de mercado.

A frequência de ocorrência desses termos sinaliza para as pesquisas que utilizam como alicerce teórico temáticas marxistas refletem acerca do desenvolvimento econômico caracterizado pelo período neo-ricardiano, tendo como base o pensamento econômico do Pierro Sraffa. Para além dessas reflexões, essas pesquisas contribuem para um exercício dialético sobre as condições econômicas do mercado.

No primeiro quinquênio é nítida a influência de Marx, sobretudo no que diz respeito à teoria econômica, configurando um panorama de estudos e pesquisas que tendem a não se afastar dessas questões teóricas. Percebe-se também a influência de Piero Sraffa, economista italiano, que foi professor na Universidade de Cambridge. Segundo Kurz e Gehrke (2006), Pierro Sraffa analisou e desenvolveu estudos sobre a teoria marginalista, apresentando os fundamentos teóricos dessa corrente.

Sraffa negou que o conceito de quantidade de capital pudesse ser definido independentemente da taxa de lucros e, mesmo que pudesse, que uma ligação causal poderia ser estabelecida a partir de uma determinada quantidade de capital através do uso de uma certa técnica para a taxa de lucros (KURZ; GEHRKE, 2006, p. 146, tradução nossa)

Ao analisar o segundo quinquênio, que compreende o período de 2003 a 2007, temos 64 periódicos que publicaram 220 documentos sobre a temática, dos quais 96 são artigos originais.

Dos periódicos que mais se destacaram neste período temos o *Cambridge Journal of Economics*, *Historical Materialism* e *Review of Radical Political Economics* são periódicos voltados para as ciências humanas, sociais e aplicadas, sobretudo sociologia, filosofia e economia. Os países com maior destaque foram Reino Unido, Estados Unidos e Itália. As universidades de Londres, Sorbonne e Graz foram as que tiveram maior número de artigos publicados.

Os termos de maior relevância na rede foram: valor e teoria do valor trabalho, considerando as palavras-chave indexadas pelos autores. No que se refere às palavras indexadas pela base, os termos de destaque foram teoria econômica, economia, marxismo e política econômica.

A configuração da rede de coocorrência demonstra que as pesquisas nesse período tiveram uma tendência à estudos teóricos voltados para teoria econômica do valor-trabalho na perspectiva do marxismo. A nacionalidade e a origem institucional desses trabalhos, instituições localizadas em países capitalistas desenvolvidos, permitem inferir que há uma concentração de estudos e análises sobre essa temática em países que detêm o capital financeiro, sabendo que fazem parte do G7 (grupo de países mais industrializados do mundo).

A Figura 17 e 18 mostram como é alta a densidade dos termos valor e teoria econômica. Se observarmos os termos mais próximos podemos perceber que os demais termos conduzem às pesquisas para o campo teórico, para o entendimento do capital, da teoria do valor trabalho e das políticas econômicas como categorias basilares para entender o funcionamento do capital.

No terceiro quinquênio (2008-2012) houve um total de 139 periódicos que publicaram 385 documentos voltados para teoria do valor, trabalho imaterial ou capitalismo cognitivo, dos quais 200 são artigos originais. Dos 139 periódicos, os que

tiveram maior destaque foram *Rethinking Marxism*, *Cambridge Journal of Economics* e *Journal of Communication Inquiry* que são periódicos voltados para áreas de ciências humanas, sociais aplicadas como economia, ciência política, sociologia, antropologia e comunicação.

Os países que mais se destacaram nesse período foram Estados Unidos, Reino Unido e Canadá, com as principais instituições Universidade de York, Universidade de Western e a Universidade de Londres. Nesse quinquênio, o Brasil aparece em sétimo lugar na lista dos 10 países que mais produziram sobre o tema, sendo o único país periférico a entrar na lista.

Ao analisar as palavras-chave de maior destaque na rede de coocorrência percebe-se que os termos valor, Karl Marx, marxismo, capitalismo cognitivo, criação de valor são os que mais tiveram destaque na rede, cada qual no seu *cluster* influenciam as demais pesquisas na área. A rede de coocorrência de palavras-chave formada com os termos indexados pela base mostra mais uma vez uma forte influência da teoria econômica, marxismo, além de perceber também o desemprego, trabalho e mercado de trabalho como marcadores na trilha de pesquisa do período.

Quando lançamos o olhar sobre a rede de temporalidade percebemos que os termos valor, Karl Marx, marxismo, capitalismo cognitivo começam a aparecer na rede a partir do final de 2010. Outros termos, como mídias sociais, biopolítica, composição do capital, vão ganhando mais força no final desse quinquênio, o que configura um processo natural de evolução e desenvolvimento de novos conceitos.

No quarto quinquênio (2013-2017) se destacam os periódicos *Knowledge Cultures*, *Caderno Crh* e periódico *Contributions To Political Economy* que abordam questões das Ciências Sociais e Humanas, sobretudo filosofia, economia, história, ciência política e ciência da informação. Novamente, se por um lado, seguem em destaque os Estados Unidos, Reino Unido, Itália com maior número de publicações, por outro, o Brasil se confirma entre os principais países produtores de pesquisas sobre o tema, chegando à quinta posição no *ranking* do quinquênio.

Quando analisamos os mapas de coocorrência de palavras percebemos a influência dos termos teoria do valor trabalho, capitalismo cognitivo, neoliberalismo, valor, karl marx, palavras-chave que estão em destaque todo o tempo configurando uma forte relação entre os termos que formam a rede.

Ao observar os teóricos que aparecem nos quinquênios podemos destacar entre 1998 e 2002 Pierro Sraffa, Carl Menger, Karl Marx apontando influências da escola neo-ricardiniana e da escola austríaca para o debate travado nos artigos. Entre 2003 e 2007 apenas Marx aparece nas redes. Entre 2008 e 2012 percebemos a presença da escola clássica com Adam Smith, Pierro Sraffa e Karl Marx. Entre 2013 e 2017 temos André Gorz, Antonio Negri, Michael Hardt, David Ricardo, Michel Foucault, Joseph Schumpeter e Karl Marx. De modo geral, o plano teórico ao longo dos 20 anos está alicerçado em torno do pensamento marxiano seja no que se refere as influências desses pensamento no desenvolvimento de novos estudos, ou mesmo as divergências e apontamentos para a compreensão do modo de produção capitalista contemporâneo.

Ao debruçar o olhar sob o quadro geral que as relações estabelecidas nos *clusters* são fruto, evidentemente, de uma proximidade temática, mas correspondem a uma complementariedade teórica. Ou seja, os trabalhos analisados apresentaram palavras-chave relacionadas e relacionáveis com o conteúdo abordado configurando redes conceituais e teóricas sobre a temática da teoria do valor de Marx.

No período de 20 anos de publicações constatou-se um aumento no número de publicações acerca da temática e, também, na complexidade da rede formada a partir das palavras-chave. Ao longo desse período surgiram reflexões e inflexões teórico-conceituais que possibilitou o desenvolvimento da rede e o surgimento de novas categorias que têm como base a teoria do valor, mas que não necessariamente segue o mesmo princípio, tendo em vista que algumas dessas categoriais surgem para se contrapor à teoria do valor.

Desse ponto de vista, entendemos como Marques e Raslan (2014) que Marx nos deixou um legado teórico-epistemológico que não só não está superado, mas pelo contrário, inclui muitos elementos que ajudam a explicar as novas configurações do trabalho. Como destacaram os autores: “se, por um lado, Marx decifrou o enigma do valor nas relações socioeconômicas da sua época, por outro lado, estamos hoje diante de novos desafios que o filósofo não viveu, mas vislumbrou” (MARQUES; RASLAN, 2014, p. 14).

Antunes (2009) destaca que o aparecimento do conceito de trabalho imaterial enquanto manifestação do trabalho vivo não coloca em declínio a validade da teoria do valor. Ao contrário, há uma ampliação das atividades que requerem uma dimensão intelectual, tanto nas atividades industriais, quanto nos serviços ou nas tecnologias de informação e comunicação.

Cremos que as formas de aparecimento do trabalho imaterial, enquanto manifestações do trabalho vivo contemporâneo, são partes cada vez mais presentes e constitutivas do processo de valorização do valor. Mas é preciso enfatizar que, numa era onde o saber científico e o saber laborativo inter-relacionam-se cada vez mais intensamente, a potência criadora do trabalho vivo ainda tem [...] a forma dominante do trabalho imaterial, em clara e crescente articulação com o trabalho material (ANTUNES, 2009, p. 11).

O fato dos maiores produtores serem os Estados Unidos e a Inglaterra demonstra muito a ampliação dessas atividades industriais.

Assim, temos uma conformação dos elementos constitutivos da teoria do valor, porque não estão dissociados da valoração material ou da subsunção do trabalho ao capital. Elas fazem parte das dimensões presentes na categoria trabalho, como relação social de produção e extração da mais-valia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência tem como objetivo fundamental chegar à veracidade dos fatos. Nesse sentido não se distingue de outras formas de conhecimento. O que torna, porém, o conhecimento científico distinto dos demais é que tem como característica fundamental a sua verificabilidade (GIL, 2010, p. 8).

A condição *sine quo non* para o estudo das ciências é que ele possa ser testado, verificado, refutado, comprovado. A partir de hipóteses, questionamentos, busca-se condições para aferir determinadas indagações que movem a ciência e permitem o desenvolvimento da sociedade. Este estudo procurou identificar operações mentais e técnicas que possibilitassem responder aos questionamentos iniciais que suscitaram o desenvolvimento da pesquisa.

Esta seção, portanto, apresenta quais as considerações podem ser feitas a partir dos resultados encontrados e quais outras questões foram suscitadas durante este percurso. É evidente, que os caminhos da ciência e da pesquisa não são findos, sempre nos colocam diante de outros horizontes, de outras perspectivas.

O trabalho empreendido nesta pesquisa sobre a produção científica acerca da teoria do valor sugere que as dinâmicas da transformação no modo de produção capitalista estão imbricadas nas configurações das novas relações sociais de produção. O desafio aqui proposto foi de **analisar a produção científica sobre a teoria do valor, em termos dos artigos publicados em periódicos, representada na base de dados Scopus**. Nesse sentido, foi considerado, portanto, a inclusão dos termos trabalho imaterial, capitalismo cognitivo e capitalismo informacional no protocolo de busca visando recuperar o máximo de conteúdo possível no período estabelecido.

Os principais conceitos e fundamentos da teoria do valor, descritos no capítulo 3 desse estudo, inauguram a temática da pesquisa. Esses conceitos e fundamentos são elencados e contextualizados no decorrer da seção a fim de explorar o potencial teórico destes termos.

Vale destacar a complexidade teórica que há nos estudos sobre o valor de Marx. Tal complexidade pode levar a muitos equívocos de interpretação, o que tornou necessário enfrentar a teoria do valor com o máximo de cuidado, mergulhando na dialética marxiana. Evidentemente, não constitui nosso objetivo desvendar ou diminuir toda a complexidade existente na teoria do valor de Marx, mas promover um esforço para apresentá-la com as características necessárias para poder analisar a produção científica sobre ela.

Assim, quando Marx trata o valor como forma social do produto de trabalho destacando os aspectos qualitativo e sociológico da forma social do trabalho, ele está empenhado em explicar as formas de exploração do capital. O mesmo acontece quando ele trata o aspecto quantitativo sob o processo de distribuição e desenvolvimento da produtividade do trabalho.

O capital, portanto, “como personificação da riqueza abstrata, exige de forma radical e avassaladora a submissão do trabalhador e impõe a redução de todo o trabalho a mero suporte do processo de valorização” (RUBIN, 1987, p.12). Essa personificação acarreta uma desvalorização do trabalho, material ou imaterial, porque o emprego crescente da máquina e o advento das tecnologias tornam a presença do trabalhador cada vez mais dispensável.

No entanto, Marx destaca que as relações de produção da sociedade capitalista e seu processo de modificação são capazes de converter as relações sociais entre seus trabalhos privados em relações materiais entre pessoas e relações sociais entre coisas. Assim, tem-se que a produção imaterial constituiu elemento chave da produção de valor já na sociedade industrial, e que esta última, ao contrário do que pensavam aqueles que proclamaram seu fim, cresce de maneira exponencial se se observar a economia global – considerando a China e a Índia, o número de proletários de fábrica convencional nunca foi tão grande.

A ideia de que estamos superando um paradigma de produção por outro ignora a complexidade da divisão internacional do trabalho, como se a sociedade tivesse

mudado integralmente de paradigma produtivo e entrado em uma nova era. O que houve foi uma reconfiguração da divisão internacional do trabalho e das formas articuladas de acumulação.

Como bem destaca Antunes (2009, p. 238), o mundo atual apresenta um cenário de profunda contradição. Sabendo que o trabalho ainda é central para criação do valor, isso nos coloca diante de uma classe trabalhadora fluída e perene, como o são os/as precarizados/as, flexibilizados/as, temporários/as, além do enorme exército de desempregados/as que se esparramam pelo mundo.

Ademais, coube a esta pesquisa destacar as principais correntes teóricas que tratam a informação como valor. As reflexões aqui elencadas apresentam os aspectos discutidos por André Gorz (2005); Lazzarato e Negri (2001); Marazzi (2009), sobre o trabalho imaterial. As ponderações sobre capitalismo cognitivo abordadas por Moulrier-Boutang (2001); Corsani (2003), Albagli (2014); e as reflexões sobre capitalismo informacional e renda informacional de Dantas (1999; 2006; 2011; 2014a).

Não se pretende negar que houve fenômenos tecnológicos significativos no mundo da informação, com profundo impacto na economia e mesmo na totalidade das relações sociais de produção, que exigem novas problematizações da teoria do valor. Mas se pode rejeitar, a partir da constatação do crescimento da produção sobre o tema assim como da centralidade das referências a Marx, a tese de que a teoria do valor não mais serviria para explicar esses fenômenos e seus impactos.

Evidentemente, as teorias da informação como valor pressupõem uma posição de destaque da informação como elo das relações sociais de produção, configuradas a partir do acesso, uso e disseminação da informação. Trata-se, portanto, dos processos-chave que estão no cerne dessas relações e que, muitas vezes, pode determinar o valor da informação.

O trabalho imaterial abordado por Gorz (2005); Lazzarato e Negri (2001); Marazzi (2009) é apreendido a partir do conjunto de atividades que envolvem energias intelectuais e científicas dos sujeitos. Ele engloba a informação e o conhecimento como

elemento-chave nesse processo e está completamente enraizado no modelo de produção baseado nas subjetividades.

Assim, o trabalho se reconfigurou como uma atividade que exige o desenvolvimento da capacidade de tomada de decisão. Embora essa reconfiguração não enquadre o trabalho do operário apenas a partir de suas capacidades intelectuais, mesmo que este elemento esteja mais evidente, ainda há características do trabalho fordista na exploração da sociedade capitalista. Um exemplo é o trabalho operário das grandes indústrias têxteis, onde os/as operários/as estão limitados/as a exercer apenas determinadas atividades da produção. Outra questão, como apontou o estudo realizado por Nogueira e Bastos (2009), sobre empresas fidelizadoras da indústria de call centers, é que esse tipo de indústria ainda está alinhada à precarização do trabalho, sendo responsável pelo principal quadro predominante de uma estratégia de controle, racionalização e exploração do trabalho.

O ponto de vista da corrente teórica do capitalismo cognitivo, sustenta a ideia de que a teoria do valor não tem validade para explicar os fenômenos atuais da exploração do capital e subsunção do trabalho. Isso se daria, sobretudo, porque o capital fixo estaria no cérebro dos trabalhadores, ou seja, a acumulação e a formação do lucro estariam vinculadas ao conhecimento, à criatividade. Assim, as relações sociais de produção estariam baseadas em elementos comunicativos, afetivos, informacionais, criativos e inovativos.

Em relação aos autores mais devotados à temática percebeu-se que não há uma concentração da produção científica em determinados autores, há um alto índice de autores transeuntes, assim como um grande número de autores produzindo pouco e um pequeno número de autores produzindo muito.

As séries temporais com a produção científica sobre a teoria do valor foi apresentada em quinquênios, assim como apresentado um panorama geral aglutinando os quatros quinquênios.

Os dados revelaram uma concentração da produção em países europeus, contudo os Estados Unidos também se destacaram no quadro geral. O periódico que mais se destacou foi o *Cambridge Journal of Economics*, com um total de 26 publicações ao longo de todo o período analisado (1998-2017).

Percebeu-se uma centralização da produção científica sobre o tema em países desenvolvidos, com economias capitalistas fortes. O Brasil ocupa a sétima posição no terceiro quinquênio (2008-2012) e a quinta posição no quarto quinquênio (2013-2017) no ranking dos países que mais produziram sobre a temática. Isto evidencia um esforço, por parte dos pesquisadores brasileiros, em produzir estudos e análises na área que contemplem a temática da teoria do valor.

As análises das redes de coocorrência de palavras permitiram visualizar a frequência de palavras-chave, inclusive autores, que destacam a relevância da produção e desvendam os caminhos que a pesquisa sobre a temática tomou ao longo do tempo. As palavras-chave mais fortes nas redes foram teoria econômica, valor, marxismo, capitalismo cognitivo, capitalismo e fluxo de capital.

Quanto aos teóricos que apareceram, temos Carl Menger, Pierro Sraffa e Karl Marx, Adam Smith, André Gorz, Antonio Negri, David Ricardo, Michel Foucault, Michael Hardt e Joseph Schumpeter caracterizando uma pluralidade de ideias contextualizadas no seu tempo e espaço, simbolizando um amplo debate teórico. A leitura dos mapas se deu de acordo com a frequência de ocorrência dos termos. Foi constatado a influência de teóricos que contribuíram significativamente para a análise da teoria marxiana, ora se aproximando das teorias marxistas, ora se distanciando.

Diante dessa perspectiva, observou-se que este estudo se mostrou relevante por apresentar a rede de produção científica na área da teoria do valor. Ele se configura em uma pesquisa quantitativa sobre uma temática qualitativa, na área das ciências sociais, utilizando metodologia (técnicas) bibliométrica para analisar e compreender a realidade da pesquisa. Este campo de visualização da informação tem potencial para oferecer integração de conhecimentos e saberes e serem aplicadas nas mais diversas

análises, desde aspectos econômicos até os sociais. Ademais, o mapeamento através do grafos podem agora estabelecer ponto de partida para futuros estudos e pesquisas na área.

Diante dos dados apresentados neste estudo se elucidou a problematização acerca da produção científica sobre a teoria do valor, em termos dos artigos de periódicos. Está configurada, dentro do universo estabelecido, com a grande parte dos artigos publicados em periódicos localizados nos países europeus, destacando-se também periódicos dos Estados Unidos.

A Rede de coocorrência de palavras sinaliza para uma produção voltada para os estudos teóricos marxistas e marxianos, para uma análise das condições econômicas do mercado, a partir das teorias econômicas da Escola Clássica (Adam Smith e David Ricardo), Escola Historicista (Joseph Schumpeter), Neo-Ricardiniana (Pierro Sraffa), Escola austríaca (Carl Menger), além de André Gorz, Antônio Negri, Michael Hardt, Michel Foucault e o próprio Karl Marx.

O estudo das relações métricas em um *corpus* de documentos permite compreender os componentes de interação entre os fatores que as tornam possível, nas diversas áreas do conhecimento. Assim, conhecer a informação e seus modos de acesso e uso implica não só o estudo dela em si mesma, mas em todos os seus componentes e elementos internos (ARAÚJO, 2018, p. 71).

O estudo apresentado tornou-se agora uma mola propulsora para novos desafios, sobretudo na interlocução das ciências sociais e as métricas de informação. Assim, outras pesquisas podem ser desenvolvidas, inclusive recorrendo ao mesmo aparato metodológico, e ao conjunto de dados coletados para análises de cocitação de autores, de documentos e de periódicos a fim de identificar a rede de colaboração entre autores.

Do ponto de vista teórico, é possível fazer a inflexão sobre a própria teoria do valor apresentando elementos concretos da realidade que justificam a sua atualidade, ou ainda tecer uma análise teórico-metodológica entre a teoria marxistas e marxianas,

abordando as diferenças e semelhanças e suas implicações para o campo da informação. Além disso, abordamos as teorias do valor informação, aqui apresentadas de forma sucinta, traçando pontos de convergência e divergência com a teoria do valor, essa abordagem poderá ser desenvolvida em um outro momento de aprofundamente teórico.

Para além das questões teórico-metodológicas abordadas nesta pesquisa é preciso compreender que houveram limitações no decorrer do seu desenvolvimento, podemos citar a principal delas é o fator tempo. Tempo para aprofundar as leituras, garimpar literaturas, desconstruir conceitos, ampliar as análises em torno do objeto empírico. Tais limitações conduziram esta pesquisa por caminho que, inicialmente, não fora planejado, mas nos levaram a um horizonte de possibilidades que determinou a compreensão do objeto analisado.

São muitos os desafios a serem alcançados, no que concerne ao desenvolvimento de um pensamento crítico e dialético. Esforços como este, a partir das questões e métodos fundamentais da Ciência da Informação, são pequenas contribuições não só às Ciências Sociais, mas à ciência em geral.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

ALBAGLI, Sarita. Informação, saber vivo e trabalho imaterial. *In*: ALBAGLI, Sarita (Org.). **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, 2013. p. 107-126.

ALBAGLI, Sarita. Inovação no capitalismo cognitivo. *In*: SIQUEIRA, Mauricio; COCCO, Giuseppe (Orgs.). **Por uma política menor**: arte, comum e multidão. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbora, 2014. p. 211-224.

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia. Informação, conhecimento e democracia no capitalismo cognitivo. *In*: COCCO, Giuseppe; ALBAGLI, Sarita (Org.), **Revolução 2.0**: e a crise do capitalismo global. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 40-58.

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lúcia, Informação, Poder e Política: a partir do sul, para além do sul. *In*: ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia (Org.), **Informação, Conhecimento e Poder, mudança tecnológica e inovação social**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

AMORIM, Henrique. **Trabalho imaterial**: Marx e o debate contemporâneo. São Paulo: Annblume; Fapesp, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

ANTUNES, Ricardo. Século XXI: Nova Era da Precarização Estrutural do Trabalho? *In*: ANTUNES, Ricardo, BRAGA, Ruy (Org.). **Infoproletários**: degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Pensamento marxista na Arquivologia, na Biblioteconomia, na Museologia e na Ciência da Informação. *In*: MARQUES, Rodrigo Moreno et. al (Org.). **A informação e o conhecimento sob as lentes do marxismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014. p. 191-2016.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. Trabalho intelectual, comunicação e capitalismo: a reconfiguração do fator subjetivo na atual reestruturação produtiva. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, Rio de Janeiro, n. 11, dez. 2002.

BORKO, Harold. Information science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968.

BOTTOMORE, Tom (ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAPELLER, Ivan. Por uma dialética do gosto (resenha). **Revista Eptic**, São Paulo, v. 19, n. 2., 2017.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia y ciencia de la información. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.

CASTILHO, Juan José. O trabalho do conhecimento na sociedade da informação: a análise dos programadores de software. *In*: ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (Orgs.). **Infoproletários**: degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2009.

COLMÁN, Evaristo; POLA, Karina Dala. Trabalho em Marx e Serviço Social. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 12, n. 1, 2009.

CORNELIUS, Ian. **Meaning and method in information studies**. New Jersey: Ablex, 1996.

CORSANI, Antonella. Elementos de uma ruptura: a hipótese do capitalismo cognitivo. *In*: COCCO, Giuseppe. (org.). **Capitalismo Cognitivo**: trabalho, redes e inovação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DANTAS, Marcos. As rendas informacionais e a apropriação capitalista do trabalho científico e artístico. *In*: MARQUES, Rodrigo Moreno et. al (Org.). **A informação e o conhecimento sob as lentes do marxismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014a.

DANTAS, Marcos. Capitalismo na era das redes: trabalho, informação e valor no ciclo da comunicação produtiva. *In*: LASTRES, Helena; ALBAGLI, Sarita. **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

DANTAS, Marcos. Informação como trabalho e como valor, **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, Rio de Janeiro, n. 19, 2006.

DANTAS, Marcos. A renda informacional. *In*: ENCONTRO DA COMPÓS, 17, 2008, São Paulo: UNIP, 2008.

DANTAS, Marcos. Mais-valia 2.0: produção e apropriação de valor nas redes do capital. **Eptic Online**, v.16, n.2, 2014b.

DANTAS, Marcos. Milionários nada por acaso: capital rentista e apropriação do trabalho artístico nas redes do espetáculo. **Eptic**, v. 13, n. 2, maio/ ago. 2011.

DANTAS, Marcos. **Trabalho com informação**: investigação inicial para um estudo na Teoria do valor. 295f. 1994. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação. *In*: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; Lara, Marilda Lopes Ginez (Orgs.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008, p. 17-34.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GORZ, André. **O imaterial**: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. **Para entender O capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

HE, Qin. Knowledge discovery through co-word analysis. **Library Trends**, v. 48, n. 1, p. 133–159, 1999.

HERSCOVICI, Alain; BOLÃO, César; MASTRINI, Guillermo. **Economia Política da Comunicação e da Cultura**: uma apresentação. [S./], 2000. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/99191498/Economia-Politica-da-Comunicacao-e-da-Cultura-uma-apresentacao>. Acesso em: 25 jun 2019.

HJORLAND, Birger.; ALBRECHTSEN, Hanne. Toward a new horizon in information Science: domain analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995.

JEANNERET, Yves. Analyser les “réseaux sociaux” en tant que dispositifs infocommunicationnels: une problématique. 2ª Jornada Científica Internacional da Rede Mussi. **Anais...** Rio de Janeiro: Rede Mussi, Ict/Fiocruz, Ibict-UFRJ, Unirio, outubro de 2012.

KURZ, Heinz. D.; GEHRKE, Christian. Sraffa on von Bortkiewicz: Reconstructing the classical theory of value and distribution. **History of Political Economy**, v. 38, n. 1, p. 91-149, 2006.

LAZZARATO, Maurizio. Trabalho e capital na produção dos conhecimentos: uma leitura através da obra de Gabriel Tarde. *In*: COCCO, G. (org.). **Capitalismo Cognitivo: trabalho, redes e inovação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial**: formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MACHADO, Lucília. Instrumentos de trabalho. *In*: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

MACHADO, Raymundo das Neves. **Estrutura intelectual da literatura científica do Brasil e outros países dos BRICS**: uma análise de cocitação de periódicos na área de célula-tronco. 364f, 2015. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

MARAZZI, Christian. **O lugar das meias**: a virada linguística da economia e seus efeitos sobre a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MARQUES, Rodrigo Moreno. **Intelecto geral e polarização do conhecimento na era da informação**: o Vale do Silício como exemplo. 254f. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, 2014.

MARQUES, Rodrigo Moreno. Trabalho, informação e conhecimento: relendo Marx na era da informação. **Logeion**: filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 47-71, 2016.

MARQUES, Rodrigo Moreno; RASLAN, Filipe. Contribuições à crítica da era da informação e do conhecimento. *In*: MARQUES, Rodrigo Moreno; RASLAN, Filipe; MELO, Flávia; KERR PINHEIRO, Marta Macedo (Org.) **A Informação, e o conhecimento sob as Lentes do Marxismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

MARTELETO, Regina. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 3, n.1, 2010.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 33. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MARX, Karl, **O Capital**. 3. ed. Bauru: Edipro, 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOULIER-BOUTANG, Yann. **Cognitive Capitalism**. London: Polity Press, 2011b.

MOULIER-BOUTANG, Yann. O território e as políticas de controle do trabalho no capitalismo cognitivo. *In*: COCCO, Giseuppe. (Org.), **Capitalismo Cognitivo**: trabalho, redes e inovação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOULIER-BOUTANG, Yann. Wikipolítica e economia das abelhas. Informação, poder e política em uma sociedade digital. *In*: ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia (Org.), **Informação, Conhecimento e Poder, mudança tecnológica e inovação social**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011a.

NEGRI, Antonio. **Cinco lições sobre o império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NOGUEIRA, Arnaldo Mazzei; BASTOS, Fabrício Cesar. O desenho do trabalho assalariado em empresas fidelizadoras da indústria de *call centers* no Brasil. *In*: ANTUNES, Ricardo, BRAGA, Ruy (Org.). **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual**. São Paulo: Boitempo, 2009.

ORMAY, Larissa Santiago. **Propriedade intelectual e renda no capital informação**. 215f, 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PAULO NETTO, José; BRAZ, Marcelo. **Economia política**: uma introdução crítica. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Fronteiras e horizontes da pesquisa em ciência da informação no Brasil. *In*: ALBAGLI, Sarita (Org.). **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, 2013. p. 7-33.

PRADO, Eleutério Fernando da Silva. Intelecto geral. *In*: MARQUES, Rodrigo Moreno; RASLAN, Filipe; MELO, Flávia; KERR PINHEIRO, Marta Macedo (Org.) **A Informação, e o conhecimento sob as Lentes do Marxismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel. Relación entre los conceptos: información, conocimiento y valor. Semejanzas y diferencias. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 52-61, 2005.

ROGGERO, Gigi. A autonomia do saber vivo: relação e ruptura entre instituições do comum e comunismo do capital. *In*: COCCO, Giuseppe; ALBAGLI, Sarita (Org.), **Revolução 2.0: e a crise do capitalismo global**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 59-74.

RUBIN, Isaak Illich. **A teoria marxista do valor**. São Paulo: Polis, 1987.

SCHNEIDER, Marco. **A Dialética do Gosto: informação, música e política**. Rio de Janeiro: Circuito / Faperj, 2015.

VAN ECK, Nees Jan; WALTMAN, Ludo. How to normalize cooccurrence data? An analysis of some wellknown similarity measures. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**. v. 60, n. 8, p. 1635–1651, 2009.

VAN ECK, Nees Jan; WALTMAN, Ludo. Software survey: VOSviewer, a computer program for bibliometric mapping. **Scientometrics**, v. 84, p. 523–538, 2010.

VAN ECK, Nees Jan; WALTMAN, Ludo. **VOSviewer manual**. Leiden: Universiteit Leiden. 2016.

VAN ECK, Ness Jan; WALTMAN, Ludo; VAN DEN BERG, J; KAYMAK, U. Visualizing the computational intelligence field. **IEEE Computational Intelligence Magazine**. v.1, n. 4, p. 6-10, 2006.

VERCELLONE, C., From Formal Subsumption to General Intellect: Elements for a Marxist Reading of the Thesis of Cognitive Capitalism. **Historical Materialism**. n.15, 2007. p.13-36.

WALLERSTEIN, Immanuel. The sociologist and the public sphere. *In*: CLAWSON, Dan et al. (Ed.). **Public sociology**. Berkeley: University of California Press, 2007. p. 169-175.

**APÊNDICE A – LISTA DOS PRINCIPAIS PERIÓDICOS QUE APRESENTARAM
MAIOR PRODUÇÃO**

#	Nome	Título abreviado/ SIGLA	ISSN	Qualis	Categorias
1	Cambridge journal of economics	Cambridge J. Econ. Camb. J. Econ.	ISSN 0309-166X LCCN 00238244	A1: Economia B3: Ciências Biológicas	Ciências Sociais Aplicadas: Economia
2	Capital & Class	Cap. cl.	ISSN 0309-8168 LCCN 83646930	A1: Ciência Política e Relações Internacionais	Ciências Humanas: Ciência Política Ciências Humanas: Sociologia Ciências Sociais Aplicadas: Economia
3	Journal Des Economistes Et Des Etudes Humaines	JEEH	ISSN 2153-1552	-	Negócios e Economia Política Econômica
4	Historical Materialism	Hist. Materialism Hist. Mater.	ISSN 1465-4466 LCCN 2006242110	B1: Filosofia B2: História B1: Linguística e Literatura	Ciência Política Filosofia Sociologia Economia
5	Review of Radical Political Economics	Rev. Radical Pol. Econ. Rev. Radic. Polit. Econ. Rev. Radical Polit. Econ.	ISSN 0486-6134 LCCN 2003238005	B2: Ciências Agrárias I B5: Ciências Biológicas II	Ciência Política Sociologia Economia
6	Rethinking Marxism	Rethink. Marx.	ISSN 0893-5696 LCCN 88658558	-	Antropologia Ciência Política Sociologia Economia
7	Journal of Communication Inquiry	J. Commun. Inq.	ISSN 0196-8599 LCCN 2004214331	-	Comunicação

8	Knowledge Cultures		ISSN 2327-5731	C: Educação B2: Ensino B4: Filosofia A2: Interdisciplinar C: Saúde Coletiva	Filosofia História Ciência da Informação Ciências Políticas Educação Estudos Culturais Teoria Literária e Literatura Sociologia
#	Nome	Título abreviado/ SIGLA	ISSN	Qualis	Categorias
9	Caderno CRH	Cad. CRH	ISSN 0103-4979	A2: Artes / música B1: Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo; Comunicação e Informação B2: Ciências Agrárias I; Economia B3: Engenharias III	Antropologia Sociologia Sociais e Humanidades
10	Contributions to Political Economy	Contrib. polit. econ.	ISSN 0277-5921	-	Economia Economia Política

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

APÊNDICE B – TERMOS QUE FORAM EXCLUÍDOS DO TESAURO

TERMOS AUTOR EXCLUÍDOS 1998 – 2002	TERMOS BASE EXCLUÍDOS 1998 – 2002
cambodia	greece
evaluation	measurement method
food	methodology
history	mexico
labor theory of value	modeling
labour theory of value	north america
methodological individualism	questionnaire survey
theory	slovakia
value theory	theoretical study
	theory

TERMOS AUTOR EXCLUÍDOS 2003- 2007	TERMOS BASE EXCLUÍDOS 2003- 2007
australia	keyword
bulgaria	africa
coca-cola	article
cognitive capitalism	asia
croatia	australasia
delphi	australia
discourse analysis	controlled study
dpp	data analysis
finland	delphi analysis

g/srat	model
immaterial labor	namibia
immaterial labour	new south wales
italian case studies	north america
labour theory of value	northern territory
labout theory of value	object attachment
measurability	object relation
methodology	observer bias
northern territory	oshana
play	phenomenological approach
TERMOS AUTOR EXCLUÍDOS 2003-2007	TERMOS BASE EXCLUÍDOS 2003-2007
qualitative approach	philosophical aspects
semiotics	recall
separative cause	set (psychology)
taiwan and democratization	south australia
theories of value	southern africa
theory of value	sub-saharan africa
theory of values	theoretical study
vietnam	tropical region
vitalism	united states

TERMOS AUTOR EXCLUÍDOS 2008-2012	TERMOS BASE EXCLUÍDOS 2008-2012
academic activism	accuracy assessment

analytics	argentina
argentina	article
australia	asia
blogging	australia
brazilian colonial economy	canada
canada	chile
chile	comparative study
china	conceptual framework
chinese subtitle groups	data
choice	data characteristics
data	data evaluation
data mining	data quality
databases	england
ict revolution	english
icts	eurasia
immaterial labor	europe
immaterial labour	evaluating criteria
immaterial work	expected informations
immaterial work-labor	geographic data
instrumental valuation	geographical data
TERMOS AUTOR EXCLUÍDOS 2008-2012	TERMOS BASE EXCLUÍDOS 2008-2012
interpretation	geography
is and Im curves	iceland
islamic movements	image quality
italian capitalism	japan

ito's lemma	latin america
j-cool	model test
korean youth	model validation
labor theory of value	new south wales
labour theory of value	north america
method acting	northern europe
methodology	norway
methods	numerical model
mmog	ontario [canada]
non-concavity	papua new guinea
pvq	quality data
quality	scandinavia
research methods	semi structured interview
research organisations	south america
step-by-step method	stockholm [stockholm (cnt)]
theory	stockholm [sweden]
theory of fdi and the mne (ownership?location? internalization)	stockholm national urban park
theory of value	sweden
triad	sydney [new south wales]
tv	theoretical study
value theory	toronto
value-theory	valuation

TERMOS AUTOR EXCLUÍDOS 2013-2017	TERMOS BASE EXCLUÍDOS 2013-2017
---	--

aboriginal australia	argentina
algorithm	barcelona [barcelona (prv)]
amazonia	barcelona [catalonia]
andes	buenos aires [federal district]
TERMOS AUTOR EXCLUÍDOS 2013-2017	TERMOS BASE EXCLUÍDOS 2013-2017
archive	canada
atc21s	catalonia
b14	chicago
b22	chile
b2b relationships	cointegration analysis
b310	colombia
b500	comparative study
b51	conceptual framework
buzzfeed	contingent valuation
cambodia	empirical analysis
cambridge equation	empirical knowledge
categorization	exploratory factor analysis (efa)
category	factor analysis
chile	federal district [argentina]
choice experiments	france
co-citation analysis	germany
co-creation	illinois
crowd-sourcing	mining
crowdsourcing	modeling
curriculum 1826	multivariant analysis

d010	peru
d460	poland
data turn	quantification
deductive method	quantitative analysis
derivatives	research
dialectical method	research work
dialectics	santander [colombia]
discourse	semantics
discourse analysis	spain
discretion	surveys
dominant position (d42)	theoretical study
editing	theory of value
english	toronto
equivalent factor	united states
TERMOS AUTOR EXCLUÍDOS 2013-2017	TERMOS BASE EXCLUÍDOS 2013-2017
essential foundations of theories	
estonia	
ethnographic theory	
ethnography	
evaluation	
focus groups	
france	
html5	
immaterial labor	
immaterial labour	

immaterial work	
interdisciplinary approach	
interdiscursive practice	
interpretation	
islamic economics	
islamic finance	
islamic monetary theory of value	
italian economic thought	
jel: z130	
labour values	
labour-value	
metadata	
methodology	
mining	
ontological and epistemological conditions	
ontology	
open source	
participatory research	
perú	
positivism	
qualitative methodology	
qualitative research	
quality	
TERMOS AUTOR EXCLUÍDOS 2013-2017	

quantification	
quantitative analysis	
queer theory	
quesnay	
random effects model	
research methodology	
research personality	
serbia	
south korean cinema	
spain	
systematic review	
tanzania	
tautology	
the labour theory of value	
theories of value	
theory	
theory of value	
theory of values	
toronto	
valuation method	
value theory	
value-theory	